

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, GÊNERO E INTERAÇÃO  
SOCIAL**

**MARIA MIRTES MAGALHÃES VITURINO**

**A FUNÇÃO DO AVÔ NA FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA**

**RECIFE**

**2017**

**MARIA MIRTES MAGALHÃES VITURINO**

**A FUNÇÃO DO AVÔ NA FAMÍLIA MONOPARENTAL  
FEMININA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Linha de Pesquisa Família, Gênero e Interação Social como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Cristina Maria de Souza Brito Dias.

**RECIFE**

**2017**

# **MARIA MIRTES MAGALHÃES VITURINO**

Dissertação aprovada em: 02 de fevereiro de 2017.

## **Banca examinadora**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Albenise de Oliviera Lima (UNICAP)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristina Maria de Souza Brito Dias (UNICAP)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lucia Gurgel da Costa (UFPE)

**Recife/2017**

## AGRADECIMENTOS

Ao Senhor dos Exércitos, que sempre combate à minha frente e me possibilita as vitórias diárias.

Ao meu marido, Gilmário, por me apoiar em todos os desafios que abraço, inclusive as investigações científicas, e por compreender a minha ausência para empreender a pesquisa, pelo respeito a essa paixão que tenho pelo estudo.

Aos meus dois tesouros, meus filhos, Marina e Milton, que me ensinaram a lutar. A existência deles foi o motor que me impulsionou para as diversas conquistas, realizações e também para o êxito desse Mestrado.

À minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristina Maria Souza Brito Dias, pelo seu respeito à minha produção e às minhas escolhas na construção de cada parágrafo.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Albenise de Oliveira Lima, da Universidade Católica de Pernambuco, pela sua disponibilidade em participar da correção desse trabalho de forma tão perspicaz, contribuindo com ricas observações.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lucia Gurgel da Costa, da Universidade Federal de Pernambuco, por sua participação na revisão desse trabalho, indicando as adequações necessárias de forma muito pertinente.

Aos avôs, sujeitos da pesquisa, e às suas famílias, o meu respeito e meu agradecimento pelo desprendimento e confiança para falar de suas famílias e de seus herdeiros tão preciosos, os seus netos, pois sem eles esse sonho não teria se tornado realidade.

À Direção da Faculdade de Ciências Humanas – FACHO, nas pessoas do Professor José Adailson de Medeiros e da Profa. Ana Cristina Fonseca, pelo apoio financeiro institucional para a realização do Mestrado.

À minha amiga mais certa das horas incertas, Prof<sup>ª</sup>. Rosilei Montenegro, pela sua disponibilidade ilimitada nas horas que mais precisei ao longo dos últimos vinte anos.

Ao Prof. Nivaldo Torres, da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO, que me ajudou nas reflexões sobre o tema de pesquisa que me conduziram ao Mestrado, incentivando a minha trajetória para a investigação científica.

Ao Prof. Sandro Prado, Coordenador dos Cursos de Administração e Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO, pelo seu apoio e incentivo para a realização desse Mestrado.

À Profª. Ana Izabel Correia, Coordenadora da Clínica de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO, pela sua confiança na minha capacidade de empreender o Mestrado, assinando a carta de apresentação e ajudando a discernir na escolha do tema: relacionamento entre avós e netos.

À Profª. Maria Rivonete Moraes, da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO, pela disponibilidade em discutir os primeiros parágrafos, pela análise do pré-projeto e pela confiança em dar-me uma carta de apresentação ao Mestrado.

À Professora Maria Ângela Cassundé, Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO, pela sua disponibilidade em ajudar-me e pela confiança de apresentar-me ao Mestrado.

À Profª. Guiomar Melo, da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO, pelo carinho, orientação, indicação de referências e revisão minuciosa do pré-projeto para a seleção do Mestrado.

À Profª. Zirlana Menezes Teixeira, da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO, pelo incentivo à minha produção acadêmica de forma tão carinhosa e pela revisão do pré-projeto para a seleção do Mestrado.

Às Profªs. Maria de Fátima Casa Nova e Márcia Santana, pela revisão do pré-projeto para a seleção do Mestrado, ajuda inestimável num momento de tanta apreensão pela expectativa da consecução de um sonho.

À Psicóloga Yelris Cem Pessoa, pela disponibilidade de sempre e pela apresentação ao grupo de avós para os primeiros passos do projeto de intervenção que foi proposto no pré-projeto para a seleção do Mestrado.

*Dedico essa Dissertação aos meus primeiros professores: minha mãe, Terezinha, pelas aulas constantes de Língua Portuguesa e de redação, e meu pai, Milton (in memoriam), que no meu primeiro ano de vida me presenteou com um dicionário de Português, por me incentivar a consultá-lo todas as vezes que surgiam dúvidas com relação a algum vocábulo. Por cumprirem bem o papel de educar-me e direcionar-me para os estudos, pois sem essa base essa Dissertação não teria sido levada a cabo.*

*Aos meus futuros netos, que me suscitaram os primeiros questionamentos, ao dar-me conta de que os desejava, que já os estava gerando no meu psiquismo.*

Netos são como heranças: você os ganha sem merecer. Sem ter feito nada para isso, de repente lhe caem do céu. É, como dizem os ingleses, um ato de Deus. Sem se passarem as penas do amor, sem os compromissos do matrimônio, sem as dores da maternidade. E não se trata de um filho apenas suposto, como o filho adotado: o neto é realmente o sangue do seu sangue, filho de filho, mais filho que o filho mesmo...

[...]

E então, um belo dia, sem que lhe fosse imposta nenhuma das agonias da gestação ou do parto, o doutor lhe põe nos braços um menino. Completamente grátis - nisso é que está a maravilha. Sem dores, sem choro, aquela criancinha da sua raça, da qual você morria de saudades, símbolo ou penhor da mocidade perdida. Pois aquela criancinha, longe de ser um estranho, é um menino seu que lhe é "devolvido". E o espantoso é que todos lhe reconhecem o seu direito de amar com extravagância; ao contrário, causaria escândalo e decepção se você não o acolhesse imediatamente com todo aquele amor recalçado que há anos se acumulava, desdenhado, no seu coração.

Sim, tenho certeza de que a vida nos dá os netos para nos compensar de todas as mutilações trazidas pela velhice. São amores novos, profundos e felizes que vêm ocupar aquele lugar vazio, nostálgico, deixado pelos arroubos juvenis. Aliás, desconfio muito de que netos são melhores que namorados, pois que as violências da mocidade produzem mais lágrimas do que enlevos. Se o Doutor Fausto fosse avó, trocaria calmamente dez Margaridas por um neto...

Rachel de Queiroz – A arte de ser avó

## RESUMO

O relacionamento entre avós e netos está sendo vivenciado por mais tempo, devido ao aumento da expectativa de vida da população, sendo essa relação supostamente benéfica para ambas as gerações. Nas famílias monoparentais chefiadas por mulheres, a participação dos avós tem sido comum, principalmente no cuidado dos netos. Esse arranjo familiar se caracteriza pela ausência paterna, ocorrendo um investimento mais intenso nas trocas afetivas entre as mães e os filhos, bem como entre avós e netos. O avô materno ou paterno, em geral, cumpre um papel importante na sustentação dessa configuração familiar. Esta pesquisa teve como objetivo geral descrever a função do avô na família monoparental feminina, na sua perspectiva. E como objetivos específicos: analisar como se caracteriza a convivência dos avós com os netos, provenientes de famílias monoparentais femininas; identificar os sentimentos e as percepções advindos dessa relação; elencar atividades que os avós e netos realizam em conjunto e com que frequência; e compreender a percepção dos avós frente à mediação da mãe na relação dele com os netos. Foi realizado um estudo descritivo exploratório e a natureza da pesquisa foi qualitativa. Os respondentes foram oito avós que tinham filha chefiando uma família monoparental, independente da idade e escolaridade, sendo a maioria pertencente ao nível socioeconômico médio. Eles responderam a um questionário biosociodemográfico e a uma entrevista semiestruturada. Os resultados mostraram que os avós demonstraram valorizar muito a relação com os netos, bem como ficou evidenciado seu protagonismo nesse tipo de configuração familiar através dos cuidados, ajuda financeira, frequência de contato e atividades realizadas com os netos. Pode-se perceber uma preferência e uma proximidade maior com estes, talvez como uma forma de compensar ou minimizar a ausência paterna, o que corrobora a literatura. Na sua percepção, há um bom relacionamento com a filha, havendo apenas um caso em que existe conflito. Pode-se concluir que, em geral, eles se mostraram aceitos e valorizados pelas filhas e netos, sentindo-se especialmente responsáveis por eles.

Palavras-chave: Avós; Relacionamento Familiar; Envelhecimento; Monoparentalidade Feminina.

## ABSTRACT

The relationship between grandparents and grandchildren has been being longer, due to the increase of people's life expectancy, and this relationship is supposed to be beneficial for both generations. In single-parent families headed by women, the grandparents participation has been common, mainly for the care of the grandchildren. This family arrangement is featured by paternal absence, with more intense investment in the affective exchanges between mothers and children, as well as grandparents and grandchildren. The maternal or paternal grandfather, plays an important role in sustaining family dynamics through this support, in general. This research had as its general objective describing the grandfather's function at the female one-parent family, over their perspective. And as specific objectives: analyzing how characterized the coexistence of the grandfathers with the grandchildren is, coming from single-parent female families; Identifying feelings and perceptions arising from this relationship; Listing activities that grandparents and grandchildren do together and how frequently these activities take place; Understanding the grandparents' perception of the mother's mediation over their relationship with their grandchildren. An exploratory descriptive study was carried out and the nature of the research was qualitative. The respondents were eight grandfathers who had a daughter heading a single parent family, regardless of age and schooling, with the majority belonging to the average socioeconomic level. They answered to a biosociodemographic questionnaire and a semi-structured interview. The results revealed that grandparents take the relationship with the grandchildren with great consideration, as well as their protagonism in this type of family configuration through the care, financial aid, frequency of contact and activities performed with the grandchildren was evidenced. It is possible to perceive a preference and greater proximity with these, perhaps as a way to compensate or minimizing the paternal absence, which corroborates the literature. In their perception, there is a good relationship with the daughter, there has been only one case where there is conflict. It demonstrates that they have shown themselves to be accepted and valued by their daughters and grandchildren, feeling especially responsible for them, in general.

Keywords: Grandparents; Family relations; Aging; Single mother family.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>17</b>
1.1 A segunda parentalidade: o tornar-se avô.....	17
1.2 A função dos avós .....	20
1.3 Relacionamento entre avós e netos.....	23
1.4 A figura do avô.....	31
<b>2 UM OLHAR SOBRE A FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA.....</b>	<b>34</b>
2.1 Caracterizando a família monoparental.....	37
2.2 Uma compreensão da família monoparental à luz da Teoria dos Sistemas.....	49
<b>3 MÉTODO.....</b>	<b>53</b>
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>56</b>
4.1 Caracterização dos participantes .....	56
4.1.1 Tamarindo .....	56
4.1.2 Damasco.....	56
4.1.3 Açaí.....	56
4.1.4 Limão .....	57
4.1.5 Pêssego.....	58
4.1.6 Jambo.....	58
4.1.7 Bacuri.....	58
4.1.8 Sapoti .....	59
4.2 Categorias de Respostas derivadas das Entrevistas.....	60
4.2.1 Tornar-se avô .....	60
4.2.2 Relacionamento com os próprios avós e com os próprios netos .....	65
4.2.3 Atividades que fazem com os netos.....	74
4.2.4 Relacionamento com a filha, chefe de família monoparental e Avaliação da criação dada por ela.....	77

4.2.5 Ajuda prestada à mãe, chefe de família monoparental .....	85
4.2.6 Sentimentos e percepções da função como avô em família monoparental.....	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>105</b>

## INTRODUÇÃO

Pode ser considerado um lugar comum falar sobre as transformações pelas quais passa nossa sociedade. Muito tem se falado sobre “tempos líquidos” (BAUMAN, 2007), referindo-se ao *modus operandi* dessa sociedade na qual todos os processos vêm se renovando, sendo feitos de modo novo, de uma nova forma, sem perenidade das ações, das relações, tornando-se amorfos assim como os líquidos; novos equipamentos são lançados a cada dia e novos comportamentos são assimilados para darem conta das novas máquinas. E sendo a família um sistema que se relaciona com outros sistemas, ela é impactada por todas as mudanças que assolam a sociedade (MINUCHIN; COLAPINTO; MINUCHIN, 1999).

As novas tecnologias têm proporcionado o avanço da medicina, impactando positivamente na saúde das pessoas e promovendo o fenômeno da longevidade do ser humano. A evolução da medicina e o acesso à informação, além do trabalho de divulgação que a mídia tem feito no sentido dos benefícios do tratamento preventivo de doenças, com campanhas educativas que preconizam a aquisição de bons hábitos alimentares e a regularidade de exercícios físicos, têm propiciado que, cada vez mais, homens e mulheres acrescentem anos à sua existência, gozando esses anos com mais qualidade e presença ativa na família e na sociedade.

Convém salientar que, ainda devido a uma maior exposição dos homens a fatores de risco (profissões perigosas, envolvimento em casos de violência, abuso de substâncias), bem como a alguns tabus com relação à prevenção de doenças, as mulheres vivem mais do que os homens, popularizando o que Camarano (2003) designou como “feminização da velhice”.

Consequentemente, o fato de as pessoas estarem vivendo mais tem favorecido o contato maior entre avós e netos, sendo o ciclo vital da velhice vivido por mais tempo do que a fase da infância e adolescência juntas. O fenômeno da longevidade humana tem propiciado o aprofundamento e a duração do relacionamento entre avós e netos. Este é de suma importância para ambos, devido ao intercâmbio entre as gerações que favorece a todos: os avós participam da socialização do neto e o neto atualiza os avós quanto aos neologismos e uso da tecnologia, quando o avô se torna idoso. Em sendo assim, o (a) neto (a), muitas vezes, restitui aos avós o cuidado que recebeu.

A constatação da maior incidência da relação entre avós e netos e o protagonismo dos primeiros, na sociedade e na família, têm influenciado o interesse por pesquisas que focalizam

esse subsistema. No entanto, a maior produção de pesquisas enfoca as avós, sendo os estudos que abordam a figura dos avôs mais raros. Daí nosso interesse por pesquisar a figura masculina do avô.

Caminhando lado a lado com a longevidade do ser humano, assiste-se a outro fenômeno na contemporaneidade: o aumento do percentual de famílias monoparentais femininas, que são constituídas pela mãe e seus filhos. São diversas as causas da entrada na monoparentalidade, tanto para homens quanto para mulheres, podendo a mesma ser planejada ou não. Essa organização familiar pode ser decorrente de viuvez, separação ou divórcio, gravidez sem planejamento, pessoas solteiras que adotam crianças, hospitalização do cônjuge por longo período, entre outras (ORTIZ, 2011).

Nas classes sociais menos favorecidas, onde há uma grande ocorrência da chefia feminina monoparental, a mesma ocorre sem planejamento e pela incidência do sexo sem proteção e sem os cuidados contraceptivos. As mulheres têm como objetivo o ato sexual, mas não estão conscientizadas ou não consideram a possibilidade de engravidar, assim surgindo uma nova família. Por sua vez, os homens das classes sociais menos favorecidas, como geralmente não têm condições de dar conta do sustento da família, ausentam-se do convívio familiar para que não seja evidenciada essa impossibilidade. Outras características dessas famílias são: a prole constituída de filhos de pais biológicos diferentes; baixa remuneração nos postos de trabalho; e a desassistência do Estado: a falta de infraestrutura de saúde, educação, moradia e segurança, tornando ainda mais difícil o cuidado com a família (WEISSMANN, 2009; BALIANA, 2013).

No caso das camadas médias, a monoparentalidade decorre das grandes revoluções ocorridas na sociedade, tais como: a entrada da mulher, dessa classe social, no mercado de trabalho, o que lhes proporcionou autonomia financeira; a introdução dos métodos contraceptivos que deram autonomia às mulheres quanto ao momento de conceberem um filho; os direitos conquistados por elas e pelos filhos quanto a não submissão ao jugo do homem, que mantinha uma posição hierárquica superior na família, subordinando-os aos seus desejos e desmandos, decorrendo daí a transformação das interações familiares em uma relação mais linear e igualitária.

Tudo isso concorreu para as alterações que assistimos, hoje, na família. Somados a isso, o divórcio, as práticas de inseminação artificial e a possibilidade das mulheres não dependerem de uma relação sexual para procriar, inauguraram o fenômeno da “produção

independente”, como é chamado no Brasil, quando uma mulher opta por recorrer a um banco de sêmen para tornar-se mãe.

Esse movimento deu lugar ao aumento do percentual de famílias monoparentais, não só no Brasil como em todo o mundo. O termo “monoparental” é usado quando apenas um dos progenitores está à frente do cuidado com os filhos, e o número de famílias monoparentais femininas no nosso país chega a 53,4% das famílias, de acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010).

As mudanças que ocorrem na sociedade e na família afetam os comportamentos de seus membros, bem como os arranjos familiares. A família monoparental feminina é caracterizada pela ausência do pai, e a mulher tem a responsabilidade de cuidar sozinha da prole. Desse modo, decidimos investigar a função do avô na família monoparental feminina, à luz da teoria sistêmica aplicada ao sistema familiar. Ressaltamos que não encontramos nenhuma pesquisa no Brasil que trate do protagonismo do avô nessa configuração familiar. Localizamos pesquisas realizadas no Chile, Uruguai, Espanha, Portugal e nos Estados Unidos, as quais citaremos nesta dissertação.

Alguns autores (FERLAND, 2006; ARATANGY; POSTERNACK, 2010; ORTIZ, 2011; DIAS, 2016) que tratam da relação avós e netos falam da importância do avô na família monoparental feminina para ajudar nas tarefas do cotidiano e funcionar como outra figura de autoridade, principalmente nos momentos de conflitos que surgem na relação dos adolescentes com a mãe.

O nosso interesse por essa temática se deu enquanto estagiária da Clínica de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO. Durante o atendimento a crianças, tivemos a oportunidade de presenciar que elas eram trazidas para o atendimento clínico por seus avós e, na sua maioria, eram oriundas de família monoparental feminina. A partir daí, elaboramos a nossa pergunta de partida: “Qual a função do avô na família monoparental feminina?”.

A pesquisa teve como objetivo geral descrever a função do avô na família monoparental feminina, na perspectiva deste. E como objetivos específicos:

- Analisar como se caracteriza a convivência dos avós com os netos provenientes de famílias monoparentais femininas;
- Identificar os sentimentos e as percepções advindos dessa relação;
- Elencar atividades que os avós e os netos realizam em conjunto e com que frequência;

- Compreender a percepção dos avôs frente à mediação da mãe na relação deles com os netos.

Escolhemos a pesquisa qualitativa para dar conta dessa investigação; o método de análise de conteúdo para a discussão dos resultados e a Teoria dos Sistemas para ser a lente que permitiu olhar a família, a dinâmica de seus subsistemas e a influência das mudanças que ocorrem na família que impactam sobre a família extensa.

O norte de nossa investigação está consolidado no primeiro capítulo, em que tratamos sobre o processo de tornar-se avô e suas implicações na subjetividade masculina; detendo-nos um pouco sobre a segunda parentalidade, para depois abordar a função do avô propriamente dita; e, por fim, contemplamos a figura do avô e sua relação com os netos, abordando tanto os aspectos positivos quanto os negativos, além da percepção de ambos sobre a relação.

No segundo capítulo, nos detivemos em abordar a família monoparental feminina, partindo das mudanças ocorridas na sociedade que impactaram no aumento da incidência do fenômeno da monoparentalidade feminina, tais como: as técnicas de contracepção, a incursão no mercado de trabalho, o investimento feminino na escolaridade, o advento do divórcio e a inseminação artificial. Tratamos sobre os desafios da dupla jornada de trabalho assimilada pelas mulheres que, ao retornarem para casa depois de um dia de trabalho, têm que enfrentar tanto os afazeres domésticos quanto os cuidados com os filhos, devido ao fato de carecerem de um companheiro para dividir a rotina. Também focalizamos o protagonismo do avô como figura de apoio, ajudando nas atividades instrumentais (suporte financeiro, realização de atividades com os netos), além de atuar como fonte de afetividade indispensável para a saúde física e mental da família e dele próprio.

O terceiro capítulo discorre sobre a metodologia da pesquisa de campo empreendida. Em seguida, apresentamos o quarto capítulo, que analisa e discute os resultados encontrados, para finalizar com algumas considerações sobre o trabalho realizado.

Esperamos que esta pesquisa venha preencher uma lacuna existente na crescente produção científica sobre a temática do relacionamento avós e netos, que já existe no país, e que possa subsidiar o trabalho dos profissionais que atuam com crianças, adolescentes e famílias, especialmente as de configuração monoparental feminina.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 A segunda parentalidade: o tornar-se avô

O momento de tornar-se avô não depende da decisão pessoal de cada um, mas do momento em que os filhos tornam-se pais. De nada adianta presumir qual o momento certo para vir a assumir esse papel, porque tanto pode ocorrer muito precocemente, como na faixa etária após os quarenta anos, quando os indivíduos são considerados avós hábeis, ou ocorrer bem mais tarde, na maturidade ou mesmo na velhice. Sendo assim, ser avó ou avô não é opcional, é a consequência de ser pai de filhos adolescentes ou adultos e, ainda, o modo como esse papel é percebido vai depender de diferentes fatores como: organização familiar, gênero, relacionamento com filhos/noras e genros, entre outros (ARATANGY; POSTERNAK, 2010; SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016).

Todas as conjecturas que os futuros avós fazem antes do nascimento do neto, ou seja, projeções sobre como será a criança, como os demais membros da família a receberão, enfim, todas as antecipações de papéis servem de base para o acolhimento à criança. O passo seguinte é a confrontação do imaginário com o real e a continuidade das idealizações para o futuro do novo ser que passa a fazer parte da família. Esse evento também pode suscitar um sentimento de renascimento, novos sentidos para os acontecimentos do cotidiano e uma oportunidade para desenvolver uma relação mais próxima com o neto, reparando as lacunas que, possivelmente, os avós deixaram na relação com os filhos (SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016).

Nesse sentido, convém acrescentar que a chegada de um neto traz revivescências de diversos acontecimentos e relacionamentos. É uma oportunidade de “passar a limpo” as questões do passado, além de remetê-lo ao futuro, vencendo a própria finitude através da nova vida que chega à família (DIAS, 2016).

É oportuno ressaltar que o processo de tornar-se avó/avô suscita muitas mudanças e adaptações na subjetividade das pessoas. Diversos sentimentos são experimentados, e, em ocorrendo na fase idosa, estará acontecendo concomitantemente com o processo de envelhecimento que tem características específicas (HERNANDIS, 1999; SAMPAIO, 2012; LIMA, 2014; DIAS, 2016). A velhice é um período marcado por perdas que provocam crises e conflitos pessoais; desse modo, são dois processos importantes acontecendo

simultaneamente. Os sentimentos advindos da experiência de se tornar avós vão depender de fatores intrínsecos a cada um, de acordo com Lima (2014, p.66):

[...] os netos trazem benefícios e/ou complicações ligadas ao processo do envelhecer, possibilitando, por exemplo, recordações e projeções de fases da vida, que serão positivas ou negativas, de acordo com o estado egoico do indivíduo e como este utilizará essa fase como meio de reparação e/ou elaboração.

Quando os homens se tornam avós na faixa etária caracterizada como meia idade, geralmente os netos não são alvo de muito envolvimento (especialmente quando bebês), e alguns nem fazem investimento nesse novo papel. Na referida faixa etária, os homens estão numa fase economicamente ativa e, na maioria das vezes, com a carreira profissional consolidada. Dessa forma, o relacionamento mais intenso com os netos é postergado para os anos seguintes. Para alguns, o novo papel é recebido com estranhamento, porque isso implica em estar se tornando um membro da terceira geração. Essa reação se assemelha à de algumas mulheres que não se sentem atraídas pela possibilidade de serem avós, por não quererem aceitar que estão envelhecendo (DIAS, 1994; HERNANDIS, 1999; SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016).

No que tange à preparação para esse papel, no Ocidente, homens e mulheres se preparam de forma diferente. A preparação para assumir o lugar de avós vai influenciar a vivência desse papel. Em geral, as mulheres o antecipam de forma mais natural e conseguem ver-se nele com mais frequência, mesmo quando os filhos ainda não estão planejando serem pais e mesmo antes do nascimento dos netos. Por outro lado, algumas mulheres apresentam sentimentos de rejeição e negação à possibilidade de serem avós, principalmente aquelas que são mais vaidosas e valorizam a aparência física, sendo essa reação menos comum porque a maioria das mulheres vibra e demonstra felicidade ao receberem a notícia de que serão avós (DIAS, 2016).

O nascimento do primeiro neto introduz os avós na segunda parentalidade, sendo iniciado o processo de aprendizagem do novo papel parental que será desempenhado; porém, é conveniente destacar que cada um o desenvolve de forma ímpar, não havendo regra e nem manuais que orientem para essa vivência. No entanto, a influência da família e da cultura norteia o modelo do novo papel. Em geral, o relacionamento entre avós e netos tende a ser bem equilibrado, mas não escapa da possibilidade de enfrentar-se a diversidade. A segunda parentalidade é exercida frente aos filhos que agora ocupam o papel de pais; desse modo,

estes são protagonistas do processo e os avós serão coadjuvantes (HERNANDIS, 1999; FERLAND, 2006; SAMPAIO, 2012).

As nuances identificadas no comportamento dos avós são marcadas pelos significados do tornar-se avó/avô, os quais variam de pessoa para pessoa: alguns irão se pautar pelo desejo de proporcionar aos netos o que não puderam fazer aos filhos, sendo essa uma oportunidade de reparação da função parental; já outros repetem o mesmo modelo utilizado no relacionamento com os filhos, apesar de terem uma nova função (FERLAND, 2006; SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016).

Por conseguinte, o nascimento de uma criança, numa família, impõe a todos os membros uma inauguração de papéis que não fica circunscrita à criança e a seus pais, mas extrapola para a família extensa, cujos membros são requisitados a exercerem novas funções, ocorrendo mudanças não só no ambiente e nas relações, mas no psiquismo, inaugurando a parentalidade dos avós (LEBOVICI, 2004). Esse processo da segunda parentalidade, mesmo tendo sido idealizado, pode trazer dúvidas e gerar crises para quem o vivencia, em qualquer faixa etária (PEDROSA, 2006; SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016).

Outro fator a ser considerado é a simultaneidade de papéis que se apresenta como realidade para a avó/avô. Via de regra, a segunda parentalidade ocorre simultaneamente com a função de mãe/pai de adulto, o que pode causar uma certa confusão, devido ao fato de os avós atuarem imbuídos dos dois papéis e se sentirem autorizados a interferir, por meio de observações e/ou críticas às atitudes dos pais na criação dos filhos. Esse tipo de comportamento por parte dos avós pode desestabilizar a relação e promover conflitos. A situação pode ser ainda mais difícil quando os avós não reconhecem os pais como adultos e tendem a mantê-los na situação de filhos, dependentes de sua autoridade (FERLAND, 2006; OSORIO, 2011).

Assim, os avós, quando esboçam comportamentos de controle e críticas frente às decisões que os pais tomam na criação dos filhos, os fazem por várias motivações: a mais comum é a tentativa de manter os filhos subordinados e na condição de filhos, evitando assumir a condição de avós, apesar de utilizarem a desculpa de que querem o bem-estar de todos e não querem que os filhos e netos passem por dificuldades, desconfortos, perigos, entre outros (FERLAND, 2006; OSORIO, 2011).

No entanto, convém que os avós reconheçam que seus filhos cresceram e que, como adultos, devem fazer suas escolhas e proporcionarem aos seus próprios filhos a educação que julgarem adequada, experimentando os erros e os acertos advindos de suas escolhas. Os avós

não devem se colocar como detentores da verdade sobre a criação dos netos, mas se mostrarem disponíveis para oferecer a ajuda quando for necessária ou quando solicitada (FERLAND 2006; OSORIO, 2011).

Todavia, em ocorrendo situações em que os pais solicitam aos avós a opinião sobre determinada questão, os avós podem dar possibilidades de soluções em tom de sugestão e deixar os pais confortáveis para fazerem a escolha da opção que mais se adequar à realidade da nova família. Mesmo quando solicitados como mediadores de conflitos, os avós correm o risco de terem suas considerações distorcidas e isso ser prejudicial à relação com os filhos e os netos (BISCAIA, 2005; ARANTAGY; POSTERNAK, 2006; FERLAND, 2006).

## 1.2 A função dos avós

Como já foi referido, o nascimento de um neto, seja o primeiro ou não, vai convocar os avós a uma nova função. Em sendo o primeiro neto, a função é inédita e pode desencadear diversos sentimentos e recordações. As consequências da chegada desse novo ser à família são imprevisíveis e o evento tanto pode ser tido como uma felicidade, quanto pode ser entendido como algo que pode desestabilizar uma família. Tudo vai depender do momento do ciclo vital pelo qual ela passa.

*As funções dos pais, mães e avós sofrem modificações com a chegada de um neto, pois há o nascimento de um novo elo geracional, que irá requerer uma nova reorganização psíquica na família. Renascem esperanças, aproximam-se gerações e principalmente nasce a noção de continuidade. A genealogia de uma família é estabelecida pela transmissão de informações (genes, traços, histórias) entre as diferentes gerações (SILVA, 2014, p. 27-28).*

Com o nascimento de um novo ser na família, os filhos deverão assumir a função de pais, permitindo que os avós cumpram a função de avós e facilitando o relacionamento entre avós e netos. Por sua vez, os atuais avós devem estar cientes que não terão como impedir o desenvolvimento dos filhos e os movimentos deles rumo à condução de seus próprios destinos profissionais e pessoais quando tencionam a formação de uma nova família, donde, por sua vez, surgem os netos e com eles as novas funções de pais e avós, suscitando muitas transformações. Do mesmo modo, os filhos adultos não terão como conter o processo de envelhecimento dos seus pais almejando por continuar sob sua dependência e cuidados (OSORIO, 2011).

Convém salientar que a noção de função para a Psicanálise, termo elaborado por Lacan, a partir do Complexo de Édipo, postulado por Freud, remete à função paterna e materna, e não se limita especificamente ao pai ou mãe biológicos, podendo ser ocupada por um tio, um avô, um padrasto. Em outras palavras, designa um lugar psíquico, instaurado no psiquismo da criança, e refere-se ao desejo das figuras parentais por essa criança, até mesmo antes do nascimento (JESUS, 2009).

Com efeito, sabe-se quem é a mãe porque o filho está sendo gerado em suas entranhas, porém o pai será designado a partir da informação da mãe que o comunica que será pai da criança que está no seu ventre. Assim configura-se o pai no simbólico. “[...] Esse é o primeiro momento onde o pai faz sua marca, faz função” (JESUS, 2009, p.9).

Todas as vezes em que for utilizado o vocábulo “função”, neste trabalho, o mesmo será abordado de acordo com o significado explicitado no Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, conforme abaixo:

“[...] 2. Cargo, serviço, ofício [...]. 3. Prática ou exercício de cargo, serviço, ofício. 4. Utilidade, uso, serventia. 5. Posição, papel. [...]”.

O vocábulo “papel” será usado de acordo com o Dicionário de Psicologia de Straton e Hayes (2009, p. 168), que diz o seguinte:

A parte que se espera que cada indivíduo desempenhe numa situação social. Isto tem sido estudado particularmente em grupos em que é possível distribuir um papel a cada membro: líder, mediador, palhaço, membro fiel, etc. Qualquer indivíduo pode desempenhar diferentes papéis em grupos diferentes e pode, por isso, experimentar conflito de papéis quando dois grupos entram em contato.

Diante dos significados supracitados de função e papel, optamos por usar os dois termos, sendo utilizado um ou outro, quando for necessário, e por ser o termo “papel” especialmente adequado, devido à duplicidade de papéis que muito rotineiramente é enfrentada pelos avôs e que são a fonte da maioria dos conflitos entre os avôs e os seus filhos, que estão exercendo a função parental, como será delineado no decorrer dos parágrafos.

Retomando ao momento da inauguração do papel de avós, mesmo no caso de avós mais experientes e que já podem estar assistindo ao nascimento do segundo ou terceiro neto, porém isso não é garantia de que esse acontecimento seja tranquilo, uma vez que cada neto chega em diferentes fases da vida, e o contexto familiar pode ter mudado, tanto para melhor quanto para pior: a faixa etária dos avós é outra, o estado de saúde pode ter sofrido alteração, a situação financeira pode ter se alterado, entre outras ocorrências.

A função de avó/avô se aproxima muito da função materna e paterna. Os avós são figuras estruturantes do psiquismo dos netos e são os esteios de sustentação, da origem da família; sobre eles se assentam o referencial de existência para os netos que, mesmo não convivendo com eles, são marcados pela existência dos avós. Além do mais, eles têm a função de socializá-los, assim como os pais (SILVA, 2014; GOLDFARB, 2015; DIAS, 2016).

Convém lembrar que a primeira função exercida na família pelos atuais avós fora a função parental, e, ao tornarem-se avós, acrescentam outra, passando a vivenciar a segunda parentalidade, exercendo influência no processo de subjetivação dos novos membros da família. Eles também prestam apoio instrumental (auxiliar financeiramente, levar netos à escola e a médicos, entre outras atividades) e emocional (orientações, conselhos, oferecimento de afeto e segurança). Sendo assim, os avós cumprem um papel social importante junto aos netos, à família e à própria sociedade (FERLAND, 2006; GOLDFARB, 2015; DIAS, 2016).

As mudanças que ocorreram na família, principalmente a autonomia que as mulheres conquistaram com a atuação profissional, que cada vez mais tem se consolidado, fomentaram uma melhor divisão do trabalho doméstico, tendo os homens sido compelidos a assumirem as responsabilidades com os afazeres do lar e a uma participação mais efetiva na criação dos filhos. Apesar de alguns avôs, dos dias de hoje, não terem tido essa vivência, acabaram por sofrer a influência do novo modelo de atuação assumido pelos filhos e genros frente à prole e aos cuidados da casa, resultando em avôs mais atuantes junto aos netos, no que tange aos cuidados com os mesmos, mostrando-se aptos a assistirem-os no que se fizer necessário (DIAS, 2016).

Além disso, há grande influência dos ancestrais na vida das crianças. Os aspectos transgeracionais são perpassados na relação dos avós com os netos e influenciam na formação da nova geração, que apresenta comportamentos e escolhas que, ao serem especulados, serão classificados como repetitivos, tendo em vista que já foram esboçados por seus antepassados. As teorias da transgeracionalidade atestam que as influências que são recebidas por todos, no seio das famílias, não advêm apenas dos pais, mas têm muita interferência da família extensa (BAPTISTA; CARDOSO; GOMES, 2012; SAMPAIO, 2012). Os avós podem repassar diversos conhecimentos e crenças da família, contribuindo para a socialização dos netos, sendo porta-vozes da história familiar, dos costumes e das tradições. Eles transmitem segurança para a criança, especialmente nos momentos difíceis que seus pais vivenciam (FERLAND, 2006; SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016).

Convém ressaltar que os humanos diferem dos animais por terem necessidade da relação com seus antepassados. Os animais trazem tudo que precisam para sobreviver no material genético herdado, enquanto que os seres humanos dependem dos adultos para sobreviver, devido “[...] à condição neotécnica do ser humano, ou seja, seu despreparo para sobreviver pela precariedade de seu equipamento sensorio motor por ocasião do nascimento [...]” (OSORIO, 2011, p. 25)”. Os adultos são indispensáveis também para a transmissão dos dados culturais primordiais para a sobrevivência em sociedade, e, por essa razão, as crianças precisam de cuidados desde as primeiras horas de vida.

Essa função dos avós vem em socorro à família no momento em que a sociedade vivencia tantas mudanças que põem em xeque as tradições culturais, de um modo geral. A transmissão dos valores, dos ritos, dos eventos que ocorrem na família como por ocasião dos nascimentos, doenças e mortes, os procedimentos a serem seguidos nesses momentos são repassados pelos avós. Além disso, os avós são os educadores dos pais que, por sua vez, educam as novas gerações. Desse modo, fica claramente esboçada a forte influência dos avós na formação dos netos, bem como a importância dessa convivência, que não está livre de discordâncias e de querelas, comuns em qualquer relação humana e ainda mais quando envolve três gerações (SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016).

Em suma, o nascimento de um neto pode trazer para alguns avós a constatação do envelhecimento, o anúncio da finitude, o sentimento de que suas funções na família chegaram ao fim; porém, na maioria das vezes, todos esses pensamentos são desfeitos quando o relacionamento com o neto se inicia (SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016). Esse relacionamento, que é estruturante para todos os membros da família, será tratado detalhadamente nos parágrafos seguintes.

### **1.3 Relacionamento entre avós e netos**

Uma maior convivência entre avós e netos é a realidade nos dias atuais. Esse fenômeno tem sido experienciado na maioria das sociedades e tem sido possibilitado pelo aumento da longevidade do ser humano; ele vem sendo amplamente estudado por diversas ciências, tais como: gerontologia, psicologia, antropologia, sociologia, entre outras (ARATANGY; POSTERNAK, 2010; DIAS, 2016).

Na verdade, a maior expectativa de vida tem sido o resultado dos avanços da medicina e da ampliação das políticas públicas, redundando numa melhor qualidade de vida das pessoas

idosas. Conseqüentemente, isso possibilita que o relacionamento entre avós e netos seja vivenciado por mais tempo, sendo esse período de convívio ampliado quando ocorre gravidez na adolescência ou um casamento precoce por parte dos filhos (ARATANGY; POSTERNAK, 2010; DIAS, 2016).

Até o século XIX, a expectativa de vida dos seres humanos era de 40 anos, e apenas 3% da população ultrapassava os 60 anos de idade; sendo assim, poucas pessoas conviviam com seus avós e eles quase não participavam da socialização das crianças, sendo esta realizada apenas pelos pais (ARATANGY; POSTERNAK, 2010). Na atualidade, no Brasil, a publicação do IBGE (2014), *Síntese dos Indicadores Sociais 2014*, aponta o percentual de 13% do total da população brasileira como sendo maior de 60 anos. Para o instituto retro, os maiores de 60 anos de idade são classificados como idosos, estando essa classificação embasada no Estatuto do Idoso (2003).

Nos dias atuais, a maioria das pessoas que já se aposentou tem uma expectativa de vida de mais 20 anos, após a aposentadoria, tempo equivalente à soma das fases da infância e da adolescência, fator determinante para o aumento de vínculo entre avós e netos (DIAS, 1994; ARATANGY; POSTERNAK, 2010). Por essa razão, de acordo com pesquisas realizadas em diversos países, o século XXI será o século dos avós, possibilitando que os netos tenham, cada vez mais, a oportunidade de conviver com seus avós maternos e paternos, no mínimo, durante a infância. Esse fato é uma realidade principalmente para as mulheres, que vivem mais do que os homens (FERLAND, 2006; FALCÃO, 2012; DIAS, 2016).

Apesar de os avós contemporâneos serem diferentes dos avós do passado, no que tange à faixa etária e à presença ainda no mercado de trabalho, a relação afetiva entre avós e netos ainda continua tão forte quanto no passado, não tendo se alterado em grau de importância. Na verdade, ela tem se tornado mais ampliada, como citado anteriormente, devido à longevidade dos seres humanos, caracterizando o século XXI com um número crescente de avós, enquanto o número de crianças tem se reduzido em virtude da baixa taxa de natalidade. Isso tem ocorrido em inúmeros países (FERLAND, 2006).

Igualmente, nas outras fases do desenvolvimento, a presença dos avós junto aos netos é muito importante, podendo servir de ponte entre os pais: aplacando conflitos, traduzindo os sentimentos de pais para filhos e vice-versa, principalmente na fase da adolescência dos netos. Também nos momentos de eventuais crises conjugais, doenças e desemprego dos filhos, o apoio dos avós aos netos é essencial (ARATANGY; POSTERNAK, 2010).

Na verdade, a relação intergeracional é benéfica para todas as gerações. As crianças precisam dos avós e, por sua vez, os avós precisam dos netos, principalmente os avós que estão na fase da velhice, os que já se aposentaram ou que já perderam seu/sua companheiro/a. Para os idosos, o convívio com a família é tão importante quanto ter renda suficiente para bancar suas despesas com a sobrevivência, gozar de boa saúde, entre outros. Também para os pais esse relacionamento é importante, uma vez que são eles os principais mediadores para que o relacionamento avós-netos se desenvolva (DIAS, 2016).

Esse relacionamento, em geral, se dá de forma muito afetuosa, principalmente se os avós já forem idosos, tendo em vista que as duas gerações estão fora do processo produtivo, portanto, seus anseios não são levados em consideração pelos adultos em idade produtiva; nesse sentido ambos se fortalecem, mutuamente, na relação. O idoso se enche de esperança ao ser testemunha da nova vida que se desenvolve, que o estimula a mover-se para acompanhar os netos nas brincadeiras, bem como é instigado a utilizar as novas tecnologias da vida moderna (LOPES; NERI; PARK, 2005).

As ocorrências do dia-a-dia na criação dos netos, tais como uma refeição desequilibrada, a troca dos horários de sono, as birras, a falta de regularidade nas tarefas escolares, entre outras, não são motivos de inquietação para os avós, tendo em vista que já tiveram oportunidade de vivenciar tudo isso durante a criação dos próprios filhos. O papel de avós os exime de qualquer crítica ou julgamento quanto à educação dos netos porque, via de regra, não estão diretamente com esse controle “[...] educadores em segundo plano, os avós são animadores em primeiro” (FERLAND, 2006, p.47).

A paciência esboçada pelos avós na convivência com os netos suaviza a relação e a torna mais carinhosa, aumentando a proximidade. Em geral, trata-se de uma relação muito prazerosa por não ser permeada de regras rígidas, atenuando os conflitos. Nesse sentido, a atuação dos avós tende a ser mais flexível do que a dos pais, sendo esse aspecto um facilitador para o florescimento do afeto (FERLAND, 2006).

A relação entre avós e netos, independente da idade dos avós, terá como diferencial principal os papéis sociais ocupados por cada um. No início da vida, a criança requer atenção de todos os membros da família; paulatinamente, ao crescer, vai se tornando autônoma e depois, ao tornar-se adulto, pode vir a atuar como cuidadora dos pais idosos e dos avós (MORAGAS, 2010).

Nessa relação ocorre “[...] o que a sociologia denomina de reversão de papéis: quando o neto é criança, recebe ajuda, proteção e presentes de um avô relativamente jovem. E quando

na velhice, o avô recebe do neto de volta os cuidados dispensados (MORAGAS, 2010, p. 180)”. Entretanto, segundo o mesmo autor, é conveniente frisar que o fator primordial dessa relação é a qualidade e não apenas a utilidade que uma geração tem para a outra, durante as etapas do desenvolvimento humano.

A convivência entre avós e netos é assinalada pelo estilo pessoal de cada um. E, ainda, o modo de exercer esse papel é influenciado pelo comportamento dos netos, que varia de acordo com as fases do desenvolvimento de ambos: infância e adolescência dos netos e envelhecimento dos avós (ARATANGY; POSTERNAK, 2010).

Por sua vez, os netos valorizam mais a presença dos avós no período compreendido entre a infância e a pré-puberdade. Após esse período, em geral, o relacionamento fica menos intenso e os avós transformam-se em referenciais que remetem ao passado. No entanto, a depender do vínculo estabelecido, os adolescentes mantêm-se próximos dos avós porque o relacionamento com os pais, nesse período, é mais conflituoso. Por outro lado, pode ocorrer que alguns adolescentes se distanciem dos avós por pretenderem evitar proximidade com qualquer figura de autoridade (VALANTIN, 2004; ARATANGY; POSTERNAK, 2010).

Em pesquisa realizada por Osuna (2006) com 16 avós e 14 avôs, com netos com idade entre 6 e 12 anos, na cidade de Barcelona, Espanha, foi possível constatar que 95% dos avós valorizaram sobremaneira a relação com os netos na faixa etária pesquisada e declaram-se muito satisfeitos. Um fator que influencia na percepção da relação como positiva é uma convivência mais regular, o que possibilita a realização de diversas atividades juntos. A presença mais ativa dos avós junto aos netos vai ser influenciada pela faixa etária em que se encontram os avós para responderem às convocações de ajuda e de assistência que são feitas pelos pais ou pelos netos. Por outro lado, o comportamento dos netos em relação aos avós também muda com o passar dos anos. Desse modo, a atuação dos avós não está delineada, não se pauta em regras fixas a serem seguidas e avança sem prazos pré-fixados de início e término.

As atividades de lazer que executam juntos são comumente mais presentes quando os netos estão na faixa etária entre 6-8 anos, e dentre elas estão: “[...] caminhar, assistir televisão, desenhar, contar histórias” (OSUNA, 2006, p. 23). Já na faixa etária que vai dos 9 aos 12 anos essas atividades são menos frequentes. A atividade mais comum, seja qual for a idade dos netos, é a conversa que comumente aborda “[...] a vida passada dos avós, suas experiências de vida, os acontecimentos do colégio dos netos, as amizades, esportes, entre outros”, tendo sido referida por 93,3% dos avós (OSUNA, 2006, p. 24).

As atividades de recreação realizadas em conjunto com os netos podem variar de acordo com o gênero dos avós. Os avôs se encarregam de falar dos acontecimentos do passado, de aconselhá-los e orientá-los com relação à contenção de gastos, enquanto que as avós se encarregam das tarefas escolares, da higiene, da alimentação e de desenhar com os netos. O relacionamento tende a ser mais próximo com os avós maternos. Ele é caracterizado por maior regularidade e facilidade, pois a mãe tem mais abertura para deixar as crianças com seus pais. A proximidade é tão marcada que os avós maternos substituem mais facilmente os pais nas horas de necessidade do que os avós paternos, que, eventualmente, nos finais de semana funcionam como cuidadores dos netos (OSUNA, 2006; DIAS, 2016).

Os achados de Osuna (2006) demonstram que, apesar de as atividades que os avós e netos realizam juntos rarearem quando os netos crescem, o contato permanece. A relação favorece ambos os lados: para os avós ela oportuniza o florescimento da esperança no futuro e os netos recebem cuidado, carinho e atenção. Porém, a autora ressalta que, na realidade, o relacionamento com os netos da linhagem paterna, quando existe, tende a se extinguir com o passar dos anos.

Silva e Dias (1999) realizaram uma pesquisa na qual foram entrevistados 122 avós, sendo 60 avôs e 62 avós, com média de idade de 62 anos, residentes na cidade de João Pessoa, Paraíba. A pesquisa teve como objetivo geral identificar a percepção que os avós têm do papel, sob a perspectiva de gênero. Ficou evidenciado que os avôs são mais pacientes com os netos do que os foram com seus filhos, porém os resultados revelaram que os avôs, nesse quesito, ficam atrás das avós. Os resultados apontaram que os avôs entenderam que têm menos responsabilidade do que os pais. Identificaram também que os avôs visitam seus netos, semanalmente, mais do que as avós. Com relação à visita diária, houve um resultado bem expressivo: 53% dos avôs visitam seus netos, diariamente.

Com relação ao que fazem quando estão junto aos netos, 94% dos avôs apontaram o dar carinho; 65%, visitar; 65%, dar conselhos; 63%, dar presentes; 48%, passear; e com relação ao questionamento de quem parte a atitude para a realização das atividades, responderam que são eles que dão o primeiro passo nessa direção.

Em relação às expectativas que os avôs têm frente aos netos, 20% deles esperam que sejam tratados com naturalidade; 30% que reconheçam a experiência acumulada nos anos e 22% esperam contar com o apoio dos netos. Com relação ao significado que os netos têm para os avôs, é a continuidade de sua linhagem e do sobrenome da família. As autoras ressaltaram que esses resultados são reflexos da cultura brasileira e, especificamente, da nordestina.

O relacionamento é mais próximo com os netos mais novos, e 12% apontaram como razão porque eles precisam de mais atenção, 20% afirmam que por serem carinhosos e 48% por morarem próximo aos netos. As autoras concluíram que o índice expressivo da localização geográfica, quando moram perto um do outro, é um fator que proporciona uma relação mais próxima. Isso pode indicar que os filhos optam por morar próximo aos pais por ser um facilitador quando precisarem de ajuda dos pais para os cuidados com os filhos, corroborando com o fato de os avós visitarem os netos diariamente. Outro aspecto interessante, nessa relação, é que alguns são mais próximos dos netos (as) mais velhos, sendo os mesmos filhos de uma filha. Esse resultado pode apontar que essa proximidade deve-se ao fato de ter se tornado avô a partir do nascimento desse (a) neto (a), tendo havido um maior investimento na relação, possibilitando ajustar-se à nova função; outra questão é que a razão da proximidade pode se dar por esse (a) neto (a) ser filho de uma filha. As autoras (DIAS, 1983; SILVA e DIAS, 1999) corroboram que existe uma maior proximidade dos netos com os avós maternos.

Os resultados da pesquisa apontaram que os avós deram mais ênfase à afetividade do que às atividades instrumentais na assistência aos netos. Também demonstraram uma grande expectativa com relação ao futuro dos netos. Isso pode indicar que eles depositam nos netos a esperança de que façam o que os avós não conseguiram realizar ou que a relação com o neto possa reparar as lacunas, porventura existentes, na relação com os filhos.

Quando questionados sobre a qualidade da educação que os filhos dão aos netos, 78% dos avós a consideraram boa. Com relação à comparação da criação que os filhos dão aos netos com a que os avós deram aos seus filhos, 28% dos avós assinalaram que a diferença consiste no fato de que foram mais rígidos com seus filhos; 7% disseram que difere por terem menos reponsabilidade com os netos; e 12% afirmaram que têm mais tempo livre para dedicar-se aos netos do que tiveram para com os filhos.

Esses resultados sugerem que houve uma ênfase maior na autoridade na educação dos filhos e que ela é abrandada na relação com os netos, tendo os resultados sido mais expressivos entre os avós (28%) contra 13% das avós, o que pode indicar que o exercício da autoridade é uma prerrogativa social do masculino. No entendimento de 68% dos avós, os filhos são “[...] liberais e modernos (SILVA; DIAS, 1999, p. 21)”. A percepção da mediação dos filhos na relação dos avós com os netos foi avaliada pelos avós como positiva, ajudando na solidificação da relação, talvez por reconhecerem a presença benéfica dos avós.

O contato entre avós e netos é impactado por diversos fatores, tais como: proximidade geográfica, idade tanto dos avós quanto dos netos, o estado civil e de saúde dos avós, se estão economicamente ativos, configuração familiar, entre outros. No caso de avós viúvos, por exemplo, o contato é reduzido pela carência de ajuda do cônjuge (FERLAND, 2006; DIAS 2016). Esses fatores comprometem a constância e a qualidade da relação, porém no caso das famílias monoparentais, esse contato é contumaz devido à convocação que é feita aos avós para participarem dos cuidados com os netos. E ainda, o relacionamento entre essas duas gerações também sofre a influência do relacionamento que os avós mantiveram com seus próprios avós. Porém, os avós contemporâneos têm o desejo de manter uma relação mais afetiva e menos conflituosa, permeada por compreensão e negociação, o extremo oposto do que muitos tiveram com seus próprios avós (FERLAND, 2006).

Convém ressaltar que as diferenças entre as gerações influenciam sobremaneira o desempenho do papel de avô/avó; para algumas culturas, a educação das crianças é responsabilidade também da família extensa, como é o caso das comunidades autóctenes africanas; no entanto, outras culturas não aceitam a interferência dos avós, sendo ela fonte de diversos conflitos entre os pais e os avós. Ainda, em outras sociedades, os avós não têm relacionamento próximo com os netos, mas os mesmos são honrados e respeitados por manterem viva a história familiar (FERLAND, 2006).

Com efeito, para os netos o passado é representado pelos avós, enquanto que a figura dos pais é a tradução do presente. A razão disso é que, na presença dos netos, os avós rememoram detalhes de suas existências ao contar para eles as suas experiências pessoais vividas. Na opinião de Castellon (2004, p. 155), esses relatos são importantes para o “[...] enriquecimento da identidade das crianças [...]”. Esse processo de rememoração que ocorre na velhice, na visão do autor, é caracterizado por uma “[...] regressão emocional e intelectual [...]”, tendo uma função importante para o relacionamento avós-netos, possibilitando aos avós uma melhor compreensão de si mesmos e dos netos.

Além do mais, essa relação é perpassada por muito carinho, ao contrário da relação com os pais, onde também há carinho, mas deve ser caracterizada por uma dose grande de fixação de limites. Nesse sentido, a posição dos avós é mais suave, por não terem que impor limites porque, teoricamente, essa atribuição é dos pais. No caso dos avós, por meio da relação com seus netos, há uma espécie de reparação da educação dada aos próprios filhos, que era marcada pela imposição de limites.

Porém, nem tudo são flores no relacionamento avós e netos, uma vez que ele é influenciado pela relação que os avós mantinham com os pais das crianças por ocasião do nascimento dos netos. Se essa relação foi conflituosa, isso pode atrapalhar o estabelecimento de vínculo entre os avós e o novo descendente, dificultando o contato e pondo em risco a aproximação futura. Se o cônjuge do/a filho/filha não for aceito/a pela família por diferenças culturais, religiosas, sociais, o relacionamento com os netos fica prejudicado. É correto afirmar que se as relações estabelecidas entre os pais e os avós forem positivas, o nascimento da criança proporciona o fortalecimento dos laços, sendo um evento benéfico para todos (FERLAND, 2006).

Do mesmo modo, os avós precisam policiar-se para que, na relação com os netos, eles não fujam às regras estabelecidas pelos pais. Os avós devem respeitar os jovens pais, evitando conflitos e disputas pela criança ou adolescente. As condutas que levem à disputa são muito perigosas e danosas para a relação com todos e, principalmente, para crianças e adolescentes, que são seres ainda em formação (DOLTO, 1998; ARATANGY; POSTERNAK, 2010).

Os adultos que acompanham a criança, principalmente pais e avós, devem estar de acordo com o que é proporcionado à mesma: regras de comportamento, limites, valores, para que a criança, percebendo essa consonância de atitudes, possa crescer segura, e ainda evitar que possa se aproveitar do clima de discordância para fazer o que quer e fugir às regras (DOLTO, 1998; FERLAND, 2006).

É certo que devem ser respeitados os padrões e as regras estipulados pelos pais, no entanto para a criança é importante que algumas mudanças simples, que não comprometam a estruturação do que foi estabelecido, possam ser experimentadas. Elas são benéficas para que a criança constate outros modos de fazer; por outro lado, as regras estabelecidas na casa dos avós devem ser respeitadas e assimiladas, mesmo que diferindo das da casa dos pais.

Após os três anos de idade, a criança é perfeitamente capaz de compreender a diferença entre o que é aceitável e aceite em sua casa e o que o é em casa dos avós. As diferenças de certos hábitos de vida não lhe criam conflitos se os princípios de base forem os mesmos (FERLAND, 2006, p. 49).

Com efeito, à medida que os netos crescem ampliam-se as vantagens da relação com os netos para os avós, podendo ser observados diversos pontos positivos, pois os netos transformam-se em pontes para os avós terem acesso aos novos padrões da cultura, traduzem

as novas palavras, as gírias e as novas tecnologias, assessorando-os no uso dos equipamentos eletrônicos. Para Ferland (2006, p. 33):

[...] aprendem a decifrar o significado de uma nova expressão da moda, como funciona um determinado jogo de computador, ou ainda quais são as atividades presentemente oferecidas na pré-escola. A criança tem então a impressão, e a justo título, demonstrar algo aos avós. Ajuda-os a acolherem inovações de todo o tipo, bem como a manter, ou quem sabe a desenvolver, uma abertura de espírito para compreenderem o mundo em que evolui.

A qualidade de vida dos avós é tremendamente impactada pela presença dos netos. Nesse sentido, Ferland (2006, p. 33) corrobora: “Um provérbio chinês diz: ‘é preciso juntar vida aos anos e não anos à vida’. É precisamente isso que a criança traz ao dia-a-dia dos avós: vida, ação e estímulo a todo instante”. Sem dúvida, na contemporaneidade, esse relacionamento tem sido vivenciado de forma muito satisfatória, havendo um grande investimento dos avós.

A presença dos netos, na vida dos avós, traz uma atualização dos padrões de comportamento, principalmente na sociedade do conhecimento, onde cada vez mais novas tecnologias são inseridas; assim os netos têm uma importância primordial para a socialização dos avós na “sociedade líquida” (FERLAND, 2006; BAUMAN, 2007).

#### **1.4 A figura do avô**

Nos parágrafos seguintes será abordada especificamente a figura do avô. É consenso entre alguns autores, a exemplo de Dias e Silva (1999) e Ortiz (2011), a carência de estudos que abordem essa temática.

Aratangy e Posternak (2010, p. 13) afirmam que a produção de pesquisas que abordem os avós é escassa, e as poucas referências existentes tratam o sujeito avô de forma “[...] coadjuvante, quando não como simples figurante [...]”. Decerto, a relação avós-netos tem a avó como ponte; nesse aspecto, se aproxima do que ocorre na relação mãe e bebê em que o pai fica um pouco à margem. Para os referidos autores: “Enquanto as avós se comportam como substitutas da mãe, aos avós se reserva um lugar diferenciado: são vistos como depositários da sabedoria familiar (2010, p. 143)”.

Em geral, os avós dão atenção aos netos quando estes já estão na fase em que estão falando e andando, porque antes dessa fase são mais as avós que cuidam. Por outro lado, os

avôs preocupam-se com o bem-estar dos netos, podendo ajudá-los financeiramente. Hoje é comum seu envolvimento com os netos em atividades tradicionais como contar história, brincar e fabricar brinquedos para eles, ajudar nos deveres de casa e passear. Mas também se observa o avô realizando atividades denominadas como “femininas”, tais como: alimentar, cuidar da higiene e levar a médicos e escola, enfim, cuidar deles na ausência dos pais. Segundo Nye e Berardo (1973, apud DIAS, 1994), os avôs atuais têm agido de maneira diferente do padrão de atuação masculino de como seus pais ou avôs vivenciaram a relação com os netos.

Convém ressaltar que o relacionamento dos avôs com os netos apresenta algumas características diferentes do das avós com os netos. Os avôs não têm o foco que as avós têm no cuidado, porém quando se faz necessário que eles assumam o cuidado com os netos, eles o fazem com o mesmo grau de comprometimento que elas.

Além do mais, o avô, por meio da relação de carinho com o seu neto, reescreve uma nova história na relação com o seu filho. Para Castellon (2004, p. 156): “É como se o velho dissesse ao seu filho: “[...] ‘Eu não sou tão mau, olhe como cuido bem de seus filhos’ [...]”. Para a criança, essa dinâmica da relação com o avô tem uma grande importância porque alivia a pressão exercida pelo pai na fixação dos limites (CASTELLON, 2004).

No entanto, para o homem vivenciar bem o seu papel de avô, é primordial, na visão de Aratangy e Posternak (2010, p.142): “[...] primeiro compreender e aceitar o pai que se teve e o pai que se conseguiu ser, com os erros e conflitos inerentes a essas experiências. Só assim será possível ter empatia com a paternidade do filho”.

Para o avô, o nascimento de um neto cumpre o papel de abrandar o medo da morte. O neto chega como uma reedição da sua vida, sendo a possibilidade de continuar existindo através dessa nova vida que emerge no seio da família e que pode servir como ponto de religação aos filhos, beneficiando a todos, sendo dessa forma um resgate da relação entre pais e filhos, que, em geral, sofre distanciamento com o casamento destes (CASTELLON, 2004).

Convém ressaltar que os avôs têm também grande importância nas famílias monoparentais chefiadas por mulheres. Conforme já citado, a substituição dos pais pelos avós tem sido muito comum nos dias atuais. Em síntese, as mudanças que ocorrem nas famílias suscitam novas configurações e convocam todos os membros para novas funções. O ingresso da mulher no mercado de trabalho tem sido uma das alavancas para as mudanças que ocorreram nas famílias e, cada vez mais, as mulheres conseguem se manter sozinhas e criar os filhos sem dependerem do cônjuge ou companheiro (COSTA, 2002; MENDES, 2005;

ROCHA-COUTINHO, 2015). Esse arranjo familiar será tratado mais detalhadamente no próximo capítulo.

## 2 UM OLHAR SOBRE A FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA

O momento atual, vivido por nossa sociedade, é caracterizado por uma avalanche de mudanças que influenciam a base de todas as instituições pelo caráter de interconexão que essas alterações apresentam, promovendo transformações individuais e, conseqüentemente, afetando os grupos e vice-versa, num processo de retroalimentação constante (BAUMAN, 2007).

Igualmente, os padrões de comportamento ditados pelas organizações sociais não se sustentam mais e elas próprias não conseguem mais manter os mesmos formatos por também estarem sendo impactadas pelas metamorfoses sociais, sendo impelidas a se reinventarem, impulsionadas pela revolução da informação que, quando gerada em determinada região do globo, impacta rapidamente a região mais longínqua. Estamos, como diz Bauman (2007, p. 11, grifo do autor), “[...] num planeta atravessado por ‘autoestradas da informação [...]’”.

Naturalmente que a família, por ser um sistema aberto e em constante transformação, é influenciada pelos próprios movimentos internos do ciclo de vida familiar, bem como pelos movimentos externos. Os processos que ocorrem na sociedade, tanto em nível local como em nível global, possibilitam o surgimento de novas configurações ou novos arranjos familiares, sendo o resultado do proteimorfismo característico dos sistemas em mutação. No reino animal, também se encontra a organização familiar e, assim como ocorre com os seres humanos, são diversas as configurações familiares, como também a presença da família ampliada ou extensa no cuidado com os membros do grupo, podendo-se citar o caso das abelhas operárias que têm a função de cuidar dos outros membros (OSORIO, 2011).

Discorrer sobre o que é família, no senso comum, é tarefa fácil de ser executada: qualquer pessoa, ao ser solicitada para dar a definição de família, irá detalhá-la como um grupo formado por pai, mãe e filhos, destacando os pais como responsáveis pelo cuidado com a prole. No entanto, as mutações ocorridas na família têm tornado a estrutura mais informal e novos arranjos familiares são evidenciados, o que não invalida a sua importância, ao contrário, demonstra que cada vez mais as pessoas têm como objetivo o pertencimento ao grupo familiar (MACEDO, 1994; ROUDINESCO, 2003; ARANTES; OLIVEIRA, 2010; SCARPATTI; PERTUZ; SILVA, 2014). Nesse sentido, se depreende da opinião de Arantes (2010, p. 14) sobre as várias configurações familiares existentes, na atualidade, assinalando a “[...] grande diversidade de formas de famílias e núcleos domésticos que é uma marca deste

tempo, em que uniões entre pessoas ocorrem sobre vários aspectos: afetivo, consanguíneos, de mesmo sexo ou por simples afinidade”.

Corroborando com o acima exposto, é conveniente destacar o conceito de família que é utilizado pelo IBGE para proceder às pesquisas:

[...] conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residentes na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar.

É unanimidade dentre os estudiosos da família, em diversas áreas do conhecimento, que o grupo familiar tem grande importância no desenvolvimento das pessoas e na sua integração à sociedade. Porém, com relação à estrutura e função da família, existe a falsa crença de ser um espaço de felicidade, um verdadeiro paraíso. Existe, também, a idealização da família como sendo um lugar livre de perigos e desavenças; além do mais ela é vista como sendo um local onde cessam todas as batalhas, um repouso para todos, apesar das histórias pessoais de diversos sujeitos refutarem essa crença (MACEDO, 1994).

Com efeito, a família é o primeiro lugar de socialização, sendo no seu seio que nascem todos os modelos de comportamento, sejam de harmonia, sossego, fraternidade, entre outros, bem como os primeiros exercícios de competição, de desavenças e de violência que serão reproduzidos nos demais grupos sociais dos quais o sujeito fará parte nas etapas seguintes do seu desenvolvimento, tais como: escola, grupo de amigos, trabalho, entre outros (MACEDO, 1994).

Sem dúvida, a família, como primeiro grupo social, tem um papel muito importante, sendo responsável pela intermediação entre o sujeito e a cultura, intervindo na socialização do indivíduo, geralmente através dos pais. Nesse grupo, têm lugar as experiências relacionais e simbólicas, onde se dá o desenvolvimento individual, tendo uma forte influência sobre a subjetividade de cada membro. Através dos relacionamentos e dos acontecimentos normativos que ocorrem na família, o indivíduo se estrutura para viver em sociedade (SARACENO, 1997).

Naturalmente que o ser humano é perpassado fortemente pelas vivências ocorridas no seio da família; nesse espaço é gerado “[...] o material privilegiado de que se constroem os arquétipos sociais, os mitos” (SARACENO, 1997, p.13). Estes podem ter conotações tanto positivas como negativas, sendo visto como um lugar saudável, de harmonia, de afeto, tanto “[...] como lugar de inautenticidade, de opressão, de obrigação, de egoísmo exclusivo, a

família como geradora de monstros, de violência, a <<família que mata>>”. (p.13, grifo da autora).

Decerto que a família como tema de estudo tem sido um campo muito profícuo. São diversas as ciências que a têm como objeto de estudo, abordando-a sobre vários aspectos como: social, educacional, psicológico, econômico, antropológico, político, entre outros, em razão das transformações que ocorrem na sociedade e que têm impactado diretamente na estruturação das famílias, fomentando mudanças. Como explicitado, ela não responde mais a um modelo específico, uma vez que é notória a multiplicidade de arranjos familiares, bem como a estruturação e a funcionalidade desses arranjos. Essa é a razão pela qual as pesquisas têm se ampliado cada vez mais para dar conta de todos os ângulos dessa temática tão mutável (ORTIZ, 2011).

No campo da Psicologia, especialmente na atuação do psicólogo, essas duas noções, tanto a do senso comum, quanto a da ciência, têm que estar elucidadas e desnudadas para possibilitar uma atuação clínica da forma mais efetiva possível, levando em consideração que cada sujeito tem o seu conceito de família, pautado em suas primeiras experiências de grupo. O profissional deverá ter uma visão atenta às diversas facetas desse objeto de estudo dentro de cada campo de saber científico, levando em consideração que é na família que se desenvolve a personalidade dos sujeitos (MACEDO, 1994).

Retomando a abordagem do processo de metamorfose que vem ocorrendo na família, é conveniente ressaltar que o vocábulo “família” vem do latim *famulus*, que significa “servo” ou “escravo”, remetendo à ideia de que a formação do grupo familiar respondia ao desejo de posse de outrem, da supremacia do homem sobre as vidas das mulheres e das crianças advindas dessa união. A partir das conquistas civis das mulheres, dos adolescentes e das crianças no que tange ao reconhecimento de seus direitos, se iniciou um processo de transformação, caminhando para uma instituição familiar mais igualitária (OSORIO, 2011).

Até meados do século XX, os integrantes da célula familiar estavam subjugados aos interesses masculinos, figurando como verdadeiros servos; as mudanças (os métodos contraceptivos femininos; o divórcio; a elevação do índice de escolarização das mulheres; a inserção da mulher no mercado de trabalho) que ocorreram na sociedade possibilitaram o questionamento sobre o arbítrio parental. Assim observamos: “[...] o direito de os filhos moldarem seus próprios destinos e a equiparação social dos cônjuges [...]” (OSORIO, 2001, p. 21). Também ocorreram modificações na estrutura familiar sob a forma de diversos arranjos que têm sido evidenciados em várias sociedades, nos dias de hoje, tais como: famílias

recasadas, famílias monoparentais, famílias homoafetivas, famílias multigeracionais, entre outras (OSORIO, 2011; DIAS, 2016).

Por conseguinte, o tipo de família como era concebido nas décadas anteriores evoluiu para outros modelos, que podem ser vistos de forma positiva, tendo em vista que buscam dar conta do desejo gregário das pessoas, respondendo à subjetividade de cada um. Nesse sentido, depreende-se da afirmação de Osorio (2011, p. 19):

Consideramos ainda que a família, ao longo de sua evolução, apresentou-se sob três formatos básicos: a família nuclear (constituída pelo tripé pai-mãe-filhos); a extensa (constituída por membros com laços de parentesco em geral) e a abrangente (que inclui mesmo os não parentes que coabitem).

Com efeito, o modelo de família onde se assistia à centralização do poder no chefe de família, com um funcionamento hierarquizado cede, hoje, espaço à descentralização, e um relacionamento mais horizontal, respondendo a um modelo que já está instaurado na sociedade. Foram fatores preponderantes para que isso ocorresse: o protagonismo feminino no mercado de trabalho e a valorização do saber dos jovens, os quais, no cenário atual da sociedade da informação, conseguem dar conta das atividades com mais desenvoltura do que os pais adultos; e, certamente, como sistema aberto, a família não terá como fugir às influências e precisa adaptar-se, se rendendo à sua propriedade de protemorfismo (OSORIO, 2011; SCARPATTI; PERTUZ; SILVA, 2014).

No Brasil, só a partir da Constituição Federal de 1988 é que foram reconhecidos e legitimados outros formatos e outras maneiras de organização familiar, como, por exemplo, as famílias monoparentais, apesar de esse arranjo familiar já estar presente, no Brasil, desde a época colonial (COSTA, 2002). É sobre essa configuração familiar que nos deteremos neste capítulo.

## **2.1 Caracterizando a família monoparental**

No passado, a família se assentava no modelo nuclear composto por um homem e uma mulher que, juntos, criavam os filhos que nascessem dessa união ou que viessem a ser adotados. Na atualidade, como já citado, assiste-se às transformações profundas que ocorrem na família, gerando novas configurações familiares. Uma das grandes alavancas para essas

transformações na família foram as inovações quanto ao controle da natalidade que tiveram início após a Segunda Guerra Mundial.

As práticas de controle da concepção, que ficavam sob o controle masculino e eram exclusivas até o período supracitado, tais como o coito interrompido e os preservativos masculinos, deixavam as mulheres passivas com relação à possibilidade de engravidar. Após esse período, paulatinamente, foram assimilados os novos métodos contraceptivos para mulheres, de acordo com Roudinesco (2003, p. 151): “[...] planejamento familiar [...] dispositivos intrauterinos, pílula do aborto [...]”.

Outro fator que se pode citar foi a instauração do divórcio, que ocorreu na França, em 1884, mesmo com a desaprovação dos conservadores que temiam pelo fim da família. Apesar de ter sido sancionado no século XIX, até 1950, na Europa, as mulheres divorciadas não eram bem aceitas pela sociedade (ROUDINESCO, 2003). O divórcio foi mais um embrião que gerou grandes mudanças na família e, no entender dos defensores progressistas, ele denunciava uma situação de falência do casamento indissolúvel, que deveria ser enfrentada. Nesse sentido, Roudinesco (2003, p. 153) afirma:

[...] o casamento perdeu efetivamente sua força simbólica à medida que aumentava o número dos divórcios [...] assimilado a um rito festivo que acontecia não mais como ato fundador de uma célula familiar única e definitiva, mas como um contrato mais ou menos duradouro entre duas pessoas.

O divórcio, por ser um evento estressor que gera um grande desgaste em todos os envolvidos, pode ser impactante para pais e filhos sob o ponto de vista físico e psicológico. A família que o vivencia, em qualquer fase do ciclo evolutivo, experimenta sentimentos de dor, perda e frustração. O nível desses impactos vai depender dos mecanismos de ajustes de cada um, da faixa etária das crianças e do modo como os cônjuges lidam com a separação. E ainda, pelo caráter sistêmico da família, atinge também a família extensa (PECK; MANOCHERIAN, 1995; RAPOSO; FIGUEIREDO, 2011; ALCÂNTARA, 2013).

Com a ocorrência dos divórcios nas famílias surgiram novos tipos de arranjos familiares, tais como o recasamento e a monoparentalidade. Quando ocorre o recasamento por parte das pessoas que se divorciaram, a família é denominada de recasada, na qual se encontram crianças convivendo numa família com seus próprios irmãos e também com meio-irmãos, tendo se tornado cada vez mais comum essa configuração familiar. No arranjo monoparental, as crianças são criadas por um dos pais e, apesar da grande incidência da

monoparentalidade feminina, essas famílias ainda sofrem algum tipo de estigmatização, como consequência do preconceito contra a mulher ainda existente na sociedade, embora esteja, paulatinamente, sendo derrubado (ROUDINESCO, 2003; BALIANA, 2013; GONÇALVES, 2013).

O século XXI trouxe mais inovações, a partir das novas formas de relacionamentos impulsionados pelo advento das redes sociais, em que as interações entre as pessoas são possibilitadas sem fronteiras geográficas e demográficas, sendo extremamente mais rápidas, em duplo sentido: no sentido da interação ser possibilitada sem demoras e no sentido de iniciarem, propiciarem um envolvimento que pode se desfazer com a mesma rapidez com que começou. São os relacionamentos em rede, e no dizer de Bauman (2004, p. 8, grifo do autor): “[...] uma ‘rede’ serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades”.

No que diz respeito à influência do comportamento feminino nas mudanças que ocorreram na família, se pode afirmar que as novas formas de controle da natalidade que surgiram na segunda metade do século XX transformaram os relacionamentos a dois, empoderando as mulheres, que passaram a decidir o momento certo para serem mães, causando uma verdadeira revolução na família. As mulheres se permitiram viver as suas relações amorosas de forma livre, sem compromissos em formar famílias e retardaram a maternidade confiando nas novas técnicas de contracepção. Dessa forma, elas ganharam, no dizer de Roudinesco (2003, p. 155):

[...] a possibilidade de se tornar estéreis, libertinas, namoradas de si mesmas, sem incorrer nos riscos de uma condenação moral ou de uma justiça repressora. [...] Assim como os homens, podiam também procriar filhos de diversos leitos e fazê-los coabitarem em famílias ditas “co-parentais”, “recompostas”, “biparentais”, “multiparentais”, “pluriparentais” ou “monoparentais”.

Como explicitado, os novos arranjos familiares são o resultado do exercício dos direitos das mulheres, adolescentes e crianças, da influência do divórcio e dos métodos contraceptivos que se tornaram acessíveis às mulheres. Nesse sentido, em 1960 surgiu, na Inglaterra, o termo “família monoparental”, podendo-se afirmar que foi uma evolução do conceito tradicional da família (COSTA, 2002).

Na França, essa designação foi utilizada pela primeira vez em 1975, pela socióloga feminista Andréé Michel, influenciada pelo modelo de família americano o qual “[...] serviu para designar, sem estigmatizá-lo, um modelo de ‘família irregular’, julgado, entretanto, mais

negativo que o da parentalidade reconstruída. As ‘filhas mães’ foram então qualificadas de “mães solteiras” [...] (ROUDINESCO, 2003, p. 154, grifo da autora)”.

De acordo com Costa (2002), em seguida, na França, em 1981, o Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (INEEE) usou o termo para identificar famílias em que apenas um dos progenitores, sozinho, estava responsável pelo cuidado com os filhos. No Brasil, nos anos de 1967 e 1968, foram desenvolvidos estudos clássicos sobre o tema da monoparentalidade. Convém salientar que as pesquisas aumentaram quando esse fenômeno atingiu a classe social das pesquisadoras, apesar de um grande número dessas famílias já fazerem parte da sociedade brasileira, antes desse marco (WOORTMANN; WOORTMANN, 2002).

A Constituição Federal de 1988 reconheceu esse tipo de arranjo familiar, citado no Artigo 226 § 4º: “Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”. Esse reconhecimento influenciou sobremaneira a estruturação da família brasileira e fomentou novas mudanças. Para a legislação, para ser considerada uma família monoparental, os filhos devem ter entre 15 e 25 anos, ou precisam estar em processo de escolarização e/ou ainda dependerem economicamente da mãe ou do pai (COSTA, 2002).

Outro motor propulsor das mudanças na família fora a inserção da mulher no mercado de trabalho. A expressiva atuação feminina na sociedade tem se dado a partir do investimento em educação, o que caracteriza o aumento dos anos de escolaridade por parte dela e, por conseguinte, a mulher tem participado muito ativamente nos movimentos sociais e políticos e ampliado sua participação no mercado de trabalho (MENDES, 2005; ORTIZ, 2011).

Com efeito, a vida em família difere de cultura para cultura e também é impactada pelas mudanças que ocorrem nas sociedades em que está inserida. O grau de influência dessas transformações também depende da cultura, por exemplo: nas culturas orientais, mais tradicionais, as transformações são mais lentas, demonstrando que a família não é totalmente passiva na assimilação das mudanças, mas é uma forte alavanca para a mudança social. Na sociedade brasileira, pode-se citar um exemplo dessa interferência na organização da sociedade: o reconhecimento pela Constituição Federal de 1988 da família monoparental, como dito anteriormente (COSTA, 2002).

Importa salientar que, a depender do gênero que fique à frente do cuidado com os filhos, a família monoparental será denominada feminina ou masculina, sendo maior a incidência da chefia feminina, tanto no Brasil como em nível mundial (LACERDA, 2006;

ISOTTON; FALCKE, 2014). Para este estudo, focaremos a ocorrência da monoparentalidade feminina, no qual o pai das crianças não convive com a família e a mãe, sozinha, está responsável pelo cuidado dos filhos, contando com a ajuda da família extensa. Essa ajuda será focada principalmente no avô.

Corroborando com esse dado, foi constatado no último censo demográfico, em 2010, o crescimento das famílias monoparentais femininas: 53,5% das famílias brasileiras são formadas por “[...] mulheres sem cônjuge e com filhos [...]”. Sendo que, desse percentual, na Área Urbana são 54,4% e na Zona Rural, 47,1% (IBGE, 2010).

O fenômeno da monoparentalidade pode vir a ocorrer duas vezes na vida de um homem ou de uma mulher, tendo em vista que as famílias recasadas têm uma probabilidade de 60% de vivenciarem um novo divórcio. Muitas crianças e adolescentes que vivem em famílias recasadas, convivendo com padrastos e madrastas, provavelmente terão a experiência de viverem novamente num lar monoparental antes de terem sua vida autônoma. Tendo em vista que 35% das pessoas divorciadas não tornarão a se casar e que 60% das que se recasaram voltarão a se divorciar, os lares de famílias monoparentais são, atualmente, a configuração familiar de maior percentual nas sociedades atuais e com forte tendência de crescimento no futuro (BROWN, 1995; ORTIZ, 2011).

Ressalte-se que o fenômeno da monoparentalidade feminina se dá por diversas razões: pode ocorrer através da opção, por parte da mulher, pela reprodução assistida ou “produção independente”, ou também pela gravidez não planejada, em que, na maioria das vezes, a criança permanece com a mãe. Outra possibilidade é devido à morte do cônjuge ou por afastamento dele após o divórcio, podendo ocorrer o desinvestimento do homem da função paterna, o que colabora para o aumento da chefia feminina monoparental (COSTA, 2002).

Outros fatores que colaboram para o aumento do número de pessoas, tanto do gênero masculino quanto do feminino, criando os filhos sem o cônjuge são: a adoção de crianças por pessoas solteiras; a ausência de um dos cônjuges por problemas com a lei, cumprindo pena em presídios; doença grave que exija hospitalização; necessidade de migração, por falta de oportunidades de trabalho no local onde a família reside ou por exílio decorrente de guerra (ORTIZ, 2011).

Por outro lado, a ocorrência da monoparentalidade feminina nas classes econômicas mais altas, em geral, dá-se devido ao investimento da mulher na carreira profissional e na escolaridade (COSTA, 2002). Corroborando com essa afirmativa, encontramos em Rocha-Coutinho (2015) que as mulheres têm progredido na carreira profissional, chegando aos altos

cargos das organizações nas últimas décadas, resultado do investimento em educação, que, por sua vez, acarreta autonomia financeira. Assim, elas podem arcar com as despesas pessoais e com as de seus dependentes, não dependendo financeiramente de um parceiro. Nessa classe social, as mulheres não se sentem obrigadas a legalizar seus relacionamentos, vivem seus relacionamentos amorosos livres e independentes dos parceiros (COSTA, 2002).

Em síntese, para o citado autor, a maternidade voluntária é mais comum nas camadas sociais mais elevadas da sociedade e, contrariamente, nas camadas menos favorecidas economicamente, a maternidade por opção não é frequente.

Certamente, a monoparentalidade feminina pode ocorrer sem que haja um planejamento prévio, mas como referido anteriormente, também existem situações de monoparentalidade planejada, devido à mulher optar por manter-se independente, sem vínculo afetivo com o pai da criança, sendo classificada como mãe solteira voluntária. Também existem as situações em que a monoparentalidade ocorre através da inseminação artificial heteróloga com a doação de esperma de um doador anônimo ou por adoção de uma criança (COSTA, 2002).

Como os motivos da entrada na monoparentalidade são distintos e dependem muito da classe social, convém atentar para o que alerta Weissmann (2009) de que, para o desenvolvimento de pesquisas que abordem as famílias monoparentais, faz-se necessário levar em consideração a razão da constituição desse arranjo familiar, ou seja, o modo de entrada na monoparentalidade, que pode se dar com ou sem planejamento.

O alto percentual de monoparentalidade feminina deve-se, em parte, ao fato de que, tradicionalmente, os filhos, após o divórcio, ficam sob a guarda da mãe. Esse fato também dificulta o casamento da mãe porque alguns homens podem não querer investir numa relação com uma mulher com filhos, devido às implicações que possam surgir dessa relação. Por sua vez, o homem divorciado, por não estar com a responsabilidade da criação dos filhos, na maioria das vezes, casa-se rapidamente (BALIANA, 2013).

Na pesquisa realizada por Weissmann (2009), na cidade de São Paulo – SP, foram escutadas mães que criam seus filhos sozinhas, os quais são de pais biológicos diferentes, que não exercem ou não exerceram a função paterna, tendo sido exclusivamente responsáveis pelas características genéticas do filho. A autora abordou a família sob o ponto de vista psicanalítico, portanto, a partir das questões inconscientes. Via de regra, homens e mulheres, entre outras razões, se relacionam visando a constituição de uma família. No entanto, nas famílias de baixa renda pesquisadas, o primeiro movimento das mulheres é a busca pelo ato

sexual e depois a procriação que, estranhamente, não é considerada como possibilidade, no momento do ato. Nesse sentido, Weissmann (2009, p. 154-155) explicita:

Nas famílias monoparentais, a sexualidade está marcada por um movimento inconsciente, partindo do lugar materno, de não reconhecimento e aceitação inconsciente de dois sujeitos como diferentes para formar e procriar um filho. Talvez isso estivesse desenhado uma forma peculiar do amor possível, em um espaço no qual não há encontro de dois. Desse modo, defrontamos com uma conformação familiar mais centrada em uma predominância do um, ou com uma predominância psíquica do lugar materno.

No Brasil, a região Nordeste é o local onde se encontra o maior número de famílias monoparentais femininas e, na sua maioria, são afrodescendentes, sendo que essa região apresenta alto índice de pobreza (IBGE, 2010). Todos esses quesitos juntos aumentam o grau de vulnerabilidade dessas famílias (COSTA, 2013).

A constatação de que a maioria das famílias monoparentais femininas brasileiras são negras e pobres e, portanto, expostas à vulnerabilidade social, se funda em diversas pesquisas realizadas em várias áreas do conhecimento e corrobora os resultados de outras pesquisas realizadas em outros países. Neles, os mesmos aspectos são identificados, ou seja, a maioria das famílias monoparentais femininas estão nas classes economicamente menos favorecidas e são negras, e isso já denota uma situação de fragilidade (ORTIZ, 2011; WEISSMANN, 2009).

Desse modo, para dar conta do sustento da família, as mulheres das camadas pobres não têm outra alternativa a não ser se lançarem no mercado de trabalho, ausentando-se do lar durante o expediente laboral, e ainda, devido à baixa remuneração, precisam permanecer mais tempo fora de casa, não tendo condições de estarem presentes na educação dos filhos. Isso é considerado um fator de risco. Para assistir essas mulheres, o Estado deveria ter políticas públicas eficientes que subsidiassem infraestrutura de acolhimento aos filhos, enquanto as mulheres se ausentam para trabalhar, tais como: creches, escola, lazer, segurança pública, entre outros. No entender de Costa (2013, p.149):

Mulheres, mães, chefes de família que precisam trabalhar mais de quinze horas diárias, com mais de um trabalho (formal e/ou informal) e não têm condições de participar efetivamente da vida de seus filhos, constituem grupos em exclusão social. Encontram-se em risco pessoal e social, excluídas das políticas sociais básicas (trabalho, educação, saúde, habitação, alimentação).

Outro fator de risco é a ausência paterna, que tem duas implicações: problemas financeiros devido à ausência do cônjuge para dividir as despesas da família, e o outro ponto é que se constitui em “[...] um fator de risco para a constituição subjetiva desses filhos, a limitação de processos identificatórios favoráveis quanto à figura paterna (COSTA, 2013, p. 150)”.

Na ausência de políticas públicas eficientes, os percalços enfrentados pela família monoparental feminina podem ser amenizados através de uma rede social de apoio, constituída por outras mulheres, parentes e vizinhos, e ainda pela família extensa, que tem importante papel no cuidado com as crianças dessa configuração familiar (COSTA, 2013).

Os filhos nesse tipo de arranjo familiar podem se enquadrar como fator de proteção e/ou fator de risco. Podem ajudar no trabalho doméstico, cuidar dos irmãos mais novos e trabalharem para o sustento da família, no mercado informal; nesse sentido entendido como fator de proteção. No entanto, a presença precoce nas atividades laborais pode atrapalhar a escolaridade desses sujeitos, o que se converte em fator de risco, tendo em vista que a falta de escolaridade os mantém sem possibilidades de adentrar, no futuro, no mercado de trabalho formal e ascender socialmente, mantendo o *status quo* e assim o estado de vulnerabilidade social (COSTA, 2013).

Retomando a questão do motivo de entrada na monoparentalidade e abordando a maternidade voluntária, cuja ocorrência é mais comum na classe média alta, essa modalidade ocorre quando uma mulher deseja ter um filho através de um banco de sêmen, sem a intervenção da função paterna. Isso é, do ponto de vista psicanalítico, um ato que tem um risco de grande empoderamento da mãe, ao prescindir de um homem, e isso, no futuro, poderá ter consequências graves para a relação mãe/filho. Outra modalidade é o que, no Brasil, é chamada de “produção independente”, quando a mulher decide tornar-se mãe, optando por criar a criança sozinha, e num ato sexual pretende “roubar” o esperma do parceiro sexual com o objetivo de engravidar (WEISSMANN, 2009).

No caso das famílias brasileiras abordadas pela referida autora, pertencentes à classe média baixa, o objetivo das mulheres era viver o momento de paixão representado pelo ato sexual, que, muitas vezes, resulta numa gravidez que não havia sido planejada. Porém, essas mulheres optam por assumir a maternidade e os pais não buscam investir na paternidade, vindo a família se configurar numa “[...] família monoparental por decisão materna” (WEISSMANN, 2009, p. 156).

Por outro lado, o desinvestimento dos pais da função paterna pode estar associado às dificuldades financeiras enfrentadas por essas famílias. O homem, temendo não dar conta do sustento da família, ausenta-se totalmente, para não ser evidenciada a sua incapacidade de prover o necessário para a criação dos filhos (WEISMANN, 2009).

Na pesquisa supracitada, a autora apresentou exemplos de casos clínicos de famílias monoparentais atendidas em seu consultório e ressalta partes do discurso de uma mãe que se intitula, diante da falta do cônjuge, ocupando os lugares de mãe e de pai. A pesquisadora afirma que isso é da ordem do impossível, tendo em vista que esses papéis ou funções serão ocupados por pessoas diferentes, ou seja, o casal parental. Dessa forma, essa mãe nega o lugar do pai, porém é um gesto que não vai dar resultados, tendo em vista que o lugar paterno não poderá ser suprimido. Weismann (2009, p. 159) justifica a razão, explicitando que: “O lugar paterno não se desfaz, pois está assinalado pela língua, ele é parte da linguagem, não pode ser anulado da família, já que faz parte da cultura. O lugar paterno carrega uma marca que provém do social”.

Como já explicitado, na realidade brasileira, o maior número de famílias monoparentais está presente na classe média baixa e os sujeitos, na maioria das vezes, são afrodescendentes, carecendo de uma infraestrutura social que possibilite acesso à educação, saúde, segurança. Desse modo, elas são mais vulneráveis (WEISMANN, 2009).

Contrariamente, esse cenário é muito diferente da realidade das famílias de classe média alta, que são chefiadas por mulheres brancas que apresentam alto nível de escolaridade e uma carreira profissional bem sucedida com bons salários. Consequentemente, a infraestrutura da qual goza a família, no que tange à moradia, à educação, à saúde e à segurança, é fator que concorre para uma melhor qualidade de vida. Outra questão é que essas mulheres, enquanto se ausentam para trabalhar e até para momentos de lazer, têm condições financeiras para deixar as crianças com cuidadores, em escolas de tempo integral, entre outras possibilidades, tais como: escolas de idiomas, de artes e de música.

A pesquisa empreendida por Weissmann (2009) foi embasada na teoria psicanalítica a qual assegura que o social tem influência sobre a edificação do psiquismo e, consequentemente, na questão transobjetiva, principalmente no caso das famílias monoparentais; por conseguinte, para uma efetiva análise da subjetividade, faz-se necessário que o espaço social seja considerado.

Nesse sentido, o conforto experimentado pela família de classe média alta é um fator estruturante do psiquismo, o que corrobora para um bom desempenho da mulher no trabalho e

para com as crianças de modo geral. Contudo, não existe garantia de que não enfrentarão os conflitos e dificuldades que estão presentes em todos os lares; o que fica atenuada é a exposição à vulnerabilidade social a qual estão expostas as famílias monoparentais da classe média baixa e de ascendência negra (WEISSMANN, 2009).

Na verdade, o enfrentamento das dificuldades financeiras é uma ocorrência comum nos lares chefiados por mulheres sem cônjuge, devido à remuneração para o trabalho da mulher ser inferior, mesmo em postos de trabalho similares aos dos homens. Tanto as mulheres das camadas mais pobres quanto as das camadas mais abastadas não estão preparadas para criar os filhos sem a ajuda financeira de um cônjuge (ORTIZ, 2011; OLIVEIRA, 2013).

Devido a esse arranjo familiar se caracterizar pela ausência paterna, para suprir essa lacuna, há um investimento das trocas afetivas entre mães e filhos e entre avós e netos. Nas famílias monoparentais, muitas vezes, as crianças ficam à frente das decisões da casa, invertendo-se a hierarquia, ou seja, elas escolhem o quê, como e quando fazer, sendo esse comportamento expandido para a escola, o que pode dificultar seu rendimento escolar (ORTIZ, 2011).

Nesse sentido, corrobora Ferland (2006, p. 151) que o avô pode funcionar como “[...] uma imagem masculina estável e importante para o equilíbrio da criança”. Também na visão de Aratagy e Posternak (2010, p. 148), “[...] a ausência de uma figura masculina pode ter consequências adversas, sobretudo na disciplina e agressividade das crianças”. Torna-se necessário alguém que faça a mediação entre a mãe e os filhos, principalmente nos momentos de conflitos.

Além disso, a presença do avô viria a colaborar como mais uma figura de autoridade, apoiando a mãe. Isso pode ser justificado pela afirmação de Scarpati, Pertuz e Silva (2014, p. 233, tradução nossa) de que a ocorrência da monoparentalidade “[...] gera uma interrupção no ciclo vital dando lugar à mudança nas regras, nos limites e nas relações [...]”. Por conseguinte, no caso das famílias chefiadas por mulheres, a relação com os filhos fica sem alguém que a intermedeie, sendo então importantes as redes de apoio. Dando continuidade, as autoras supracitadas (2014, p. 243, tradução nossa) afirmam que “[...] faz-se necessário reconstruir os vínculos com a família de origem da mãe ou do pai das crianças”.

De acordo com Ortiz (2011), em Murcia (Região de Murcia, na Espanha), a maioria das famílias monoparentais é chefiada por mulheres. Esse dado é igual à realidade do Brasil, segundo o IBGE (2010). Nessa cidade, as mães têm a guarda de seus filhos e, na maioria dos

casos, os pais estão totalmente ausentes de sua educação. Na Espanha é possível constatar uma grande incidência da ausência do pai para ajudar nas tarefas do dia a dia. Em contrapartida, há a presença dos avôs maternos e dos tios que auxiliam a mãe nas atividades instrumentais, exercendo em parte a função paterna, porém a mesma é “[...] insubstituível, necessária e imprescindível (ORTIZ, 2011, p. 81)”.

O referido autor elaborou alguns questionamentos sobre a realidade das famílias monoparentais diante da criação dos filhos, principalmente as famílias chefiadas por mulheres. As perguntas levam à reflexão sobre as dificuldades enfrentadas no que concerne à:

[...] conciliação dos afazeres domésticos e suas responsabilidades profissionais? Que tipo de ajuda faz-se necessária? Necessita apoio social ou familiar para dar conta de suas responsabilidades? O ambiente familiar é adequado e corrobora com a educação das crianças? As crianças podem desenvolver-se adequadamente sob a responsabilidade de apenas um dos pais? O pai ou a mãe que não convive diariamente com a criança perde o direito de intervir na sua educação? Como são exercidas as funções parentais? (ORTIZ, 2011, p. 61, tradução nossa).

Nas famílias monoparentais, um dos maiores desafios é a educação dos filhos. Nos três primeiros anos pós-divórcio, a família ainda pode estar fragilizada pela ruptura do relacionamento dos cônjuges e em fase de adaptação à nova realidade. Desse modo, a instabilidade emocional dos seus membros dificulta o processo educativo e torna a tarefa hercúlea. Estando os filhos na fase da infância ou da adolescência, a dificuldade de se constituir como única cuidadora exige que a mulher desenvolva a autoconfiança e que ajuste-se, principalmente no aspecto emocional. Para tanto, a ajuda do avô pode ser um excelente suporte nessa fase de acomodação (PECK; MANOCHERIAN, 1995; FERLAND, 2006; ARATANGY; POSTERNAK, 2010; ORTIZ, 2011).

Com efeito, as mudanças que ocorrem na família impactam diretamente a família extensa, que entra em cena para dar apoio à família monoparental. Nesse tipo de arranjo familiar, a mãe, por mais que se esforce, tem dificuldade de dar conta sozinha do cuidado com os filhos, por precisar dedicar-se muitas horas ao trabalho e por, na maioria das vezes, arcar sozinha com todas as despesas dos filhos, como dito anteriormente. Ela necessita de uma rede de apoio para ajudar nas tarefas domésticas, no cuidado com a socialização e na educação dos filhos (ORTIZ, 2011).

Naturalmente que essa ajuda tem sido possibilitada devido ao aumento da longevidade e qualidade de vida dos idosos. Porém, essa interação, muitas vezes, pode gerar conflitos, que

advêm da “[...] dificuldade de limitar a ajuda dos avós, tendo em vista que eles assumem a maior parte da educação dos netos (ORTIZ, 2011, p. 66, tradução nossa)”.

Apesar da configuração familiar monoparental não ser um fenômeno dos dias de hoje, apenas tem se intensificado pelos motivos já citados, esse arranjo familiar ainda carrega o estereótipo de família incompleta, cuja ocorrência tem sido entendida como incompetência da mulher. Por outro lado, as expectativas da sociedade para a atuação do homem frente à família dizem respeito ao seu sustento e à sua presença na família, e ainda concede outro *status* social à mesma, até nos casos em que a mulher tem renda superior a do homem. A discriminação social da família monoparental não só se restringe à mulher, mas afeta também os filhos (BALIANA, 2013).

Indubitavelmente, a subjetividade dessas mulheres é atravessada por diversas questões e angústias provocadas pelas contradições pessoais: ter que se ausentar de casa para poder prover o sustento dos filhos e não dar atenção devida aos cuidados com os mesmos. Sem o trabalho elas não conseguem mantê-los, e como a remuneração da mulher, em geral, é menor do que a do homem se faz necessário aumentar a jornada de trabalho e assim ocorrem os sentimentos dúbios frente às pressões da sociedade com suas imposições e expectativas. A ajuda da família extensa pode ser benéfica, dando suporte, assumindo assim algumas tarefas de cuidado com a prole, podendo o avô ser um importante apoio nas tarefas do cotidiano (ORTIZ, 2011; BALIANA, 2013).

Diante do acima exposto, pode-se afirmar que a monoparentalidade feminina lança desafios à mulher, se levadas em conta todas as características desse arranjo familiar, já citados anteriormente. Porém, pode ser fonte de crescimento pessoal para a mulher que se descobre apta a cuidar de si e dos filhos, fazendo disso uma fonte de prazer, a despeito dos percalços; e que apesar deles, estudos apontam que essa configuração familiar proporciona aos filhos um maior discernimento e um maior potencial para se posicionarem frente aos eventos do cotidiano (ORTIZ, 2011; BALIANA, 2013).

A postura e a desenvoltura exitosa das mulheres que estão à frente das famílias monoparentais demonstram que elas conseguem dar conta de suas responsabilidades maternas tão bem quanto com a presença do cônjuge, e que o desempenho bem-sucedido das funções parentais independe de gênero; na realidade depende do desejo de cada um (BALIANA, 2013).

## 2.2 Uma compreensão da família monoparental à luz da Teoria dos Sistemas

O termo “sistema” tem a ver com conexões, com conectividade, com a forma como os integrantes do sistema se relacionam e como o funcionamento do todo e das partes pode ser previsto com antecedência, devido ao modelo pré-existente já ser conhecido. Na visão de Minuchin; Colapinto e Minuchin (1999, p. 20): “Sistemas de tipos diferentes têm características específicas, mas qualquer sistema é organizado e caracterizado por padrões repetitivos”.

Pensar a família como um sistema é, sem dúvida, um poderoso mecanismo para ser usado no tratamento das questões que afloram em seu seio. A família, por ser um sistema aberto, realiza intercâmbios com os subsistemas internos e com os sistemas e subsistemas externos. Em consonância com o exposto, Minuchin et al. (1999, p. 22) afirmam: “Uma família é um tipo especial de sistema, com estrutura, padrões e propriedades que organizam a estabilidade e a mudança. É também uma pequena sociedade humana, cujos membros têm contato direto, laços emocionais e uma história compartilhada”.

Portanto, para o estudo do comportamento humano e do funcionamento das famílias a partir da teoria sistêmica, faz-se necessário ter em mente algumas características dos sistemas, tais como: a previsibilidade das ocorrências, a existência de subsistemas, o *feedback* que ocorre entre as partes, bem como a fixidez e os movimentos de mutação do sistema, porque apesar de responder a uma estrutura, todo sistema tem tendência à transição. No que tange ao sistema familiar, deve-se levar em consideração que seus membros são extremamente suscetíveis às mudanças; elas, quando ocorrem numa parte, afetam o todo pela interconexão das partes. Por outro lado, convém ressaltar que, quando ocorrem períodos de estabilidade, o funcionamento se dá repetindo padrões antigos, previamente realizados (MINUCHIN et al., 1999).

No sistema familiar, há uma interdependência dos membros em cada fase do ciclo vital e nas demais ocorrências, normativas ou não, requerendo que sejam assumidos papéis: há momentos que exigem uma atuação em conjunto, onde todos os membros vão atuar lado a lado, em prol da homeostase do grupo, apoiando-se para dar conta de um determinado evento, como é o caso do nascimento de um novo membro, ou quando outro adoece, nas crises conjugais, morte, desemprego, entre outras situações. Outros episódios têm caráter mais individual, como é o caso do ingresso na escola ou em uma nova oportunidade laboral. Esses

movimentos grupais e individuais são característicos do sistema familiar (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Convém ressaltar que a família é composta por indivíduos que estão em estágios diferentes do processo de desenvolvimento. Esses indivíduos ingressam na família através do nascimento, adoção ou casamento, enquanto que a saída do grupo se dá através da morte. Os laços familiares não se rompem voluntariamente. Eles são indissolúveis, pois mesmo quando há distanciamento dos membros por conflito, a pessoa continua fazendo parte do sistema familiar (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

O sistema familiar não se restringe a um dado agrupamento doméstico ou a uma parte familiar nuclear do sistema; nesse sentido, perpassa da família nuclear ou da configuração monoparental para a família extensa. Em sendo assim, a família extensa está intrinsicamente ligada aos processos de mudança pelos quais passam as famílias e que estão presentes na transição, por exemplo, nos momentos de crise conjugal que pode culminar em divórcio, agindo como conselheiros dos filhos e rede de apoio para os netos; no pós-divórcio, apoiando o cônjuge que ficou com a guarda da prole (PECK; MANOCHERIAN, 1995).

Com relação às funções do sistema nuclear e do sistema ampliado, no caso de divórcio ou outras conjunturas que venham provocar a dissolução da união conjugal, outra pessoa pode vir a ocupar a função materna ou paterna. Assim sendo, os avós podem dar suporte na ausência do cônjuge, ajudando nas atividades instrumentais, apoio financeiro e/ou psicológico, sendo que as características emocionais da relação parental permanecerão inalteradas porque essa relação tem características e funções próprias (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Além do mais, os eventos que causam estresse ao sistema familiar, tais como o divórcio, que podem ocorrer nos momentos de transição de ciclo de vida para outro, geram descontinuidade desse ciclo, provocando sintomas e disfunções. Esses eventos têm uma reverberação comprovada dentro do grupo familiar e podem ter uma longa duração, afetando a família nuclear e a família extensa (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Nesse sentido, a convocação do avô na família monoparental feminina (ORTIZ, 2011) vem responder ao caráter de interdependência de seus membros, estando as três gerações intrinsecamente ligadas; sendo assim, a família extensa pode, eventual ou normativamente, exercer a função ou papel paterno. Corroborando com o exposto, afirmam Carter e McGoldrick (1995, p. 9): “[...] a família compreende todo o sistema emocional de pelo menos

três, e agora frequentemente quatro gerações. Esse é o campo emocional operativo em qualquer momento dado”.

Nas relações multigeracionais que incluem família monoparental feminina, a alternância da autoridade entre os adultos da família (mãe, avós, tios ou irmãos mais velhos) pode gerar “[...] mensagens obscuras e contraditórias que confundem as crianças e interferem na percepção do comportamento adequado (MINUCHIN et al., 1999, p. 24.)”. Isso pode ser um fator complicador para a homeostase ou o equilíbrio do sistema familiar.

Como também, na atuação dos avós no cuidado com os netos, existe uma grande probabilidade de as fronteiras da parentalidade e da relação com a família extensa não serem reconhecidas e nem respeitadas, o que pode causar conflitos e possíveis alterações no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Nesse sentido, Minuchin et al. (1999, p. 25) alertam: “Quando os padrões familiares não estão funcionando bem, convém observar separadamente os diferentes sistemas”.

No entanto, quando a autoridade é exercida de maneira inequívoca e com flexibilidade, o funcionamento da família é mais harmonioso, podendo a autoridade mudar entre os membros adultos quando os filhos ainda estão na infância e devendo ser delegada, aos poucos, à medida que entram na adolescência (MINUCHIN et al., 1999).

Pesquisas realizadas no Chile e em outros países alertam para a necessidade da formação de redes de apoio para a família monoparental, devido a esse arranjo familiar ter uma dinâmica particular; porém essas famílias não podem ser estigmatizadas de “[...] ‘famílias incompletas’[...]” (SCARPATTI et al., 2014, p. 242). As intervenções a serem feitas pelos profissionais, no sentido de melhorar a homeostase do grupo familiar, devem objetivar a preparação da mãe para o exercício da autoridade, deixando claro o seu papel de chefe de família, estabelecendo assim as regras de comportamento para os filhos, estando ciente de suas escolhas e agindo de forma proativa para o enfrentamento das vicissitudes e para a estruturação de um projeto de vida coerente e factível.

À guisa de conclusão, sem dúvida, o protagonismo feminino na sociedade foi e continua sendo a alavanca para as mudanças que se observam na família. Consequentemente, cada vez mais, o fenômeno da monoparentalidade feminina deverá se expandir porque, gradativamente, as mulheres investem em educação e no seu desenvolvimento profissional, rompendo com a dependência masculina. Porém, é preciso ressaltar que a sobrecarga materna com as tarefas domésticas e com os cuidados com os filhos, as pressões sociais e as profissionais e a dependência afetiva entre mãe e filhos podem promover uma

disfuncionalidade na dinâmica familiar, tendo o avô uma função importante nessas famílias, assistindo aos netos em diversas circunstâncias, como rede de apoio (FERLAND, 2006; ORTIZ, 2011; COSTA, 2013; DIAS, 2016).

Sendo a expansão do fenômeno da monoparentalidade uma tendência mundial, o desenvolvimento de pesquisas que abordem esse tipo de configuração familiar, investigando suas dinâmicas e particularidades, é indispensável para municiar os profissionais que atuam com intervenções na família, possibilitando que essas intervenções sejam exitosas (ORTIZ, 2011).

### 3 MÉTODO

#### *Natureza da pesquisa*

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, devido a esse método ter boa aplicabilidade nos estudos realizados nas ciências sociais, principalmente nesse momento de transformações constantes pelas quais passa a sociedade, facilitando a abordagem da realidade social, as vivências dos sujeitos, entre outros (MINAYO, 2004; FLICK, 2007).

Esse tipo de pesquisa aplica-se bem à investigação das relações sociais com sua diversidade de contextos existentes na atualidade e todas as transformações vivenciadas que são provocadas pelo estreitamento das fronteiras globais. Todo esse movimento requer uma nova lente para que a investigação empírica se realize a partir de uma metodologia indutiva apoiada num referencial teórico que a embase, para possibilitar o desenvolvimento de pesquisas de campo. A utilização pela psicologia viabiliza o acesso às questões subjetivas, às motivações individuais, ao fazer diário, enfim, às vicissitudes da vida, questões as quais os métodos quantitativos não acessam (MINAYO, 2004; FLICK, 2007).

#### *Participantes*

Participaram da pesquisa oito avôs que possuíam filhas chefiando a família; independente da idade e da via de acesso à monoparentalidade; pertencentes a diversos níveis socioeconômicos, com rendas que variaram entre um e quatorze salários mínimos. Os avôs não deveriam residir na mesma casa com os netos, o que corresponderia à família denominada multigeracional, que por si só já implicaria em uma intensa convivência com os netos. E deveriam estar em condições de saúde que permitissem a participação na pesquisa. Tratou-se, portanto, de uma amostra intencional (TURATO, 2003). Eles serão melhores descritos na seção de Análise e Discussão dos Resultados.

#### *Instrumentos*

Os participantes responderam a um questionário biosociodemográfico (constando de dados como idade, escolaridade, profissão, quantidade de netos, entre outros) e a uma

entrevista semiestruturada, que possibilitou maior proximidade entre o pesquisador e o sujeito participante da pesquisa, sendo uma técnica muito usada no trabalho de campo. O roteiro, previamente estabelecido, correspondeu aos objetivos da pesquisa e visou auxiliar na busca das informações sobre o problema de pesquisa, dando acesso às questões subjetivas do respondente (CRUZ NETO, 2004) (ANEXO III).

#### *Procedimento de coleta dos dados*

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da instituição e aprovado sob o número CAAE 51203715.2.0000.5206, (ANEXO I); após essa etapa, foi dado início à pesquisa de campo. Os avôs foram recrutados em escolas, por meio de profissionais de saúde e pela técnica de “bola de neve” (TURATO, 2003), em que um participante indicou outro. A pesquisadora se apresentou e relatou o objetivo da pesquisa, solicitando a colaboração do respondente. Tendo aceitado participar, foi assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido antes da realização da entrevista (ANEXO II). As entrevistas tiveram a duração de 30 a 40 minutos, tendo sido realizadas em local da conveniência do participante, individualmente. Os avôs tiveram a sua identidade preservada, uma vez que foram utilizados nomes de frutas, e todos os nomes de parentes citados nas entrevistas foram alterados. As mesmas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

#### *Procedimento de análise dos dados*

Os achados da pesquisa foram examinados utilizando o que preconiza a técnica de análise de conteúdo de Bardin: “[...] é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, sendo um instrumento que pode ser utilizado de diversas formas para atender a um universo incomensurável que é o campo das comunicações. Nesse sentido, o método presta-se à análise dos resultados da pesquisa qualitativa. Essa técnica permite “[...] usos simples e generalizado [...], cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas (BARDIN, 1999, p. 30-31)”, sendo possível, através desse método, analisar qualquer tipo de mensagem.

As respostas à entrevista foram interpretadas através da técnica de análise de conteúdo, que tem como objetivo uma maior exatidão dos dados, verificando o verdadeiro sentido da mensagem e evitando uma leitura contaminada pela subjetividade do analista. É o que Bardin (1999, p. 29) chama de “[...] ultrapassagem da incerteza”, que visa suscitar o

questionamento quanto à compreensão do pesquisador, se ela é individual ou se é compartilhada pela maioria absoluta das pessoas. Procedeu-se a uma leitura aprofundada, visando constatar se a primeira inferência está correta ou se, a partir do detalhamento de elementos que compõem a mensagem, subjazem outros significados. Para Bardin (1999, p. 29), isso se caracteriza por um “[...] enriquecimento da leitura”. Essa técnica, segundo Bardin (1999, p. 95), compreende três fases: “[...] 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”.

Para operacionalizar a técnica, conforme proposto por Bardin (1999), iniciou-se por uma leitura flutuante do material, sendo o primeiro contato com os dados, permitindo assim a familiarização com os achados. A partir da aproximação ao *corpus* da pesquisa, foi possível inferir o que estava por trás das palavras e o que pode ser apreendido do ambiente e da atmosfera que envolveu a pesquisa, resultando na elaboração de hipóteses e objetivos. Após essas etapas, foi realizada a organização dos resultados, agrupando-os em seis categorias: 1. O tornar-se avô; 2. O relacionamento com os próprios avós e com os próprios netos; 3. As atividades que fazem juntos com os netos; 4. Relacionamento com a filha, chefe de família monoparental e avaliação da criação dada por ela; 5. Ajuda prestada à mãe, chefe de família monoparental; 6. Sentimentos e percepções da função como avô em família monoparental.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Caracterização dos participantes

#### 4.1.1 Tamarindo

Tem 68 anos; cursou até a segunda série do ensino fundamental; casado; motorista; católico. Reside com a esposa; tem três filhas; três netos, sendo uma menina e dois meninos; os netos alvos são filhos da filha; e a renda mensal é de um salário mínimo.

Apresentou-se muito envergonhado e tenso no início, depois ele se soltou mais. A entrevista foi realizada na casa onde sua esposa é cozinheira. Pareceu-nos um homem muito simpático e com atitude positiva frente à vida. Demonstrou felicidade ao falar da família.

#### 4.1.2 Damasco

Tem 75 anos; estudou até o ensino médio; casado; securitário aposentado; espírita; reside com a esposa e duas netas; tem cinco filhos, sendo quatro mulheres e um homem; tem sete netos, sendo cinco meninas e dois meninos; a renda mensal é de dois salários mínimos. O neto alvo é filho de uma das filhas.

Esse senhor é muito falante, comunicativo. Mencionou que gosta de cantar e tocar, que sempre é convidado para tocar em aniversários. Referiu-se muito à sua vivência profissional e a prêmios que ganhou como corretor de seguros. Em algumas respostas, percebemos que ele fugiu ao tema e trouxe revivescências que não estão de acordo com o que foi perguntado, o que nos levou a suspeitar de um processo demencial se instalando. Fez referências aos pais, por diversas vezes, e acrescentou que já haviam morrido. Mostrou-se ainda com pulso para liderar a família.

#### 4.1.3 Açaí

Tem 67 anos; vive em união estável; militar da reserva reformado; advogado ativo; professa a religião Anglicana. Reside com a companheira. Tem cinco filhos, sendo três homens e duas mulheres; nove netos, sendo três mulheres e seis homens; renda mensal de dez salários mínimos.

Muito comunicativo, tem o poder da oratória, pois é advogado. Ressaltou que trabalhava na área de Direito de Família e deixou de trabalhar nela por não suportar ver as irresponsabilidades dos pais com os filhos. Essa entrevista foi muito tranquila, as respostas foram muito coerentes. Todas as teorias de psicologia de família foram esboçadas por ele, o conhecimento adquirido na formação e exercício do direito de família. Considera-se um chefe de família muito presente e parece manter o controle dela. Está no seu segundo casamento, mas disse fazer questão de ser um pai e avô que dá o exemplo em todas as suas ações, principalmente para os dois netos do sexo masculino que são de família monoparental. Deixou claro que, apesar de os filhos e os netos do primeiro casamento morarem no Rio de Janeiro, mantém sempre contato com eles e tem um dos filhos que telefona diariamente. Ocorreu um telefonema do filho durante a entrevista. Deu-nos a impressão de que se sente culpado por ter se separado da primeira mulher e ter ficado longe dos filhos, uma vez que mora no Recife há 26 anos, e parece tentar compensar com essa relação mais presente com as enteadas e os netos do segundo casamento. Ele se reconhece como pai e avô presente. Valoriza muito a religião e a família.

Tem muito orgulho de ter se formado em Direito, após ter se aposentado, com 42 anos. Ele formou-se numa profissão que o mantém ativo e em condições financeiras de ajudar os familiares. Disse que arca com quase metade das despesas no apoio à filha que é de família monoparental e aos netos.

#### 4.1.4 Limão

Esse participante tem 70 anos; estudou até o ensino médio; casado; católico. Reside com a esposa; tem três filhos, sendo dois homens e uma mulher; oito netos, sendo duas meninas e quatro meninos; tem renda de 14 salários mínimos.

Esse avô deu respostas muito pensadas, calculadas e estruturadas. Antes de responder, pediu para ler o questionário para saber do que se tratava. Pareceu muito amoroso com toda família, calmo, equilibrado. Trata-se de um avô muito presente e que sente prazer em estar

com os netos e toda a família, como ele mesmo declarou. Demonstrou muito amor pela filha e pelo neto que é filho dela. A esposa estava em outra sala, mas quando a pesquisa terminou, ele a chamou e ela respondeu de imediato, parecia que ela estava escutando e acompanhando tudo. A entrevista durou pouco tempo.

#### 4.1.5 Pêssego

Tem 62 anos; estudou até a 5ª série do ensino fundamental; casado; aposentado; não tem religião. Mora com a esposa e uma neta; tem três filhos, sendo um homem e duas mulheres; seis netos, sendo quatro meninos e duas meninas; tem renda de cinco salários mínimos.

Pessoa muito direta, chegando a ser grosseiro. Demonstrou não querer entrar nas questões mais emotivas. Ao término da primeira pergunta, já foi um pouco grosseiro, questionando se já tinha concluído e mandando passar para a próxima pergunta. Tem uma relação muito conturbada com a filha, que é de família monoparental, não fala com ela, aparenta ter muito rancor por ela. O desentendimento parece que foi devido à escolha de parceiro que ele não aprova, inclusive, o mesmo está cumprindo pena em presídio. Mas demonstrou muito afeto pela neta que é filha dela.

#### 4.1.6 Jambo

Tem 62 anos; é semianalfabeto; estudou no Mobral; casado; pedreiro; ainda na ativa; católico. Reside com a esposa; tem duas filhas; seis netos, sendo três homens e três mulheres; tem renda de um salário mínimo e meio.

Esse senhor é muito humilde, tímido. A entrevista foi realizada no canteiro de obras, onde ele estava trabalhando. Mora no interior do Estado, vem para Recife semanalmente para trabalhar na construção civil, e retorna no final de semana para casa. Pareceu que a filha não trabalha e ele ainda a sustenta, bem como a seus filhos.

#### 4.1.7 Bacuri

Tem 64 anos; estudou até o ensino médio; casado; se autorefere publicitário; aposentado por motivo de saúde; católico. Reside com a esposa, uma filha e um neto; tem três filhos, sendo um homem e duas mulheres; seis netos, sendo quatro mulheres e três homens; e dois bisnetos; tem renda de dois salários mínimos.

A primeira pergunta, que abordava as circunstâncias em que se tornou avô, 22 anos depois, provocou muita emoção nesse avô, que chegou a chorar. Questionamos se ele gostaria de encerrar a entrevista, mas ele disse que não, e que podia continuar. Ao receber a notícia de que iria ser avô, reviveu um conflito pessoal enfrentado na puberdade (a irmã foi expulsa de casa por ter fugido com um rapaz e por acharem que ela não era mais virgem). Um momento do anúncio do primeiro neto, que poderia ser de gozo, se tornou um momento de sofrimento, devido à rejeição da esposa com relação à gravidez da filha.

Demonstrou ser um homem muito sofrido, mas apesar disso muito amoroso. Foi criado por uma tia, pois a mãe, por ser muito pobre, o deu para a tia criar. A tia, mãe adotiva, não demonstrava afeto e batia muito nele. Ao apoiar a filha, tentou se aproximar do comportamento da mãe biológica que, como foi dito por ele, apesar de não ter nada, ser muito pobre, era muito afetuosa, era rica de afeto para com os filhos, mas devido à pobreza deu-os para uma irmã criar. Imagine a angústia dessa criança, hoje avô, ao ter que conviver com uma mãe adotiva que ele compara ao boxeador Myke Thysson: "batia mais do que bombo" (sic). A sua história pessoal foi atravessada por eventos traumáticos, porém com suas atitudes proativas cuidou para que essa história não se repetisse com a sua família, apesar de ter uma esposa que também não demonstra afeto e em quem não pode confiar, conforme afirmou, como parceira no enfrentamento das crises do ciclo vital da família. Demonstrou ter muito amor pelos filhos, como se tivesse que amar os filhos mais e mais para compensar a rigidez da esposa para com eles. Na parte da entrevista é como se tivesse se aliviando desse sofrimento. Aparenta ter uma relação difícil com a esposa, sem confiança, sem amizade e sem parceria.

#### 4.1.8 Sapoti

Tem 71 anos; economista, pós-graduado em engenharia econômica; casado; aposentado; não tem religião. Reside com a esposa; tem dois filhos, sendo um homem e uma

mulher; quatro netos, sendo dois homens e duas mulheres; e um bisneto. Possui renda de quatro salários mínimos e meio.

Esse participante nos pareceu muito alegre, só falava rindo. É um homem muito culto, tem o hábito da leitura de grandes obras filosóficas e históricas. O quarto dele, local onde foi realizada a entrevista, tem muitos livros, como grandes obras clássicas filosóficas e de vultos da história mundial, entre outras.

Demonstra ser feliz por ser avô. A casa tem uma atmosfera de tranquilidade, a esposa foi muito receptiva à nossa presença.

## **4. 2 Categorias de Respostas derivadas das Entrevistas**

### 4.2.1 Tornar-se avô

Nessa categoria percebe-se que a maioria dos respondentes declarou que, ao receberem a notícia de que seriam avôs, ficaram surpresos, e alguns a classificaram como uma “situação inesperada”. Importante ressaltar que, em quatro famílias dos avôs entrevistados, o primeiro neto foi fruto de gravidez na adolescência, sendo duas de filhos do sexo feminino e duas de filhos do sexo masculino. Essa ocorrência está de acordo com o que se encontra no referencial teórico pesquisado de que, para tornar-se avó/avô, há uma sujeição à opção dos filhos adultos em tornar-se pais e/ou quando sucede gravidez de adolescentes. Em ocorrendo na adolescência, é considerado um evento precoce; se transcorrer após os quarenta anos, considera-se que os avôs são hábeis à função; e ainda pode ocorrer na idade madura ou na fase idosa. A incidência de gravidez na adolescência e a declaração da maioria dos avôs de que a chegada de um neto foi uma surpresa evidenciam que tornar-se avó/avô ocorre independentemente do planejamento individual (ARATANGY; POSTERNAK, 2010; SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016).

Nos dois casos de filhas que engravidaram na adolescência, as avós não ficaram satisfeitas com a situação, demonstrando desapontamento, tendo uma delas expulsado a filha de 14 anos de sua casa, como mostra a seguinte fala:

*[...] minha mulher percebeu que era algo diferente e foi um conflito, ela não aceitou e queria botar ela de casa para fora (chorando). Então, eu como pai (embargou a voz) não*

*aceitei, então eu disse o seguinte: que se ela tinha meu apoio, ela agora iria ter dois, o apoio que eu dou a ela e o apoio que dou àquela criatura que está dentro dela que seria, que será um neto meu, mas minha mulher não se comoveu com isso não e mandou ela ir embora. Ela foi embora para a casa do rapaz [...] (Bacuri, 64 anos).*

Os avôs, ao contrário, quando tomaram conhecimento da gravidez da filha adolescente agiram com bastante naturalidade e se disseram igualmente felizes e orgulhosos em tornarem-se avôs. Eles reagiram de forma acolhedora, e, apesar de se declararem surpresos, deram apoio incondicional às filhas. Um deles afirmou que o amor pelos netos é maior do que o amor pelos filhos e que:

*Foi meio assim, quem ficou mais preocupada foi a avó, eu pra mim encarei com naturalidade, porque eu acho bonito, as circunstâncias foram assim inesperadas, mas eu como eu tenho um jeito de manter a calma, eu mantenho, eu encarei com muita naturalidade e alegria, e alegria, e alegria; ser avô é muito bom, depois que a gente descobre é que vê que é muito melhor até do que ser pai; mas eu encarei com naturalidade (Açaí, 67 anos).*

As reações positivas por parte desses avôs, que estavam na meia idade (tinham em média 48 anos de idade), frente à notícia de que os filhos adolescentes iriam lhe dar um neto e toda a disposição desses avôs para ajudar a criar, tendo alguns deles tomado a responsabilidade da criação dos netos ao nascer, contradiz o que autores referem (DIAS, 1994; HERNANDIS, 1999; SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016) de que quando os homens se tornam avôs na faixa etária caracterizada como meia idade, geralmente os netos não são alvo de muito envolvimento (especialmente quando bebês), e alguns não se dedicam a essa função.

Os respondentes estavam na referida faixa etária. Nesse período, os homens estão no mercado de trabalho, no momento de consolidação da carreira e não se voltam, facilmente, para os netos, pois o foco está no trabalho, retardando um pouco essa dedicação para quando ocorrer desinvestimento do trabalho. Esse comportamento pode ser um mecanismo de defesa para não se defrontar com a realidade de estar envelhecendo, devido a todos os estereótipos da sociedade para a vivência dessa função; mas não foi o caso dos respondentes desta pesquisa (DIAS, 1994; HERNANDIS, 1999; SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016).

Os avôs cujos filhos informaram sobre a gravidez na adolescência deram todo o apoio e os aconselharam a assumir a responsabilidade total com a criança. Os avôs se disseram orgulhosos quando souberam que os filhos seriam pais.

*Fiquei muito orgulhoso, muito orgulhoso, todo homem pretende criar família (Limão, 70 anos).*

*Foi uma surpresa: meu filho chegou junto de mim, “Marta está grávida”... [...] E aí começamos praticamente... a gente que começou criar, a criar o menino aqui em casa porque ele tinha dezoito anos. Não tinha juízo nenhum, não tinha nada e a mãe veio com o menino pra cá, o menino passou um tempão aqui com a gente, até crescer, creche, tudinho, escolinha (Sapoti, 71 anos).*

As circunstâncias com que foram recebidas as notícias de ser avô foram as mais variadas e as que mais chamam a atenção são as dos filhos adolescentes: os futuros avôs reagiram com os filhos aconselhando-os a assumir a criança. Na nossa percepção, é como se houvesse uma mensagem subliminar: seja ético e tenha moral para assumir as consequências de seus atos; ser pai/mãe é uma grande responsabilidade e a presença junto ao filho é indispensável para sua educação. Esses avôs deram todo apoio ao filho, nesse momento.

*[...] eu disse que ele tinha todo apoio, que ele tinha que assumir como pai (Limão, 70 anos).*

*A gente fica feliz, a gente tem até um costume na família de adoção, é uma coisa quase normal, o susto foi só na hora porque ele nem namorava com essa menina nem nada, aí ele vem falar... a família dela é amiga da gente. Ela estava passando um final de semana aqui em casa, é amiga da minha filha, ninguém nunca ia imaginar, mas tudo bem, não teve problema nenhum, nem com a família dela. O menino até hoje fez aniversário, agora, mora em São Paulo, ele já tem um filho, está com 22 anos, também foi pai bem novinho, também a gente já é bisavô e nem conhece esse bisneto, que ele nasceu lá pra São Paulo ... (Sapoti, 71 anos).*

O surgimento de uma nova vida numa família mexe com a estrutura e com as funções de todos. A família como sistema é afetada em todos os seus subsistemas pelos eventos do

ciclo vital que impactam a família extensa, os avós. Os filhos tornam-se pais, surge a primeira parentalidade, e os pais tornam-se avós, irrompe a segunda parentalidade, trazendo consigo alterações substanciais na subjetividade dos envolvidos. O primeiro neto gera uma grande expectativa porque não existe um modelo prévio e nem existe um manual de preparação para exercer a função avó/avô; esse é um momento do ciclo vital da família que pode provocar inúmeras reações no grupo familiar frente ao desconhecido. As atitudes de cada membro, frente ao acontecimento, são inusitadas, podendo haver reações positivas de felicidade e regozijo, como pode ocorrer rejeição e ser gerada uma crise na família, como foi o caso da mãe que expulsou a filha adolescente quando a mesma informou que havia engravidado (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; MINUCHIN, 1999; SILVA, 2014).

Um dos respondentes afirmou que os avós são os segundos pais. Pode ser que afirme isso por sentir que, na função de avô, repetiu com os netos detalhes do relacionamento que teve com os filhos ou porque a função tem mesmo uma similaridade com a função paterna. Essa atitude é referida por Ferland (2006), Sampaio (2012) e Dias (2016), que sinalizam que alguns avôs podem replicar com os netos o comportamento que tiveram com os filhos e destacam, também, que a atuação é semelhante a dos pais. Um outro avô referiu que, com o primeiro neto, fica-se na expectativa do nascimento para saber como será a relação. Essa afirmação está de acordo com Dias (2016), que declara que o homem, em geral, não antecipa o papel de avô, não faz suposição e nem se visualiza nesse papel antes que ele seja inaugurado.

*Me senti como se fosse um próprio filho meu ou filha (Pêssego, 62 anos).*

*Por enquanto a gente não sabe como é que é. Fica na expectativa para ver como é que é (Damasco, 75 anos).*

Para um dos respondentes, ser avô é diferente de ser pai, porque ser avô é demonstrar carinho sem obrigação, sem o dever que a função de pai impõe. É uma responsabilidade muito grande ser pai; já para o avô ela é mais abrandada, por já ter exercido a função de pai. Os avós têm mais experiência de vida, e o amor pelos netos, apesar de não poder ser quantificado, segundo Açaí, 67 anos, é maior ainda. A assertiva desse avô corrobora com o pensamento de Ferland (2006), que declara que o papel de educador dos netos é secundário, não devendo existir regras e nem cobranças. E de acordo com Aratangy e Posternak (2010), quando a

experiência de ser pai ocorreu com erros e acertos, mas de modo satisfatório, o exercício da função de avô vai ser tranquilo. A segunda parentalidade será exercida com mais probabilidade de ser exitosa.

*A figura do avô é mais bondoso, mais carinhoso, mais compreensivo do que os pais, normalmente (Açaí, 67 anos).*

O momento em que ocorre a inauguração da função de avô pode ser uma oportunidade para ressignificação da relação com os próprios filhos, podendo optar por uma convivência mais estreita; pode ser também um momento de reflexão que pode suscitar uma nova percepção dos fatos e eventos do dia a dia. Enfim, uma nova chance de fazer diferente (SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016). O avô que disse a frase supracitada está no segundo casamento e percebe-se claramente um grande investimento dele na relação com os netos, como se quisesse reparar o distanciamento geográfico dos filhos e netos do primeiro casamento.

O tornar-se avó/avô suscita percepções e sentimentos que vão variar de um sujeito para o outro. Podem ocorrer novas formas de atuação na segunda parentalidade, visando compensar na relação com os netos o que não foi possível experimentar na relação com os filhos, sendo uma reparação da função parental replicar o formato de relacionamento que teve com os filhos (FERLAND, 2006; SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016). Esse avô convive muito com os netos, diariamente, e prioriza estar junto com a família nos finais de semana, de acordo com ele:

*Só vão em casa para dormir (Açaí, 67 anos).*

Ele demonstrou ter muito senso de família; tudo indica ser um chefe de família que tem o controle da situação com as enteadas e os netos do segundo casamento. Muito orgulhoso de ser avô, deleita-se com a função, sendo um avô muito presente. Não ficaram claras as circunstâncias da separação do primeiro casamento, porque não era o foco da pesquisa.

A tomada de consciência de que um neto está para nascer pode trazer lembranças de outros acontecimentos semelhantes do passado, pode suscitar um balanço das vivências que podem ter deixado marcas positivas, como podem ter sido traumáticas, tendo a possibilidade

de reacender velhos conflitos. Possibilita reflexões acerca do próprio futuro e do caráter de transitoriedade que tem a vida (DIAS, 2016). Assim, podem ser relembrados momentos felizes, bem como momentos tristes, conforme o caso do avô, Bacuri, que reviveu o drama de sua irmã quando adolescente, que fugiu de casa com um namorado e quando voltou para a casa não foi aceita. Ele não quis repetir a atitude dos seus pais, expulsando a jovem da casa deles. Sendo assim, não apoiou a sua esposa nessa decisão, mas mesmo sem o apoio do avô, a avó expulsou a filha grávida de casa.

É conveniente registrar que a união desses adolescentes durou pouco tempo e que o avô, alguns anos depois, foi até a casa dos avós paternos, onde a filha estava morando com a sua neta, e questionou se ela estava bem e, ao receber como resposta que ela não estava, a trouxe de volta para casa. Essa mulher hoje tem três filhos, de três homens diferentes, e está à frente de uma família monoparental, tendo todo apoio do avô das crianças. Inclusive, o avô relatou que a neta mais velha, que hoje tem 22 anos, é a neta mais próxima a ele e já lhe deu um bisneto.

Outra descrição do momento de ser avô é do respondente Jambo, a qual é de muita singeleza, muito carinho; ele referiu-se ao desenvolvimento do feto, barriga crescendo para explicar como foi quando soube que iria ser avô. É uma explanação muito simples e óbvia, realizada por um pedreiro, semianalfabeto. Foi uma maneira respeitosa de demonstrar para a pesquisadora como foi o processo de tornar-se avô:

*A minha filha convivia na minha casa, vivia mais o marido dela e começou a barriga crescer e apareceu o neto. Fiquei muito animado, muito alegre porque primeiro neto. Vive com a mãe até hoje, mas faz parte da minha vida. Vez em quando eu tô perto dele, vez em quando eu “tô” aqui porque eu trabalho aqui, né... chego em casa de oito em oito dias, aí é que posso “vê ele” (Jambo, 62 anos).*

#### 4.2.2 Relacionamento com os próprios avós e com os próprios netos

No item “relacionamento com os próprios avós”, foram encontrados relatos de diversos formatos de convivência por parte dos participantes: uns não conviveram com seus avós ou não têm lembrança dessa época, outros conviveram e relataram a relação prazerosa

que tiveram. Há um caso de uma avó que criou os filhos, sozinha, e que entrou na monoparentalidade por viuvez; também tem um avô que conviveu em um lar multigeracional e outro que guarda péssimas recordações de seus avós porque eram pessoas rancorosas.

Alguns respondentes não possuem lembranças dos seus avós, por só terem convivido pouco tempo durante a infância; tais dados confirmam o que a literatura traz de que, no passado, o convívio com os avós era mínimo (ARATANGY; POSTERNAK, 2010). Por outro lado, os que conviveram com os avós têm boas lembranças, tendo Limão citado que sua avó criou os filhos sozinha: *“uma mulher batalhadora”*. Esse dado vem ao encontro da literatura para demonstrar que a ocorrência da monoparentalidade não é um fenômeno recente (COSTA, 2002; WOORTMAN; WOORTMAN, 2002; ROUDINESCO, 2003). Um dos avós conviveu em um lar multigeracional e traz boas referências dessa vivência.

O avô Tamarindo citou que guarda boas lembranças da relação com a avó e que nos finais de semana levava fumo para o cachimbo dela. Acrescentou que herdou a casa da avó, juntamente com uma irmã, e que mora nessa casa. Limão, que é um neto proveniente de família monoparental, só tem lembrança positiva da mulher forte e batalhadora que foi a sua avó. Ela participou ativamente de sua criação e o ajudou a criar os irmãos. Ele é o filho mais velho, o pai viajava muito a serviço, e por essa razão ele cuidava dos irmãos juntamente com a avó.

Sapoti é um outro avô que tem excelentes lembranças dos avós, que foram os pais adotivos de sua mãe, mas na verdade eram tios dela. Falou do seu avô com muito orgulho por ser um homem culto, o intitulando de diplomata. Disse com muito orgulho que os amigos, de vez em quando, relembram do avô dele e enaltecem a forma como ele se portava. A literatura afirma que o papel de avô será exercido tomando como base o modelo de avô que se teve, e no caso desse respondente, ele também é um homem culto e reconhecido pelos netos como um intelectual (ARATANGY; POSTERNAK, 2010).

Todavia, Bacuri, que se referiu aos avós como rancorosos, adotou um comportamento totalmente contrário ao dos seus avós, tornando-se um avô presente e muito amoroso para os seus netos.

*Hoje depois de velho eu sinto até inveja quando um avô acaricia um neto, eu nunca recebi um carinho dos meus avós, nunca, eu não sei o que é carinho (Bacuri, 64 anos).*

No relacionamento com os próprios netos, ficou assinalada a valorização da função pelos avôs, evidenciada pelo convívio muito próximo por parte da maioria deles com os netos. Os avôs demonstraram ser muito felizes com essa convivência familiar; fazem alto investimento afetivo para manterem a família unida, enaltecendo-a demais. Nessa categoria também será abordada a proximidade do relacionamento com algum dos netos.

De acordo com Osuna (2006), Costa (2013), Silva (2014), Goldfarb (2015) e Dias (2016), os avôs funcionam como rede de apoio aos pais no cuidado com os netos, propiciando ajuda instrumental, ou seja, ajudando financeiramente, levando à escola e às consultas médicas, entre outras, e prestando assistência emocional: aconselhando, conversando, orientando, dando afeto e carinho.

Com relação à proximidade do relacionamento, os participantes revelaram que os netos fazem parte de suas rotinas diárias e eles os assistem de diversas maneiras. Para os avôs Tamarindo, Açaí, Bacuri, Limão e Pêssego, o comprometimento com a função é grande, o convívio é diário, ultrapassando algumas vezes quarenta horas semanais. Esse dado é similar ao resultado apresentado na pesquisa de Osuna (2006), na qual os avôs afirmaram ter contato diário com os netos. Porém, trata-se de um período muito superior ao que afirmam Aratangy e Posternak (2010), que citam que os avós convivem uma média de seis horas semanais com os netos.

O avô Tamarindo afirmou que tem mais proximidade com o neto mais velho, cuja mãe é chefe de família monoparental, apesar de conviver com os três netos. Disse que se sente responsável por eles para mandar estudar, orientar para seguir uma profissão e quanto à educação alimentar do neto que está acima do peso, direcionando para que ele se alimente melhor. Diariamente, por morarem perto, os avôs acordam para irem à escola, enquanto a avó faz café da manhã para eles. Esse dado corrobora Silva (2014), Goldfarb (2015) e Dias (2016), que ressaltam a ajuda instrumental e o apoio emocional que os avôs exercem junto aos netos.

*Praticamente vivem lá em casa, criou lá e “está” lá com 18 anos, todos os dois lá, até agora. [...]. O mais velho é o de 18 anos. Tem que dar muito em cima dele, sobre que tem de estudar, agora vai começar de novo, ele quer entrar na polícia, eu disse que arrumasse uma profissão melhor. O outro está pequeno ainda, o outro só faz comer, é gordo. O menor é pequenininho e gordo. Minha esposa, que é avó dele, está diminuindo as comidas. O outro é alto, mas esse menor é pequenininho e gordo. Come tudo (Tamarindo, 68 anos).*

A localização geográfica é um fator que interfere no relacionamento entre avós e netos e pode ocorrer que os filhos, estrategicamente, optem por morar junto dos pais para poder contar com sua ajuda para o cuidado com os filhos (SILVA; DIAS, 1999; DIAS, 2016). Nesse sentido, as respostas abaixo estão de acordo com a literatura:

*[...] ela mora aqui perto, essa minha filha mora com ela (referindo-se à neta), e eu sempre vou lá todos os dias, e ajudo na medida do possível. Ajudo não financeiramente, mas fisicamente, moralmente, brinco com as crianças e elas se sentem muito bem. Aquilo é o amor da minha vida, meus netos, meus bisnetos, meus filhos “é”, são o amor da minha vida (Bacuri, 64 anos).*

Já o avô Jambo, que mora no interior do estado e trabalha na capital, na construção civil como pedreiro, passa a semana em Recife e nos finais de semana vai para casa. Não tem convívio diário com os netos, devido a esse distanciamento geográfico, mas nos finais de semana, quando está em casa, afirmou que fica junto com eles. Como dito anteriormente, a proximidade geográfica colabora para o aprofundamento da relação dos avós com os netos, embora não se possa dizer que a distância física diminui o afeto, como ocorre com esse avô, que, por motivos profissionais, está distante, mas procura compensar a ausência quando volta para casa. Ele declarou ser mais próximo dos dois netos de família monoparental feminina.

*Sabe, chego de noite porque trabalho, chego em casa na sexta-feira de noite (Jambo, 62 anos).*

A proximidade com os netos de família monoparental feminina vem servir de apoio à mãe que precisa ausentar-se de casa para trabalhar, podendo o avô ajudar de diversas formas no cuidado com os netos: levando e trazendo da escola, nas tarefas escolares, nas consultas médicas e demais tarefas instrumentais necessárias no cotidiano da família (ORTIZ, 2011; COSTA, 2013). Com relação à influência na educação dos netos, depreende-se da visão de Sampaio (2012) e Dias (2016) de que os avós são extremamente importantes, pois cumprem o papel de repassar as tradições da família, os ritos, as normas de convivência em sociedade, entre outras.

Açaí citou claramente que tem mais proximidade com os netos que são da família monoparental feminina e que o bom comportamento é respaldado pelo respeito que eles

mantêm pelo avô. Disse não ter vício de beber e que serve de exemplo para os netos. Afirmou que a educação que dá aos netos é reflexo da educação que recebeu do seu pai, que se caracterizou por ter liberdade, mas com limites. Esse avô constituiu uma família recasada. Assim ele se expressou:

*Eu estou no meu segundo casamento. Os meus netos do Rio de Janeiro eu quase não tenho contato. Eu vivo aqui há 26 anos, eu quase não tenho contato, eu tenho seis netos, mas o meu contato maior é com Ilton, Vinícius, George e Jade, desde que os vi nascer. Os netos mais próximos são filhos da Paula: Ilton e Vinícius (Açaí, 67 anos).*

Ele entende que os avós suprem a ausência do pai ou da mãe. Como advogado, sabe as prerrogativas legais da responsabilidade dos pais para com os filhos. Por ter presenciado muita irresponsabilidade na relação entre pais e filhos, no exercício do Direito, deixou de advogar na Vara de Família. Ele disse fazer um grande esforço para que o convívio diário seja harmônico e para manter a família unida, inclusive nos finais de semana. As reuniões familiares sempre começam com uma oração feita pela neta mais nova; ele demonstra muito orgulho disso e acrescenta que essa neta estuda numa escola de uma irmandade religiosa.

Com efeito, como a família é um sistema e a família extensa se constitui como um dos subsistemas da família, quando ocorrem situações normativas ou não, seus membros são convocados a exercerem novas funções, como já explanado na família monoparental: a mãe quando se ausenta para as práticas laborais, é premente a necessidade de uma rede de apoio e o avô é convocado a assumir novas funções (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). A autora retro ainda cita que, após a dissolução da conjugalidade, a família extensa é importante para dar suporte a quem ficou responsável pelos filhos.

E ainda, devido à longevidade e à qualidade de vida que o ser humano apresenta hoje, muitos avôs ainda estão atuando profissionalmente, como é o caso do avô Açaí, que exerce a profissão de advogado. De acordo com Ferland (2006), a presença no mercado de trabalho não atrapalha o convívio com os netos e nem o nível de afetividade que geralmente caracteriza essa relação. E de acordo com a fala do respondente abaixo, são os substitutos dos pais.

*Suprir a ausência dos pais se houver. Então eu acho que essa é a responsabilidade maior. Na Igreja, na religião, a gente tem a figura do padrinho, que, na realidade, é só*

*simbólica, raramente se vê um padrinho de batismo assumir a responsabilidade pelo afilhado, mas eu acho que o avô, ele tem essa responsabilidade de suprir essa necessidade do neto quando o pai, por qualquer motivo que seja, o pai ou a mãe, não pode suprir. E o avô, na medida da necessidade, tem que substituir porque é uma figura da família; eu acho essencial se o pai ou a mãe estiverem ausentes e não puderam, os avós têm que suprir se tiverem condições, se tiverem amor, eu acho isso importante (Açaí, 67 anos).*

O avô Bacuri, respondendo à pergunta sobre a maior proximidade na relação com os netos, afirmou que ama os netos, mas sente uma predileção pela neta cuja mãe foi expulsa de casa pela sua esposa, na adolescência, por estar grávida. Mantém um vínculo forte com a filha e a neta que inaugurou o papel de avô e que é proveniente de família monoparental feminina. Pontuou que passa na casa dela todos os dias, pois mora perto, embora tenha afirmado que faz tudo para não demonstrar para os outros netos a sua predileção. Essa neta já lhe deu dois bisnetos.

A proximidade desse avô com a neta mais velha, que tem 22 anos, está de acordo com o que Dias (1983) afirma de que os netos mais próximos geralmente são os mais velhos e filhos de uma filha, e que a razão da proximidade pode ser por ter inaugurado a função de avô com essa criança.

Na pesquisa realizada por Silva e Dias (1999), foi evidenciado que os avós são mais pacientes com os netos do que foram com seus próprios filhos, porém as avós ganham deles no quesito paciência; no entanto os avós visitam mais os netos do que as avós. A visita diária foi referida por 53% dos avós. Esse dado pode ser constatado na afirmação do avô que se segue:

*Tenho um apego muito grande, tenho demais com a neta, essa que foi o primeiro anúncio da gravidez, que não foi muito desejada na minha casa pela mãe (avó). Ela mora aqui perto, essa minha filha mora com ela, e eu sempre vou lá, todos os dias (Bacuri, 64 anos).*

Para Limão, também o neto mais próximo é filho da filha, a qual chefia uma família monoparental. Informa que, diariamente, o neto fica na casa dele para a mãe ir trabalhar e os demais, que são filhos dos filhos, as noras não facilitam a proximidade do avô com os netos. Encontramos em Dias (1983) e Osuna (2006) a constatação de que os netos são mais

próximos dos avós maternos, e os mesmos, na maioria das vezes, substituem os pais como cuidadores, com maior regularidade do que os avós paternos.

*Neto, filho da filha. Eu acho que eu me envolvo mais com meu neto filho de minha filha, do que com os outros, porque eu acho que a gente não pode também interferir muito, nesse lado de educação. Você, às vezes, tem alguma coisa errada, você chama ele e diz oh... mas não ao neto, você diz a ele oh..., tá errado; mas nunca interferei na educação direta, às vezes eu fico mais com Paulo, que é o filho da minha filha; ele vive aqui em casa, então a gente participa mais com ele” (Limão, 70 anos).*

As respostas do avô Pêssego, abaixo, sugerem que há um clima de desunião na família, que pode ser fomentado pelo próprio temperamento desse avô. Ele é mais apegado à primeira neta, que é de família monoparental feminina, que disse que é como se fosse uma filha. Disse que a sua responsabilidade na criação dos netos é fazer o que for necessário na ausência dos pais. Entende que ser avô é ser substituto do pai, pois se sente como avô e pai. Ele disse que, quando se cria um neto, realmente se faz a função de pai, e a afeição que se tem ao neto é como que a um filho.

Apesar de existir um conflito muito grande que não foi resolvido com a filha, ele cuida da neta com muito zelo, como se fosse outra filha. Disse que ajuda demais essa filha, embora não fale com ela. A função de avô, ao que tudo indica, não foi impactada pela relação conflituosa que ele mantém com a filha. Como o pai da menina está cumprindo pena em presídio, ele tomou para si o cuidado com a neta, substituindo-o. No caso dessa querela existente, fica esboçado o grau de indissolubilidade do laço familiar, pois, apesar desse avô ter cortado relações com a filha, ele se mantém vinculado a ela através do laço de paternidade e relação com a neta (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). De acordo com Ferland (2006), o relacionamento com os netos é afetado se houver desavença entre pais e filhos, porém, na realidade dessa família, o avô conseguiu manter-se próximo dessa neta, mesmo sem ter um bom relacionamento com a filha. Ele falou da filha e da relação com ela com muito rancor.

*Se o pai não puder fazer alguma coisa eu faço, se a mãe não puder fazer eu tenho que fazer, se der para fazer eu faço. Eu tenho uma neta que é mais de que uma filha. Estuda aqui... Vai terminar esse ano, se Deus quiser. Porque o avô, geralmente, como aconteceu*

*comigo, cria desde pequeno, aí, às vezes, e talvez tenha mais consideração como um filho porque é uma criança que a gente viu de nada* (Pêssego, 62 anos).

As respostas do avô Damasco sugerem que ele não tem muita proximidade com o neto que é de família monoparental, porque houve um momento de conflito com o mesmo, em que ele o mandou de volta para a casa do pai. Tudo indica que lhe faltou paciência para administrar os conflitos com esse neto. Sente-se mais próximo de uma neta que é filha de um filho e que mora na casa dele. Essa afirmação vai ao encontro com o que declaram Sampaio (2012) e Dias (2016) de que a relação entre avós e netos pode ser perpassada por desavenças e conflitos, como qualquer outro relacionamento, e ressalta que nesse participam três gerações, o que pode ser um complicador.

*Agora esse que tem 16 anos também começou a discutir com a mãe, você vai para a casa do seu pai, e eu forcei até a barra: “Olhe, venha buscar seu filho aqui porque se não vier eu vou entregar ele na DPCA”. Aí, ele fugiu da casa do pai e foi para a casa da mãe* (Damasco, 75 anos).

Os avós exercem forte influência na socialização dos netos. Na interação entre as duas gerações, os valores, as crenças, as tradições e os ritos da família são transmitidos. Os estudos sobre os processos transgeracionais evidenciam que alguns comportamentos esboçados pelos netos podem ter sido espelhados na família extensa. Os avós tiveram o papel de educadores dos pais e agora exercem esse papel junto aos netos, embora que em segundo plano, porque os pais é que têm essa obrigação. Os respondentes Açaí e Sapoti verbalizaram que precisam apresentar uma conduta ilibada para servirem de exemplo para os netos (BATISTA; CARDOSO; GOMES, 2012; SAMPAIO, 2012; DIAS, 2016).

Na fala do respondente Açaí, abaixo, depreende-se que os netos são muito respeitosos para com ele. Aparentou ser um líder, um chefe de família que, de acordo com seu discurso, impõe muito respeito pela sua conduta, talvez pela sua formação militar e religiosa e por ser advogado, ter atuado em Direito de Família. Disse manter uma conduta ética e moral para servir de exemplo para os netos. Acha que tem uma boa imagem perante filhos e netos. Entende que os filhos e netos se espelham nos pais e avós. Se os avós derem mau exemplo, os netos não têm parâmetros éticos e morais para seguirem. Falou com muito orgulho que um dos netos está estudando Direito e deixou uma pergunta no ar:

*Não sei se é por influência minha? [...] então a pessoa se contém, aliado à forma de ser de cada um, a educação, psicologicamente, o caráter, personalidade, o jeito de cada um se amolda e vê os exemplos, porque “é fundamental” os exemplos. [...] porque a pessoa aprende [...] eu posso fazer isso, mas não posso fazer aquilo, vejo meu pai, vejo minha avó, vejo meu avô fazendo isso aqui assim, mas com moderação. Então tudo isso é questão de exemplo, por mais liberal que seja. [...] então eu sempre procurei tratar meus filhos dessa forma, meus filhos sempre tratei assim; com meus netos tem que ser a mesma coisa, conversa com entendimento, com liberdade, agora tem que ter responsabilidade; não é libertinagem, porque muita gente confunde liberdade com libertinagem; você tem que dar liberdade, mas com responsabilidade [...] (Açaí, 67 anos).*

Para o avô Sapoti, os netos, dois adolescentes, um do sexo feminino e outro do sexo masculino, que são filhos da filha, que é chefe de família monoparental, frequentam a casa dele com regularidade e moram no mesmo bairro. Tem uma boa relação com o neto, que é filho dessa filha. Conversam muito porque o rapaz gosta muito de ler, assim como ele, mas não o intitulou de neto mais próximo. A neta mais próxima é a caçula de quatro anos, filha do filho.

Entende que o exemplo de ética e moral é o valor mais importante para deixar para os netos. Tenta manter uma convivência pacífica com todos com quem mantém relação, amigos e vizinhos, por exemplo. O legado que tem para deixar para os netos é um proceder coerente e equilibrado. Com relação à pergunta: qual a sua responsabilidade na criação dos netos? Respondeu:

*A gente pode dar para esses meninos, nessas alturas, é o exemplo de vida da gente, exemplo de ética, de uma convivência pacífica em casa, com os vizinhos, é o que a gente tem pra dar a eles, até porque não temos ações da Petrobras para deixar para eles, então a gente deixa o exemplo da vida da gente (Sapoti, 71 anos).*

A inserção da mulher no mercado de trabalho fez com que os homens fossem convocados a participar das atividades domésticas, que antes eram de responsabilidade exclusiva das mulheres; e no que tange à participação dos avôs, apesar da maioria deles não ter vivido essa realidade, de uma maior participação nos serviços domésticos. A performance atual no cuidado com os netos foi influenciada pela atuação dos filhos e genros (NYE;

BERARDO, 1973 *apud* DIAS, 1994). Os avôs da atualidade estão aptos a ajudarem no cuidado com os netos, de forma geral, e nos cuidados classificados como maternos. A atuação dos avôs se aproxima muito da função materna e paterna (SILVA, 2014; GOLDFARB, 2015; DIAS, 2016).

Dois dos respondentes, Tamarindo e Bacuri, têm uma atuação muito próxima aos netos menores, de família monoparental, convivendo diariamente com eles, o que resulta na assistência com cuidados ditos maternos, assessorando-os na ausência das mães, no momento de arrumarem-se para ir à escola, organizando a vestimenta, acompanhando-os nos momentos das refeições, por exemplo. Bacuri ajuda a filha com o neto de sete meses.

A convivência de Tamarindo com o neto de 11 anos é repleta de atividades ditas maternas: acordar o neto, diariamente, ajudá-lo a trocar de roupa e limpar os sapatos para ir à escola. A filha sai para trabalhar cedo e pede a ele que vá até à casa dela para cuidar do neto.

*Toda de manhã eu acordo ele, que ela vai trabalhar, ela: “olhe pai, vai lá acorde ele lá”. Aí eu vou lá: Pedro! Acordo ele e já deixo ele pronto, ajudo eu e avó. Ele toma banho, ele diz: “vovô lava esse sapato”, sandália dele. Lavo o sapato, a sandália dele. E daí ele vai-se embora (Tamarindo, 68 anos).*

Bacuri se diz um avô muito disponível para ajudar no que for preciso. Ajuda instrumental, presença física, cuidando dos netos para a mãe poder ir trabalhar. E ele parece ter uma postura firme como avô.

*A minha responsabilidade como avô, eu só tenho a dizer o seguinte: precisando de mim e eu podendo ajudar da forma que for necessária, eu ajudo ou fisicamente, moralmente, financeiramente, o que eu não quero é ver sofrer; mas precisando de mim eu não me nego de maneira nenhuma pra qualquer coisa que precise (Bacuri, 64 anos).*

#### 4.2.3 Atividades que fazem com os netos

Com relação às atividades que fazem juntos com os netos, os respondentes afirmaram que a idade deles dificulta a realização das tarefas que exigem maior esforço físico e que a idade dos netos também dificulta algumas atividades de lazer juntos porque eles têm interesse

em outras atividades com os amigos, nas quais os avôs não se enquadram. Os netos adolescentes se distanciam mais, devido à autonomia que pleiteiam. Quando crianças fazem atividades constantes, mas quando crescem têm outros interesses. Esse dado corrobora com os achados de Osuna (2006).

Efetivamente, a relação entre avós e netos é impactada pela faixa etária de ambos, de acordo com Osuna (2006). As atividades de lazer são mais comuns na faixa etária compreendida entre 6 e 8 anos, e constam de caminhada, assistir televisão juntos, por exemplo. As respostas dos respondentes abaixo coadunam com a afirmação retro.

A relação entre avós e netos é mais próxima durante a infância e a pré-puberdade, e à medida que os netos crescem, se distanciam dos avós; estes passam a funcionar como ponte para o passado. Na adolescência, os conflitos entre pais e filhos tendem a aumentar e o avô pode apaziguar os ânimos, porém como nessa fase os adolescentes evitam toda figura de autoridade, eles podem também se afastar do avô (VALANTIN, 2004; FERLAND, 2006; OSUNA, 2006; ARATANGY; POSTERNAK, 2010).

*Como os dois já são maiores de idade, já existe aquela separação natural, um tem 22 e o outro tem 18 anos, então já são mundos diferentes, já têm uma certa independência, já querem ficar independentes. O relacionamento maior é com a neta de 7 anos, essa que precisa de mais atenção. Os outros dois enquanto criança, enquanto jovens sempre foi constante. Depois a vida é assim, vai se separando, que os filhos foram feitos para o mundo e os netos também (Açaí, 67 anos).*

Os avós pontuaram que não fazem atividades de lazer com netos, e a partir das respostas pode-se inferir que um dos aspectos é que não julgam isso como fazendo parte do processo de cuidado, sendo a ajuda financeira e instrumental importante e suficiente nessa relação, sugerindo que por isso não dão foco no brincar. Outro fator é a autonomia dos netos que é conquistada, pois à medida que crescem, isso faz com que eles se afastem dos avôs, podendo escolher outras atividades de lazer que não incluem os mesmos; por sua vez, a idade dos avôs dificulta as brincadeiras e as atividades de lazer, devido às dificuldades de mobilidade que aparecem com a idade. Geralmente isso faz com que os momentos lúdicos fiquem restritos aos netos mais novos (OSUNA, 2006).

*“Home”, para sair com eles, assim, toda hora, não saio não, porque trabalho aqui. A Sra. sabe...chego de noite porque trabalho, chego em casa na sexta-feira de noite. E fica tudo “juntos” (Jambo, 62 anos).*

*Não tenho atividade física, nem de lazer. Não tenho esse momento para brincar com neto (Pêssego, 62 anos).*

*Não brinco com os grandes, só com os pequenos; agora os outros que moram perto, eu procuro acariciar, conversar, e aí eles ficam felizes (Bacuri, 64 anos).*

*Não! É só conversar, dar conselho (Damasco, 75 anos).*

*Geralmente, final de semana, eles passam juntos, nós passamos juntos, eu com meus netos. Eu tenho uma casa na praia, como eles moram em apartamento, eles vão para a praia ou então vamos para Gravatá, quando eu não vou para a praia ou para Gravatá, eles vêm para aqui, eles participam muito, a gente está sempre lidando com um ou com outro, muito bom. [...] Brincar, jogar uma bola, uma coisa, geralmente pede para jogar bola, embora, eu “estou” com 70 anos, é mais difícil de estar jogando (Limão, 70 anos).*

*Atualmente, não estou fazendo nada, até essas histórias de desenhar eu, particularmente, estou mais afastado. Hoje quem faz é a avó. [...] Já estão tudo grande, com 20 anos, querem lá saber de avô, passam aqui para almoçar... (Sapoti, 71 anos).*

Tamarindo afirmou que as atividades que realiza junto com os netos são: conversar, assistir televisão, viver muito na casa deles (avós). Essa resposta está de acordo com o resultado que Osuna (2006) obteve em sua pesquisa. Além das atividades citadas, o referido estudou evidenciou que 93,3% dos avós citaram que conversavam com seus netos. Esse avô, apesar de ter estudado até o primeiro ano do segundo ciclo, se preocupa em educar e orientar os netos para uma profissão. O neto mais velho quer ser policial como o pai, porém o avô aconselha que ele deveria procurar uma profissão melhor. Costuma andar de bicicleta com o neto.

*Correr de bicicleta, dar uma volta e ele fica aí, daí ele vai-se embora* (Tamarindo, 68 anos).

*Tem que dar muito em cima dele, sobre que tem de estudar, agora vai começar de novo, ele quer entrar na polícia, eu disse que arrumasse uma profissão melhor* (Tamarindo, 68 anos).

A preocupação com o futuro do neto que é esboçada pelo avô Tamarindo está de acordo com o que as outras (SILVA; DIAS, 1999) referem, e pode apontar que os avôs esperam que os netos realizem o que eles não foram capazes; no caso desse avô, ele não teve oportunidade de estudar.

#### 4.2.4 Relacionamento com a filha, chefe de família monoparental e Avaliação da criação dada por ela

O relacionamento dos respondentes com as filhas que são de família monoparental, em geral, é de boa qualidade, conforme informaram na pesquisa. Apenas Pêssego declarou que não fala com a filha e que não quer relacionamento com ela, porém tem um excelente relacionamento com a neta que é filha dela.

A relação de boa qualidade com as filhas faz com que eles possam dar assistência aos netos e conviver bem, pois as mesmas são a ponte entre os avôs e os netos. O relacionamento com os netos é de suma importância para a qualidade de vida dos avôs, principalmente se forem idosos, como é o caso dos respondentes desta pesquisa. Os netos estimulam os avós a se movimentarem, a responderem questionamentos diversos, os levando à reflexão; os motivam a atualizarem-se com as ferramentas tecnológicas, entre outros benefícios que essa conexão pode suscitar (LOPES; NERI; PARK, 2005; FERLAND, 2006; DIAS, 2016).

*Ela agora é que é o homem e a mulher da casa. Tranquilo, a gente está sempre junto, se ajudando, a gente vai para casa dela; o menino ontem mesmo esteve aqui, vive aqui com a gente, almoça aqui com a gente, tranquilo, não mudou muito não pelo fato dela ter se separado* (Sapoti, 71 anos).

No arranjo familiar monoparental, há uma convocação do avô para ajudar nas atividades instrumentais e suporte emocional aos netos, como dito anteriormente (FERLAND, 2006; ORTIZ, 2011; COSTA, 2013). Os participantes da pesquisa respondem positivamente a essa convocação, atuando quase que diariamente junto aos netos. A família como sistema aberto não se limita ao grupo formado por mãe e filhos, ocorrendo um intercâmbio com a família extensa (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Em resposta à pergunta sobre o relacionamento com a filha que é chefe de família monoparental, responderam:

*É muito boa, é muito boa, a gente se dá muito bem, eu sou louco por ela porque é a única filha e convive muito aqui em casa. Acho que da semana se ela passar dois dias em casa é muito, porque no final de semana vem pra cá e durante a semana também. Mas é muito boa, a convivência com ela é muito sadia (Limão, 70 anos).*

*Aquela coisa, pra mim não tem distinção. Então eu faço tudo para eles, tudo que eu posso fazer desde que eu não magoe, dou todo apoio, converso muito com eles, eles conversam muito comigo. E ela principalmente porque eu tenho pena dela, porque tem pessoas que nascem sem sorte de ter alguém, entendeu? (Bacuri, 64 anos).*

*Procuro suprir o que ela não recebe do que deveria receber do ex-cônjuge. A gente tem que procurar suprir essas necessidades, essas faltas que têm, que um casamento normal deveria ter, mas que devido às circunstâncias não tem, e a gente procura suprir essas faltas, essas necessidades (Açaí, 67 anos).*

*Sempre eu dou conselho a ela, à mãe também, para tomar mais conta do pequeno. Às vezes ela vai para Itamaracá. Eu não frequento esse negócio de praia, eu não gosto de sair de noite. Eu fico com medo até quando vou para a cidade (Tamarindo, 68 anos).*

*A relação é boa, graças a Deus é. Tranquilo com ela (Jambo, 62 anos).*

Apesar desse avô não se relacionar com a filha, ele tem muito amor pela neta e a assiste muito, conforme afirmações abaixo:

*Ela é, infelizmente, ela é uma filha que pro lado dela, ela vive a vida dela [...]. Eu e a filha, eu não falo nem com ela e nem ela fala comigo [...]* (Pêssego, 62 anos).

Ao serem questionados com relação à educação que as mães dão aos filhos, os avôs avaliaram como positiva e adequada. Quatro dos respondentes fizeram a ressalva de que poderia ser um pouco mais rígida. Os respondentes demonstraram em suas respostas que respeitam o posicionamento das mães frente à educação dos filhos. Esse resultado coaduna com os achados da pesquisa de Silva e Dias (1999), onde 78% dos avôs concordaram com a educação que os netos receberam dos pais. Outro fator que se assemelha é que 28% dos avôs afirmaram que a educação que deram foi mais rígida do que a que os filhos adotam.

Encontramos em Ferland (2006) e Osorio (2011) que, muitas vezes, na relação do avô com a filha/o, pode ocorrer uma certa ambiguidade de funções, ou seja, o avô pode com algumas atitudes desautorizar a mãe, se utilizando da hierarquia do lugar de pai que ocupa perante à filha e mudar regras instituídas pela mãe na educação dos netos. Isso ocorre quando os avôs não têm o discernimento para perceber que as filhas se tornaram adultas e que já estão na posição de mães e, no caso específico da família monoparental, já são chefes de família. Essa ocorrência pode gerar querelas na relação e não é saudável para nenhum dos envolvidos: avô, mãe e filhos.

*Tranquilo. Eles se entendem bem, um menino que tem 16 anos super estudioso, só tira dez, agora quer fazer Medicina, ele tá fazendo um monte de curso, ela está dando o maior apoio para ele. A Márcia também, tranquilo, dentro das possibilidades. Não se pode mandar o menino para a Suíça para fazer curso não sei de quê, dentro do que a gente pode fazer, está se fazendo, inclusive a família do pai dá ajuda a Roberto para ele fazer o que ele quer. Tem uma madrinha que é psicóloga e investe nele, paga curso de inglês para ele, todo mundo investe nele, e diz que vai ser médico, aí todo mundo apoia* (Sapotí, 71 anos).

*Pra mim normal, ela não tem como dar mais do que ela dá. Eu chego em casa com um pouquinho, divido também para eles* (Jambo, 62 anos).

*Ela ajuda eles, dá conselho a eles, que tem que estudar tudo, e eu dou uma força como a avó. Cuida bem deles, saiu com o mais novo para Itamaracá, ficou só o mais velho* (Tamarindo, 68 anos).

*A criação que ela dá aos netos é uma criação boa, eu estranho um pouco porque eu tive uma criação, como eu já lhe falei, um pouco rígida e eu não criei com a atualidade do tempo. Eu criei mais com a minha educação doméstica, a criação dela é normal, cria com paciência, tem calma, é tranquila, conversa, aconselha, não tenho nada contra não. Graças a Deus são bons filhos! (Bacuri, 64 anos).*

*[...] a educação que ela dá é uma educação com liberdade, com entendimento, com conversa. Às vezes eu acho que deveria até ser um pouco mais rígida, mas a conversa entre pais e filhos acho importante [...] (Açaí, 67 anos).*

O respondente Limão, assim como Bacuri e Açaí, entende que as filhas deveriam ter mais rigidez na educação dos filhos:

*É muito protetora, é muito protetora, ela cerca muito ele de cuidado; acho interessante porque ela é superprotetora, eu já disse a ela para liberar um pouquinho, ela libera. “Mas não painho, estou liberando, olhe, participa de esporte sim”. Mas ela é muito ligada nele, e ele é muito ligado nela. Eu acho muito bonito o relacionamento dos dois. Discute às vezes, eu digo “que é isso rapaz, o que é que está havendo aí”, me meto assim nesse sentido, mas não de dar ordem, ordem que eu dou aqui é: “cadê? Em quinze minutos tomar banho, não passar de quinze minutos não porque aí vai ficar de noite” [...] (Limão, 70 anos).*

*Não é boa, não é boa porque não tem condições de estar dando assistência a ele (Damasco, 75 anos).*

Em resposta às perguntas: “se acatam as regras ditadas pelas mães para os filhos” e “se os encorajam a cumprir as regras”, os sujeitos da pesquisa aparentam estarem cômnicos de que precisam ocupar o lugar de avôs para que as mães possam ocupar o lugar de mães, não interferindo nos direcionamentos que elas dão aos filhos. O comportamento saudável, esperado dos avôs, é que demonstrem a sua disponibilidade para o cuidado com os netos e aguardem que sua ajuda seja requerida pelas filhas (FERLAND, 2006; OSORIO, 2011; SCARPATTI et al., 2014).

*Acato, é tudo tão normal, não tem nada que salte aos olhos (Sapoti, 71 anos).*

*Hoje é meio difícil a gente falar sobre isso porque eles não seguem, de maneira nenhuma, os pais falando, o pai falando, a mãe falando e não tão nem aí, porque também tem o problema de liberabilidade. Liberar muito porque eu sou o seguinte: eu dou a criança o direito, e os gostos eu faço por onde quebrar mais um pouco. A pessoa não pode fazer todos os gostos da criança, mas a criança tem seus direitos e não pode ser negado o direito da criança. Minha forma é essa, eu vejo meus netos sendo criados diferentes [...] (Bacuri, 64 anos).*

*Algumas não. São poucas as que não acato, ou seja, as mínimas, porque ela é uma pessoa muito calma, porque não existe aquele conflito de desentendimento assim por causa disso, por causa da educação (Bacuri, 64 anos).*

*Acato na frente deles, eu acato qualquer regra, eu posso conversar depois, mas na hora não interfiro nada do que ela está fazendo, mas não interferir ou discutir com ela na frente dele porque foi dada uma ordem; de jeito nenhum, eu me contenho ao máximo. É lógico, ela é que tem o poder de resolver; se eu tirar a força dela ele vai respeitar quem? Hoje em dia, no mundo, se perde a noção de respeito à mãe ou pai; o negócio não vai dar certo (Limão, 70 anos).*

*Aceito que não é tão grave, é o que é bom pra eles. Eu concordo com ela. Quando é um negócio fácil (Tamarindo, 68 anos).*

A reação do avô Pêssego, abaixo, diante da pergunta: “se acata as regras ditadas pela mãe para os netos”, demonstra que não existe um relacionamento pacífico entre pai e filha:

*O que ela disser eu não estou nem a par do assunto. Nem procuro ficar (Pêssego, 62 anos).*

*O que ela “fazer” ela é mãe e o que eu “fazer” é como avô (Jambo, 62 anos).*

O avô Açaí, apesar de aparentar dar um excelente suporte aos netos, quando perguntado se acata as regras ditadas pela mãe, afirmou que a função de avô não exige tantas regras e por isso ele usa dessa prerrogativa e burla algumas. É como se se sentisse autorizado por ter crédito, por ser um avô que mantém uma conduta séria, conforme se depreende da resposta abaixo. Esse posicionamento está de acordo com o que Ferland (2006) esboça de que a postura dos avós é de muito carinho e afeto e que difere da postura dos pais, que deve se pautar pela imposição de limites e regras aos filhos. Os avôs, quando estavam na função de pais, tiveram que primar pela imposição de limites, mas agora na segunda parentalidade eles aliviam um pouco, como se reparassem a rigidez que dispensaram na educação dos filhos.

Porém, é conveniente ressaltar que os avôs precisam esforçar-se para que os netos cumpram as regras estipuladas pelas mães. Esse posicionamento é benéfico e evita conflitos e corrobora para a estruturação do comportamento das crianças e adolescentes (DOLTO, 1998; FERLAND, 2006; ARATANGY; POSTERNAK, 2010).

*Às vezes não (risos), porque os avós são geralmente mais maneiros, mais mão aberta, mais... Como vamos dizer? Mais... menos durões, menos durões. Mas eu tive uma formação, claro eu com 67 anos, a formação que eu tive, os tempos eram completamente diferentes de hoje. Eu vejo dos dois que estão de pais separados né? Eu vejo que ela tem, às vezes, eu acho até que abriu demais, que foi muito frouxa, muito liberal, mas vem o outro lado da personalidade, do jeito da pessoa, dos dois rapazes de serem pessoas direitas, quietas e educadas, e isto contribui muito [...] (Açaí, 67 anos).*

Das respostas dadas à pergunta: “se encorajam os netos a seguirem as regras”, responderam positivamente. Açaí ressaltou que encoraja, porém se precisar de alguma ressalva, ele conversa com a mãe e também deixa claro aos netos que as regras podem ser questionadas, mas deve existir a obediência. Todos parecem estar conscientes da responsabilidade de educar uma criança e tentam colaborar com as mães para que os filhos as reconheçam como figura de autoridade, exceto o avô Pêssego, que não deixa claro o seu posicionamento.

*Eu acho que... não é que encoraja porque... um fala muito e o outro fala pouco, (risos) são bem diferentes. [...] mas sempre que possível a gente orienta; até a mãe, quando a mãe está errada, porque não é por ser filha que está cem por cento. Negativo, negativo, a gente*

*conhece as pessoas e sabe quando estão certas ou quando estão erradas; o jeito de ser e muitas das vezes ela está errada, e a gente fala, tanto eu quanto a mãe dela. Falamos: “está errada, não pode ser assim, não pode ser não”, até mesmo na educação dos filhos, mas a gente sempre diz que tem que obedecer à mãe de vocês. Pode até contestar, mas tem que obedecer; nada de rebeldia, pode até dialogar. Converse, dialogue, mas nada de malcriação e tudo mais. Tenha seu ponto de vista, mas obedeça; obediência é fundamental (Açaí, 67 anos).*

*Não discuta com a mãe. Concordo com ela (Tamarindo, 68 anos).*

*Digo para eles fazerem o que a mãe mandar, porque ela é a mãe e eu sou avô (Jambo, 62 anos).*

*Tranquilo. Sua mãe tem razão, sempre tem razão, embora algumas coisas eu digo: “Maneira nesse negócio!” Mas eu não vou dizer a ele que ela não tem razão, de jeito nenhum. Às vezes eu começo a rir, eu digo: “mas Paulo, tua mãe tem razão, tua mãe trabalha o dia todinho e tu ainda está reclamando?” E ele é louco por ela... (Limão, 70 anos).*

*Nem sim, nem não! (Pêssego, 62 anos).*

A família é um sistema aberto e é composta por diversos subsistemas. A família extensa é um desses subsistemas, sendo assim a mesma é afetada pelas alterações que ocorrem na família nuclear, ou seja, no caso de separação, alterações dos arranjos familiares, como é caso das famílias monoparentais, onde os avós entram como suporte para ajudar nos cuidados com os netos, tarefas domésticas, negociação de conflitos, na socialização e na ajuda financeira. A longevidade do ser humano tem sido um dos fatores que possibilita essa proximidade. A presença do avô colaborando com os cuidados com os netos na família monoparental feminina demonstra que há um entrelaçamento das gerações, podendo o mesmo funcionar como referencial paterno (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; FERLAND, 2006; ORTIZ, 2011; COSTA, 2013).

Com relação à atuação dos avós em caso de conflito entre as mães e os netos, Ferland (2006), Sampaio (2012) e Dias (2016) corroboram declarando que os avós podem intermediar a relação entre pais e filhos, apacando os conflitos, e na fase da adolescência são muito

importantes como figura de autoridade. Na fala do avô Açaí, ele afirma que procura suprir o que os pais não fazem, funcionando como um apaziguador dos ânimos, entrando como rede de apoio, suporte afetivo, o que está de acordo com o que afirma os autores (ORTIZ, 2011; COSTA, 2013).

*[...] eu acho três coisas fundamentais na educação, na criação de filhos e de netos e principalmente na educação de netos de pais separados; não pode deixar, se houver briga entre os casais, isto reflita nos filhos. Um filho ficar com raiva do pai, porque... por causa de... isso é uma desgraça, isso é algo que eu sempre procuro sempre evitar, por mais que o cara esteja errado e por mais que a mãe esteja certa, tem que se procurar sempre amenizar. Esta é a minha teoria, meu modo de ser, meu modo de agir, é botar panos quentes. Não vamos botar lenha na fogueira, já é algo traumatizante normalmente uma separação; então quando vê os filhos, os pais brigando e os avós atijando a fogueira, aí é complicado (Açaí, 67 anos).*

Quando questionados se os netos solicitavam ajuda quando havia algum desentendimento com as mães, os avôs foram unânimes em dizer que não havia conflitos graves e que os netos não solicitaram a intervenção deles porque não tiveram essa ocorrência ainda. As queixas recebidas são simples, dos netos que ainda estão na infância. As respostas denotaram que o relacionamento entre mães e filhos parece ser tranquilo.

Com efeito, as pesquisas sobre família monoparental feminina têm demonstrado que as dificuldades que são inerentes a esse arranjo familiar têm sido suplantadas pela união que é fomentada entre mães e filhos, devido às circunstâncias que englobam esse arranjo familiar. Isso contribui para o amadurecimento da relação e para o crescimento pessoal dos envolvidos, que se tornam pessoas mais resilientes e aptas a vencerem as vicissitudes do cotidiano; por conseguinte, os conflitos são minimizados, caindo por terra o estigma de família disfuncional (ORTIZ, 2011; COSTA, 2013).

O respondente abaixo, ao citar os netos, os chamou de filhos, o que pode denotar que a convivência é tão intensa que os confundiu como filhos.

*Não. De jeito nenhum, meus filhos com a mãe são muito unidos (Jambo, 62 anos).*

*Não. Às vezes ele vem, tá errado rapaz! Filho não pode discutir com a mãe. “Mas ela aperreia.” Aperreia como? Ai ele para. A gente vê tanto problema; eu já tive um irmão que brigava muito com meu pai, ele discutia muito com meu pai (Tamarindo, 68 anos).*

*Não. Na realidade eu nunca vi nenhum desentendimento dele com a mãe, não. Pedir ajuda de neto: “vó me dá uma graninha aí”, mesmo quando quer ir para um show, isso é normal. Mas ajuda. Nesse termo psicológico de conflito com a mãe, ele não tem não. Eles vivem tranquilos, ainda bem (Sapoti, 71 anos).*

*Não. Não. Eu não acho que elas não se desentendem. Mãe e filha, eu não acho que elas se desentendem [...] (Pêssego, 62 anos).*

*Não, ele reclama né: “mas vô olha pra mainha, olha para mainha”. Olhe, isso daí é você e sua mãe que tem que se entender, eu não vou interferir nisso aí. Quando sai um de junto do outro e eu converso com um e converso com o outro. Mas não interfiro no momento. Às vezes estão discutindo muito forte e eu digo: “Vamos parar com isso aí, que negócio é esse, nunca vi mãe discutir com filho assim”. Porque a minha educação com minha mãe também foi pessoa..., que hoje em dia é difícil da gente ter as mães que tinha antigamente; eram de casa, era aquela que vivia, convivia; hoje as mulheres trabalham mais, passam o dia trabalhando, chegam de noite em casa, passam pouco tempo com os filhos, assim para cuidar... (Limão, 70).*

#### 4.2.5 Ajuda prestada à mãe, chefe de família monoparental

Com relação à ajuda prestada, a maioria dos avôs citou que presta tanto ajuda financeira quanto instrumental. No quesito ajuda financeira, a maioria esclareceu que não há uma grande demanda de solicitação por parte da filha e que apenas dão uma ajuda simples; e, aparentemente, a maioria delas se mantém sem ajuda financeira dos pais. Apenas dois declararam que direcionam ajuda financeira às mães e todos demonstraram estarem dispostos a assistirem financeiramente os netos de família monoparental.

A ajuda varia entre ajudas eventuais e de valores mínimos. Há também ajudas regulares que cobrem mais de 50% das despesas dos netos, estando de acordo com o que

Ferland (2006), Osuna (2006), Golfdarb (2015) e Dias (2016) afirmam de que os avôs assistem financeiramente os netos, o que pode ser apontado nas falas citadas abaixo:

*[...] essa questão de subsistência de pensão alimentícia é um problema muito grande que a gente vê na Justiça, que a gente vê no dia a dia, os pais não prestarem assistência necessária, aí sobra para os avós. Então, praticamente a minha assistência, eu não digo total, mas é de 50 a 60% (Açaí, 67 anos).*

*Não é uma coisa regular, mas a gente termina prestando. [...] É claro, a gente está sempre ajudando (Sapoti, 71 anos).*

Jambo afirmou que, até os onze anos dos netos, ele era o responsável por pagar escola dos mesmos, mas devido à dificuldade financeira, tirou os netos da escola particular e os matriculou em escola pública. Apesar da dificuldade financeira, o avô está sempre disponível para ajudar as crianças. Tem uma renda muito baixa: um salário mínimo e meio. Percebe-se um grau de responsabilidade muito grande desse avô no sustento desses netos.

*Eu peguei meus netos, chegou “a” seis anos, sete anos botei para estudar, pagando no sufoco, pagar para eles dois estudar. Depois que eles chegaram a dez, onze anos, saiu porque não aguentei mais pagar e foi estudar pelo Governo. Aí já tirei da escola, não podia pagar todo mês, pagar a mensalidade. Comprar lápis, comprar todo material era eu e minha mulher que comprava. Ajuda é comprar uma roupa, um sapato, um celular, o que precisar para não viver pegando o que é alheio. Ajudo sempre. Ela está desempregada, trabalhava, mas está desempregada há muito tempo. Aí, tenho que ajudar (Jambo, 62 anos).*

Pêssego afirmou que presta uma pequena ajuda à neta:

*Presto sim, uma ajuda, pequena, financeira. Uma ajuda já está dizendo: uma ajuda, não é uma ajuda completa.*

Porém quando perguntado qual a ajuda que a filha requer dele respondeu:

*Não pede porque eu não dou, ela está queimada, o crédito dela acabou* (Pêssego, 62 anos).

Outro respondente, quando questionado qual a ajuda que a filha lhe pede diretamente, respondeu:

*Às vezes pede ajuda financeira, às vezes pede conselho, pede mais à mãe. É conversa de mulher para mulher (risos), mas às vezes pede, às vezes não precisa nem pedir, porque a gente sabe; a gente, por experiência de vida, a gente sabe o que é que está precisando* (Açaí, 67anos).

O item “ajuda instrumental” apareceu com mais frequência, de acordo com as respostas dos avôs. Eles levam e vão buscar na escola, levam ao médico, ajudam nas tarefas escolares, consertam brinquedos, fazem companhia ao neto na ausência da mãe, acolhendo-os em casa durante o dia e dando suporte para que as mães possam trabalhar. Na pesquisa empreendida por Osuna (2006), em Barcelona, foi evidenciado que 46,7% dos avôs ficam com os netos após a escola e 36,7% levam e trazem o neto da escola. A presença da mulher no mercado de trabalho está consolidada e os cuidados com os filhos e com os afazeres domésticos são de sua responsabilidade. Para dar conta dessas responsabilidades, a mulher chefe de família que não conta com a ajuda do cônjuge precisa do auxílio de uma rede de apoio, e a ajuda da família extensa é muito importante (ORTIZ, 2011; COSTA, 2013).

Com esse apoio, ficam evidenciados o caráter sistêmico da família e como o impacto das mudanças que ocorrem em seu seio resvala na família ampliada. Para Scarpati, Pertuz e Silva (2014), o fenômeno da monoparentalidade interrompe o ciclo vital da família e novas relações e funções são criadas dentro da dinâmica familiar. Nesse sentido, faz-se necessário reforçar os vínculos com a família de origem do pai ou da mãe porque a relação com os filhos precisa de um intermediador. Corroborando com essa afirmativa, no caso da monoparentalidade feminina, encontramos em Ferland (2006), Ortiz (2011), e Costa (2013) que a ausência da figura paterna pode ser atenuada pela presença do avô.

Limão afirmou que a ajuda que presta diz respeito a ir levar e buscar o neto na escola e no cuidado diário, já que ele passa as tardes na casa do avô. Educa, controla horário de jogos no computador, hora do banho, relacionamento com a avó e com a mãe. Ele dá trabalho para atender às ordens da avó, e o avô tem que intervir. Afirma que o neto prefere estar na casa dele a voltar para casa onde mora só com a mãe. Essa resposta lembrou o título do livro: "Na

casa dos avós é sempre domingo". Ele fica muito feliz em ajudar a filha, cuidando do neto que é de família monoparental, conforme se depreende das afirmações abaixo:

*A minha ajuda mais direta é com Paulo. Ontem fui buscar ele no inglês, lá em Casa Forte, veio pra cá, dormiu aqui na sexta-feira. Como eu lhe disse, ele não tem atividade durante à tarde, então eu apanho ele no colégio. Não é coisa que diz que é obrigado, mas eu faço porque gosto (Limão, 70 anos).*

Pêssego disse que a sua responsabilidade na criação dos netos é fazer o que for necessário na ausência dos pais. É uma ajuda eventual: se tiver chovendo ir levar e buscar na escola; se precisar, também levar a um médico ou a um hospital.

*Às vezes, vou apanhar. Se tiver chovendo vou levar. Às vezes, quando dá para levar... Mas se tiver o trabalho, o trabalho me impede (Pêssego, 62 anos).*

A obrigação da educação das crianças é dos pais, porém como visto, os avôs dão uma grande contribuição na educação dos netos, principalmente na ausência dos pais, por motivos profissionais. No caso das mulheres chefes de família, muitas vezes o horário de trabalho é ampliado para poder dar conta das despesas da casa e dos filhos sozinhas e, de acordo com Carter e McGoldrick (1995), o salário das mulheres é inferior ao dos homens. No auxílio à mãe, o avô pode colaborar como coadjuvante da socialização e educação dos netos (FERLAND, 2006; ARATANGY; POSTERNAK, 2010; ORTIZ, 2011). Consequentemente, como coadjuvante, pode, eventualmente, ser mais flexível, e essa condição atenua as críticas à atuação do mesmo (FERLAND, 2006).

Açai tem consciência de que não existirão cobranças com relação à sua atuação na educação dos netos, conforme citado abaixo:

*A gente demonstra mais carinho sem muita obrigação, sem o dever de educar. Você como pai, você tem uma obrigação, dever muito grande. Já os avós tem experiência, a experiência de vida que isso... e se você teve amor por seus filhos, pelos seus netos vai ser muito maior ainda. Talvez se você tivesse problemas com seus filhos, fosse complicado. Mas se você ama seus filhos e encarou e teve seus filhos com naturalidade, para ser avô é muito melhor ainda porque você já teve uma experiência de vida de criar, de criar crianças, de*

*criar um filho, então como o avô, no meu caso, praticamente vivem aqui. Só vão em casa para dormir, praticamente, mas existe uma responsabilidade eliminada, e tem uma coisa muito grande: o exemplo, que eles veem que é a figura do avô, que é mais bondoso, mais carinhoso, mais compreensivo do que os pais, normalmente (Açaí, 67 anos).*

O trecho da fala supracitada, onde o respondente Açaí declarou que se a relação com os filhos foi saudável e equilibrada, conseqüentemente a relação com os netos seguirá sem percalços, está de acordo com o que Aratangy e Posternak (2010) afirmam que a atuação do avô será exitosa a partir da aceitação de sua atuação como pai, com erros e acertos advindos desse papel, não existindo modelo pré-determinado para essa função. Osuna (2006), corroborando com essa visão, acrescenta que não tem delimitação de tempo para início e fim da relação.

#### 4.2.6 Sentimentos e percepções da função como avô em família monoparental

Com relação ao sentimento que têm por poderem ajudar as filhas no cuidado com os netos, de um modo geral, tanto instrumental, financeira e emocionalmente, todos os avôs foram unânimes em referir que se sentem felizes, satisfeitos. Acham natural prestar essa ajuda e afirmaram que, se pudessem, ajudariam mais. Pareceram orgulhosos de prestar ajuda às filhas e netos, fazendo isso com boa vontade. O avô Pêssego, através da ajuda que presta, se sente avô e pai da neta. Essas respostas esboçam o quanto a relação avós e netos é prazerosa e importante para os avôs, que não medem esforços para estarem presentes e ajudando sempre, no que for preciso. O prazer e a satisfação esboçada por esses respondentes foram também atestadas na pesquisa de Osuna (2006), em que os avôs se declararam muito felizes com o relacionamento com os netos. O investimento na afetividade é uma característica forte demonstrada pelos avôs idosos (LOPES; NERI; PARK, 2005; FERLAND, 2006; ORTIZ, 2011; DIAS, 2016). Essa postura carinhosa dos avôs também pode ser uma forma de passar a limpo a relação com a filha, no sentido de terem cometido falhas na sua criação e que agora procuram atenuar com os netos (CASTELLON, 2004).

Uma das causas da monoparentalidade nas classes menos favorecidas, de acordo com Weissmann (2009), é que os homens, por medo de não conseguirem arcar com o sustento da

família, se ausentam do convívio familiar. Quatro das famílias pesquisadas se enquadram nessa situação: os avôs Tamarindo, Damasco, Jambo e Bacuri. Em suas falas pode ser percebida a postura de desvelo desses avôs. A ajuda financeira, por parte de alguns, é feita com muito sacrifício, mas eles buscam suprir a lacuna deixada pelos pais das crianças (OSUNA, 2006; ORTIZ, 2011).

*Eu me sinto muito feliz e queria ter condições de ajudar mais. Fico até triste quando eu não posso ajudar dentro do possível (Bacuri, 64 anos).*

*Eu me sinto satisfeito de poder ajudar, pelo menos com pouco, né, ajudar. Sempre dando conselho [...] (Damasco, 75 anos).*

*Muito bom, muito bom, neto é neto. A gente diz que os pais educam e os avós deseducam. Tem um que diz o seguinte: na casa de vovô tudo pode, é tudo liberal, porque em casa é mais rígido, com as rédeas da mãe e do pai (Limão, 70 anos).*

*Eu me sinto como avô e pai, e olhando eles, dando reforço de apoio, é aquilo que eu já disse lá atrás. Se eu fizer para um, eu tenho que fazer para o outro (Pêssego, 62 anos).*

Ao serem questionados como é ser avô e pai, disseram:

*Porque o avô, geralmente, como aconteceu comigo, cria desde pequeno, aí às vezes, e talvez tenha mais consideração como um filho porque é uma criança, a gente viu de nada, agora está um galalau (Pêssego, 62 anos).*

*“[...] eu sempre fiz de tudo e faço tudo para ajudá-los, não só financeiramente, mas em tudo, e quando eu vejo numa separação que os pais são ausentes, principalmente na forma de afeição, só resta os avós para dar essa afeição, esse amor, o carinho que as crianças precisam. Então eu acho isso fundamental, então pra mim eu faço isso com o maior prazer, o maior gosto, com maior alegria. Eu gostaria que os pais fizessem, o pai ausente ou a mãe ausente, dependendo do caso, não vou especificar, mas falando de um modo geral, eu acho que os pais nunca podem deixar de ter afeição pelos filhos só porque se separaram [...] (Açaí, 67 anos).*

*Sempre quando pede um dinheiro e quando eu tenho eu dou a ele. Está tão difícil, né? [...] Eu me sinto bem, é sangue né, nunca deixo de ajudar (Tamarindo, 68 anos).*

*A gente faz com a maior boa vontade, dentro das condições da gente (Sapoti, 71 anos).*

Ao responderem à pergunta sobre como os netos os veem como avôs, a maioria respondeu de forma positiva. Eles apresentaram a percepção de que os netos têm afetividade, carinho e respeito por eles, citando que são percebidos como avôs e pais. Dois deles entendem que influenciaram intelectualmente os netos: Açaí acha que o neto está estudando Direito por influência dele, e Sapoti afirma que o neto tem bastante afinidade com ele, gosta muito de ler e discutir os assuntos juntos. A afetividade entre avôs e netos é ressaltada por Ferland (2006) e continua sendo evidenciada nos dias atuais. Para Dias (2016), os avôs valorizam a relação com os netos, sendo a mesma mais importante do que os recursos financeiros. Os respondentes demonstraram que têm contato diário com os netos, e o convívio frequente vai influenciar na percepção positiva da relação (OSUNA, 2006). Conforme pode ser depreendido das respostas abaixo:

*Eles têm um respeito assim muito intelectual comigo porque dizem que eu sei de tudo, que eu vivo lendo. Realmente, eu vivo lendo, isso não é de hoje. Eu estudei francês, eu estudei inglês. Eu sou, digamos, eu sou quase um intelectual; não escrevi nada, mas vivo assim com livro por todos os lados, gosto muito de história, gosto muito de história. Converso muito com ele, a menina é mais avoada, o Roberto é mais centrado. A gente conversa muito com ele sobre o físico que é “tronchinho” na cadeira, sobre o buraco negro, formação do universo, essas conversas eu só tenho com ele, nem com a avó, nem com a mãe, por isso que eu digo que ele é um menino mais centrado. Aí a gente se entende nas coisas assim, aí é claro, é uma questão de afinidade; enquanto a outra gosta de Safadão, o menino gosta de cientista. Fala a mesma língua. É uma questão “das” empatias [...] (Sapoti, 71 anos).*

*Ah, é interessante, eles gostam muito, né? Porque a gente é mais para curtir, não é para dar ordem, então eles curtem muito e eu tenho um vício de consertar os brinquedos*

*deles, tudo deles é “oh... leva para vovô consertar”, quando quebra qualquer coisa (Limão, 70 anos).*

*Eles me “vê” como avô e pai, porque vive tudo juntinho, de uma casa para outra, vizinho, quando não está na casa da mãe está na minha casa. E assim... (Jambo, 62 anos).*

*Pela educação dos próprios pais, quando nasce já vai mostrando quem é vovó, quem é vovô. O pequenininho, mesmo de sete meses, quando eu chego na casa dele, e pergunto: “Cadê o João de vovô?” Está no braço da mãe, ele já vem com os bracinhos, essa é a educação nossa. Eu acho que eles me veem como avô e que “gosta” de mim (Bacuri, 64 anos).*

*Eu acho que eles me sentem como um avô de verdade, eles não têm nada contra, eles não têm nada contra mim (Pêssego, 64 anos).*

*[...] têm um respeito muito grande, é algo assim que você tem que manter uma imagem boa, tem que procurar sempre dar exemplos, porque filho e neto se miram no pai e nos avós. O filho se mira no pai, a filha se mira na mãe, e algo assim escolhe sempre um. E com os avós também a mesma coisa, a partir do momento que você... vamos supor que você fosse um avô desregrado e na ausência do pai, o que é que eles iam ver? Um pai ausente e um avô desregrado, todo errado, o que é a imagem que eles têm que fazer, que eles vão fazer no futuro, na família? Então isso é muito importante que você tem que preservar essa imagem. Não que você faça só para preservar a imagem, você tem que fazer o que você é, mas como eu sou assim, procuro sempre andar de forma correta [...] (Açaí, 67 anos).*

Em sua resposta, Bacuri afirmou que os netos fazem uma distinção entre a casa da mãe e a dos avós. Na dos pais, eles bagunçam e importunam bastante, mas quando chega à casa dos avós, ficam calmos. Nesse sentido, Ferland (2006) afirma que, a partir dos três anos de idade, a criança já consegue discernir as regras de comportamento na sua casa e na casa dos avós, e que mesmo diferindo da casa dos pais, essas regras devem ser aceitas, sendo essas nuances benéficas para a estruturação subjetiva da criança.

*[...] eu vejo meus netos sendo criados diferentes, eles aperreiam tanto em casa, tanto, tanto, que a senhora não faz ideia, mas quando chega lá em casa, é tudo um santo. E a gente não fica brigando com eles. Brinca o dia todinho, come, brinca, e se possível, dorme, e não aperreia, mas quando bota o pé em casa, já é gritando, já é chorando, já é esperneando e eu como avô que gosto, eu quero ter paciência. Às vezes vou embora porque não aguento. Mas o pai e a mãe têm calma, minha neta tem a maior calma, eu acho bonito, mas eu não tenho, eu não tenho essa calma não; e como criança já entende as coisas, são pequenos, mas já entendem: quando chega na minha casa vai brincando, mas quando chega na casa dela já é gritando: “mamãe, mamãe!” (Bacuri, 64 anos).*

É notória a presença dos avós junto aos netos de família monoparental. Desse modo, eles se percebem úteis e colaborativos, porém demonstraram reconhecer os limites de sua atuação para não prejudicar a autoridade que as filhas devem deter junto aos próprios filhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O metamorfismo vivenciado pelo sistema familiar tem sido o foco de diversas pesquisas. As variadas transformações que caracterizam nossa sociedade são irreversíveis, influenciam e são influenciadas pelas mudanças do sistema familiar num constante *feedback*. Não seria possível abordar todas essas transformações, porém convém ressaltar as que tocam a temática de nossa pesquisa e que têm mais relevância na configuração familiar monoparental feminina: a introdução da mulher no mercado de trabalho; o divórcio; e o relacionamento entre avôs e netos, vivenciado por mais tempo e impactado pela longevidade do ser humano.

Essas ocorrências interferem diretamente na família e, de acordo com as pesquisas científicas realizadas, tendem a aumentar. Convém ressaltar que o próprio fenômeno da monoparentalidade tem previsão de ocorrência ascendente. Por meio desta pesquisa não identificamos dois estereótipos sociais: a disfuncionalidade da família monoparental e o pouco envolvimento do homem na função de avô, nas diferentes camadas sociais. A dinâmica familiar das famílias pesquisadas aparentou transcorrer com as intercorrências normais do ciclo vital, sem grandes conflitos; e os avôs declararam-se muito felizes na relação com os netos e dispostos a fazerem tudo que for possível para que eles tenham o conforto necessário, mostrando-se afetuosos e cuidadosos com seus netos.

As causas de entrada na monoparentalidade, na maioria dos casos, se deram por separação ou por divórcio, havendo um avô que informou que o cônjuge de sua filha tem problemas com a lei e está recluso. Com relação às atividades que fazem juntos, ficou evidenciado que a idade dos avôs e a dos netos influenciam na realização das brincadeiras em conjunto, principalmente os avôs que já passaram dos setenta anos, os quais declararam que não têm mais resistência física para acompanhá-los, e que os netos quando crescem direcionam-se para outras atividades que não os incluem.

De modo geral, a relação dos participantes com os netos é de aceitação do papel, vivenciado com orgulho e entusiasmo, ajudando os netos de forma instrumental (realizando afazeres pelos netos, ajudando financeiramente); emocional (carinho, apoio, orientações) e simbólica (passando valores, tradições, crenças). Alguns se esforçam para manter um comportamento ético e moral que sirva de referencial na educação deles, pois os avôs sabem da importância que tem o bom exemplo para os netos.

Eles colaboram com a homeostase do grupo familiar, inclusive realizando tarefas tidas como maternas: acordar os netos, arrumar os netos para ir à escola, limpar os sapatos, dar carinho às crianças.

Os avôs da pesquisa referiram ter ficado muito felizes com a notícia de que havia chegado a hora de serem avôs, e no caso das gravidezes que ocorreram na adolescência, deram o suporte e a atenção devidos, sem ressalvas ou conflitos. A inauguração do papel de avô, a nova função no sistema familiar, foi abraçada sem restrições por eles. Um dos aspectos interessantes é que duas das avós, no entanto, não se sentiram muito confortáveis com a notícia das gestações das filhas ocorridas na adolescência, tendo inclusive uma delas expulsado a filha de casa. Tal reação, em décadas passadas, seria mais comum no avô, por sentir sua honra ou seu nome manchado, no entanto, eles mostraram mais flexibilidade do que suas esposas.

A maioria manifestou que o neto mais próximo são os primogênitos e os de família monoparental feminina, com exceção de dois avôs, o que demonstra o desvelo e o envolvimento deles ao ajudar a filha na tarefa de educar os netos, minorando a falta de apoio e carinho que deveriam vir do pai das crianças. Alguns deles referiram que os avós são para suprir a ausência dos pais e que fazem tudo para que os netos tenham o que precisam, chegando a se sentirem exercendo os dois papéis: de avô e de pai.

A relação muito próxima e o convívio diário passam a impressão de que moram todos juntos, quando, na realidade, moram em casas separadas. A proximidade geográfica facilita o contato e traz benefícios para todos os envolvidos: a mãe, que se tranquiliza por ter quem a ajude com os filhos; os netos, por terem a presença do avô nos seus cuidados; e os avôs que, por meio da relação com os netos, sentem-se revigorados.

Não restam dúvidas de que o avô tem exercido uma função social de grande vulto. Na ausência de políticas públicas que deem suporte para que as mães possam trabalhar para prover o sustento da família, muitos deles têm assumido parte da responsabilidade junto aos netos. Mesmo com algumas limitações físicas por conta da idade, pois todos estavam na fase idosa, e poucos recursos financeiros, eles procuram suprir, dentro das suas possibilidades, as necessidades dos netos, constituindo-se numa importante rede de apoio, colaborando para a qualidade de vida da mãe e atenuando sua sobrecarga nas tarefas do cotidiano.

O relacionamento entre os avôs e as mães pareceu ser bom, e há evidências de que elas facilitam bastante a presença dos avôs junto aos netos e colaboram assim com a harmonia com a família extensa, existindo uma convocação formal das mães para a ajuda. Em apenas

um dos casos é que o avô não fala com sua filha. Porém, apesar de não ter relacionamento com a filha, dá toda assistência à neta e declara que a mesma é como se fosse sua filha, apesar da literatura referenciar que se o relacionamento entre pais e filhos for estremecido, isso atrapalhará a relação entre avós e netos.

De acordo com o que sinalizaram, não existem conflitos graves entre mães e filhos. Tudo parece transcorrer em clima de harmonia, com as intercorrências esperadas na relação durante o ciclo vital familiar, e isso pode ser resultado da postura dos avôs no apoio às decisões maternas para a educação dos filhos. Eles asseguraram que não interferem nas ordens e regras que as mães ditam aos filhos, entendendo que a função que exercem é de avô, reconhecendo a autoridade da filha e, só se houver alguma ressalva a ser feita, chamam a mãe, em particular, e a aconselham. Essa postura é salutar para manter a ordem e o respeito pela figura materna, evitando as coalizões entre avôs e netos, que é um dos elementos que desestabiliza a dinâmica familiar.

No entanto, três dos respondentes consideraram que a educação dada pelas mães deveria ser mais rígida, pois entendem que elas são muito flexíveis. Um deles afirmou que se não fosse o temperamento calmo dos netos, pela falta de regras claras, poderiam ter comportamentos desajustados do ponto de vista social. No caso específico dessa família, entendemos que o esforço envidado por esse avô para manter a família unida e educar pelo exemplo tem sido um dos fatores que corrobora para o comportamento ajustado dos dois adolescentes em questão. Esse suporte dado pelo avô vem atestar o caráter sistêmico da família, demonstrando que as características da família monoparental feminina afetam a família extensa e são afetados por ela. Nessa configuração familiar há uma convocação premente de uma rede de apoio.

No exercício da função de avô, os respondentes esboçaram alguns comportamentos que podem sugerir atitude de reparação frente a alguns acontecimentos passados nas suas histórias de vida: um avô que demonstrou ser extremamente afetivo, que já teve na própria família o caso da irmã dele expulsa de casa por não ser mais virgem e ele não quis repetir o mesmo erro dos pais, como explicitado anteriormente. Outra atitude de reparação pode ser denotada através do posicionamento do avô que também se separou e se sente na responsabilidade de amenizar a mesma situação com os netos, prestando toda ajuda necessária. Frisou muito que continuou a ser um bom pai, mesmo separado, e criticou o genro que não se aproxima do filho. Ele, claramente, tenta ocupar esse papel junto aos netos que são de família monoparental. Outro avô que aparenta ser muito rude e ressentido com a filha,

provavelmente devido às escolhas afetivas que ela fez em continuar se relacionando com o pai da neta, que está preso. Mas mesmo assim se diz muito apegado à neta, reparando o afastamento que tem da filha e, do seu jeito, ele também tenta suprir a ausência paterna da vida da neta.

Concluimos que os avôs se sentem muito felizes na relação com os netos e investem bastante nela, deixando cair por terra os estereótipos sociais de que os homens não sabem demonstrar carinho e afeto. No entanto, esses achados não podem ser considerados conclusivos e nem podem ser generalizados, tendo em vista a amostra reduzida e as características culturais da região Nordeste, já citadas. Faz-se mister que novas pesquisas, se possível, com amostras maiores e de diferentes regiões do Brasil, sejam executadas para comprovarem ou refutarem o envolvimento do avô na dinâmica da configuração monoparental feminina.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos. Transformações da conjugalidade, dilemas do contemporâneo, divórcio e guarda compartilhada. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos (Org). **Psicologia, família e direito: interfaces e conexões**. Curitiba: Juruá, 2013, p. 313-325.

ARANTANGY, Lídia; POSTERNAK, Leonardo. **Livro dos Avós: na casa dos avós é sempre domingo?**. São Paulo: Primavera Editorial, 2010.

ARANTES, Pollyana Rodrigues; OLIVEIRA, Junior Lúcio Cândido. Conceito contemporâneo de família. **Revista Eletrônica Jurídica**, Rio Verde, v.1, ano 1, p. 14-17, fev. 2010. Disponível em: <www.fesurv.br>. Acesso em: 28 dez. 2016.

BALIANA, Livia Karla. **Monoparentalidade feminina e seus desafios: um estudo exploratório**. 2013. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <www.iscsp.ulisboa.pt>. Acesso em: 4 nov. 2016.

BAPTISTA, Makilin Nunes; CARDOSO, Hugo Ferrari; GOMES, Juliana Oliveira. Intergeneracionalidade familiar. In: BAPTISTA, Makilin Nunes; TEODORO, Maycoln. (Orgs). **Psicologia de família, teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012, p.16-26.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

\_\_\_\_\_. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BISCAIA, Jorge. Os avós. **Revista Povos e Culturas**, n. 10, p. 80-86, 2005-2006. Disponível em: <www.fch.lisboa.ucp.pt>. Acesso em: 26 out. 2016.

BROWN, Fredda Herz. A Família pós-divórcio. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica (Orgs). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 321-343.

CAMARANO, Ana Amélia. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Estudos Avançados**, v.17, n. 49, p. 35-63, 2003.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica (Orgs). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 7-29.

CARVALHO, Dimas Messias. **Direito das famílias**. 4. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2015.

CASTELLON, Armando Barriguete. Figuras da parentalidade, o pai, o avô: a psicodinâmica do avô. In: SILVA, Maria Cecília Pereira da (Org.). **Ser pai, ser mãe, parentalidade: um desafio para o terceiro milênio, uma homenagem internacional a Serge Lebovici**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 155-157.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 13 maio 2016.

\_\_\_\_\_. Estatuto do idoso: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 03 nov. 2016.

COSTA, Demian Diniz. **Famílias monoparentais: reconhecimento jurídico**. Rio de Janeiro: AIDE Editora, 2002.

COSTA, Florença Ávila de Oliveira. MARRA, Marlene Magnabosco. Famílias brasileiras chefiadas por mulheres pobres e monoparentalidade feminina: risco e proteção. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 141-153, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 51-66.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. **Interação familiar: a influência dos avós sobre a família nuclear, estudo de caso**. 1983. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 1983.

\_\_\_\_\_. A importância dos avós no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 10, n. 01, p. 41-47, 1994.

\_\_\_\_\_. Avôs e bisavôs: percepções e vivências desses papéis. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; ZUCOLATO, Patrícia Carla Silva do Vale (Orgs). **Paternidade na sociedade contemporânea**. Curitiba: Juruá, 2016, p. 287-301.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; SILVA, Deusivânia Vieira da. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org). **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau, 1999, p. 118-149.

DOLTO, Françoise. **Os caminhos da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FALCÃO, Deusivânia. A pessoa idosa no contexto da família. In: BAPTISTA, Makilin Nunes; TEODORO, Maycoln (Orgs). **Psicologia de família, teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012, p. 100-111.

FERLAND, Francine. **Os avós nos dias de hoje: prazeres e armadilhas**. Lisboa: Climepsi Editores, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOLDFARB, Delia Catullo. **Abuelidad y transmission psíquica entre generaciones**. 2015. Disponível em: <<http://geracoes.org.br>>. Acesso em: 20 out. 2016.

GONÇALVES, Tiago José Alves. **Educação dos filhos em famílias monoparentais femininas: o contributo do educador social no desenvolvimento de competências sociais**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Especialização em Educação Social, Universidade Portucalense, Porto, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.uportu.pt>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <<ftp://ftp.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 out. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE**: síntese dos indicadores sociais. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br>. Acesso em: 04 jun. 2015.

ISOTTON, Rogério; FALCKE, Denise. Quando um dos genitores detém a guarda dos filhos: que configuração familiar é essa? **Revista Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 92-106, 2014. Disponível em: <www.pepsic.bsalud.org>. Acesso em: 08 de jun. 2015.

HERNANDIS, Sacramento Pinazo. Significado social del rol de abuelo. **Revista Multidisciplinar de Gerontología**, Valencia, v. 9, p. 169-176, 1999. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 15 out. 2015.

JESUS, Liz Fernanda Mota. **A psicanálise quando fala da função paterna se refere ao pai da realidade?**. 2009. Disponível em: <www.psicologia.pt>. Acesso em: 04 dez. 2016.

LACERDA, Carmem Silvia Maurício de. **Monoparentalidade**: um fenômeno em expansão. 2006. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós Graduação em Direito) - Faculdade de Direito do Recife, Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <www.repositório.ufpe.br>. Acesso em: 10 jun. 2015.

LEBOVICI, Serge. Diálogo Letícia Solis-Ponton. In: SILVA, Maria Cecília Pereira da (Org.). **Ser pai, ser mãe, parentalidade**: um desafio para o terceiro milênio, uma homenagem internacional a Serge Lebovici. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 21-27.

LIMA, César Augusto Saouda; ROCHA JUNIOR, Armando. O processo de reparação na mudança da avosidade para a parentalidade baseado na custódia e educação dos netos. **Revista Educação**, Guarulhos, v. 9, n. 1, p. 61, 2014. Disponível em: <http://revistas.ung.br>. Acesso em: 13 dez. 2014.

LOPES, Ewellyne Suely de Lima; NERI, Anita Liberalesso; PARK, Magareth Brandini. **Ser avós ou ser pais**: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. 2005. Disponível em: <www.revista.unati.uerj.br>. Acesso em: 03 nov. 2016.

MACEDO, Rosa Maria. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 62-68, nov. 1994. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br>. Acesso em: 12 jun. 2016.

MCGOLDRICK, Mônica. As mulheres e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 30-64.

MENDES, Mary Alves. **Mulheres chefes de família área zeis: gênero, poder e trabalho.** 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em: <[www.repositorio.ufpe.br](http://www.repositorio.ufpe.br)>. Acesso em: 02 jan. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MINUCHIN, Patrícia; COLAPINTO, Jorge; MINUCHIN, Salvador. **Trabalhando com famílias pobres.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MORAGAS, Ricardo. **Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida.** 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

ORTIZ, Juan José González. Educación y valores en las familias monoparentales. Instituto de Ciencias de la Familia de Murcia. **Familia**, Murcia, v. 42, p. 61-86, 2011. Disponível em: <[www.unav.edu](http://www.unav.edu)>. Acesso em: 05 jun. 2015.

OSORIO, Luiz Carlos. Novos rumos da família na contemporaneidade. In: OSORIO, Luiz Carlos; VALLE, Maria Elizabeth Pascual do (Orgs). **Manual de terapia familiar.** Porto Alegre: Artmed, 2011. v.2, p. 17-26.

OSUNA, Maria José. Relaciones familiares en la vejez: vínculos de los abuelos y de las abuelas con sus nietos y nietas en la infancia. **Revista Multidisciplinar de Gerontología**, Barcelona, v. 16, n. 1, p. 16-25, 2006.

PECK, Judith Stern. MANOCHERIAN, Jennifer. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 291-320.

PEDROSA, Aline Silva. **Homens idosos avôs: significado dos netos para o cotidiano.** 2006. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br>>. Acesso em: 08 set. 2016.

RAPOSO, Hélder Silva; FIGUEIREDO, Barbara Fernandes de Carvalho; LAMELA, Diogo Jorge Pereira do Vale; NUNES-COSTA, Rui Alexandre; CASTRO, Maria Conceição; PREGO, Joana. Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 29-33, 2011.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Investimento da mulher no mercado de trabalho: repercussões na família e relações de gênero. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org). **Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Ed PUC – RIO: Prospectiva, 2015, p. 103-117.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SAMPAIO, Daniel. **A razão dos avós**. 4. ed. Portugal: Editorial Caminho, 2012. E-Book.

SARACENO, Chiara. **Sociologia da família**. Lisboa: Editorial Estampa Lda., 1997.

SCARPATTI, Mildred Puello; PERTUZ, Marta; SILVA, Adriana Silva. Limites, reglas, comunicacón em família monoparental com hijos adolescentes. **Diversitas: Perspectivas en Psicología**, Bogotá, v. 10, n. 2, p. 225-246, 2014. Disponível em: <www.psicodoc.idbaratz.com>. Acesso em: 07 out. 2015.

SILVA, Camila Cuencas Funari Mendes. **Avós e netos: um encontro de diferentes tempos verbais**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unesp>. Acesso em: 20 out. 2016.

SILVA, Niedja Pereira; DIAS, Cristina Maria Souza Brito. Avôs e avós: percepção do papel. **Revista Symposium**, Nova Fase, 3, p. 51-57, 1999.

STRATTON, Peter; HAYES, Nick. **Dicionário de Psicologia Peter Stratton e Nick Hayes**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.


VALANTIN, Simone. A parentalidade dos avós. In: SILVA, Maria Cecília Pereira da (Org.). **Ser pai, ser mãe, parentalidade: um desafio para o terceiro milênio, uma homenagem internacional a Serge Lebovici**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 145-153.

WEISSMANN, Lisette. **Famílias monoparentais: um olhar da teoria das configurações vinculares**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. (Coleção Clínica Psicanalítica).

WOORTMANN, Klaas; WOORTMANN, Ellen. **Monoparentalidade e chefia feminina: conceitos, contextos e circunstâncias**. 2002. Disponível em: <[www.abep.nepo.unicamp.br](http://www.abep.nepo.unicamp.br)>. Acesso em: 26 out. 2016.

**ANEXOS**

## ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

	<p style="text-align: center;"><b>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO</b>  <b>PRÓ-REITORIA ACADÊMICA</b>  <b>PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA</b>  <b>CLÍNICA</b></p>
---	--

PREZADO(A) PARTICIPANTE:

1. O senhor está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada “A Função do Avô na Família Monoparental Feminina”. Nesta pesquisa entendemos família monoparental como o arranjo familiar no qual o pai das crianças não convive com a família e a mãe, sozinha, está responsável pelo cuidado dos filhos, tendo a ajuda da família extensa, principalmente do avô;
2. A seleção ocorreu através do método intencional e a sua participação não é obrigatória;
3. O senhor poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento;
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco;
5. Os objetivos deste estudo são: compreender a função do avô nas famílias monoparentais femininas. Especificamente: como se caracteriza a convivência dos avôs com os netos provenientes de famílias monoparentais; identificar os sentimentos e as percepções advindos dessa relação; as atividades que os avôs e netos realizam em conjunto e com que frequências; compreender a percepção dos avôs frente à mediação da mãe na relação deles com os netos;
6. Sua participação consistirá em responder a uma entrevista sobre as referidas questões;
7. Os benefícios relacionados com a sua participação nessa pesquisa dizem respeito ao fato de que o senhor poderá perceber de maneira mais adequada o relacionamento em sua família. Os resultados também poderão propiciar a compreensão acerca dessa organização familiar, beneficiando as famílias e os profissionais que lidam com essa temática;
8. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação;
9. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem. Todos os informes que possam identificá-lo serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação;
10. O material da pesquisa será guardado sob a responsabilidade da pesquisadora. A entrevista terá a duração de uma hora e será utilizado um gravador para gravar o conteúdo da entrevista.

11. O senhor receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

### **DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)**

Nome: CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

---

Assinatura

Endereço completo: RUA ALMEIDA CUNHA, 245, SANTO AMARO,  
BLOCO G4

2119.4172 (Departamento de Psicologia)  
Telefone

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 7º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa\_prac@unicap.br

Recife, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

---

Participante da Pesquisa

## ANEXO 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Como foi quando soube que iria ser avô pela primeira vez?
2. O senhor conviveu com algum de seus avôs? Que lembranças guarda dessa relação?
3. O senhor tem maior proximidade com algum neto (a)?
4. Esse neto(a) mais próximo é filho de quem?
5. Na sua opinião, qual a sua responsabilidade na criação dos netos?
6. O senhor presta alguma ajuda a eles? De que tipo?
7. Como o senhor se sente ao prestar essa ajuda?
8. Qual é a frequência dessa ajuda? (diária, semanal, mensal)
9. Que atividades que o senhor faz junto com os netos?
10. Como é a sua relação com seu filho/filha que são pais dos seus netos?
11. Como é a sua relação com o pai com das crianças?
12. Como o senhor avalia a criação que seu filha/nora dá a seus netos?
13. Seus netos lhe pedem alguma ajuda quando se desentendem com a mãe?
14. Sua filha ou nora lhe pede ajuda? Em que sentido?
15. Com o senhor acha que ele (as) o veem como avô?
16. O senhor acata as regras que a sua filha ou nora dita aos seus netos (dieta, atividades, gastos, etc) ?
17. O senhor os encoraja a atender às regras ditadas pelas mães?
18. Qual a diferença entre o Senhor e o Pai das Crianças?

**DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS**

Idade:

Escolaridade:

Estado Civil:

Profissão:

Ativo ou aposentado:

Religião:

Reside com:

Quantidade de netos: (sexo e idade deles):

Pais dos netos separados há quanto tempo:

Filhos de filha ou de filho (os netos alvo):

Quantidade de filhos (sexo e idade deles):

Renda Mensal: quantos salários mínimos?